

ENCONTRO COM A CULTURA ESPIRITA

ANIMISMO E
MEDIUNISMO

Dr. Alexandre Sech

DEUS E A
CRIAÇÃO

Prof. Deolindo Amorim

MORAL E
O HOMEM
MODERNO

Prof. Altivo Ferreira

BIOLOGIA E
ESPIRITISMO

(FORÇAS ESPIRITUAIS)

Dr. Jorge Andréa



CASA EDITORA

OCLARIM

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

ENCONTRO COM A CULTURA ESPÍRITA

AUTORES

Prof. Deolindo Amorim

Dr. Alexandre Sech

Prof. Altivo Ferreira

Dr. Jorge Andréa dos Santos



ENCONTRO COM
A
CULTURA ESPÍRITA



CASA EDITORA
OCLARIM

1ª Edição
5.000 Exemplares

Setembro – 1981

Composto e Impresso pela Casa Editora O Clarim
Propriedade do Centro Espírita “Amantes da Pobreza”
C.G.C. 52313780/0001-23 — Inscr. Est. 441002767
Rua Rui Barbosa, n.º 1070 — Cx. Postal 9
Matão — SP. — CEP. 15990 — Fone 82-1066 (DDD 0162)

DIGITALIZAÇÃO:
PENSE - Pensamento Social Espírita
www.viasantos.com/pense
São Vicente-SP - Brasil - julho de 2012

FICHA CATALOGRÁFICA

(C.D.D.) Classificação Decimal Dewey

133.9

Dr. Alexandre Sech
Prof. Altivo Ferreira
Prof. Deolindo Amorim e
Dr. Jorge Andréa dos Santos

ENCONTRO COM A CULTURA ESPÍRITA

Espiritismo
Casa Editora O Clarim
Matão — SP. — Brasil
224 páginas — 13 x 18 cm.
1 Espiritismo — 1 Título

Índices para catálogo sistemático:

- 133.9 Espiritismo
- 133.901 Filosofia e Teoria
- 133.91 Mediunidade
- 133.92 Fenômenos físicos
- 133.93 Fenômenos psíquicos

ÍNDICE

	<i>Pág.</i>
<i>Dr. Freitas Nobre</i>	
<i>PREFÁCIO</i>	<i>1</i>
<i>Prof. Deolindo Amorim</i>	
<i>DEUS E A CRIAÇÃO</i>	<i>11</i>
<i>Dr. Jorge Andréa dos Santos</i>	
<i>FORÇAS ESPIRITUAIS</i>	<i>47</i>
<i>PROCESSO REENCARNATÓRIO</i>	<i>91</i>
<i>Prof. Altivo Ferreira</i>	
<i>A MORAL E O HOMEM MODERNO</i>	<i>109</i>
<i>Dr. Alexandre Sech</i>	
<i>ANIMISMO E MEDIUNISMO</i>	<i>159</i>

DIREITOS AUTORAIS

*Os autores das conferências e os promotores do
ENCONTRO COM A CULTURA ESPÍRITA
cederam inteiramente os direitos autorais desta
obra para a Casa Editora O Clarim
(Centro Espírita "Amantes da Pobreza"),
fundada por Cairbar de Souza Schutel,
com sede em Matão, Estado de São Paulo, Brasil.*

Um grupo de companheiros espíritas uniu-se à direção do jornal "Folha Espírita" com dois objetivos básicos: levar ao grande público, espírita e não espírita, a Doutrina codificada por Allan Kardec aplicada aos temas da atualidade; trazer à capital de São Paulo nomes expressivos da Cultura Espírita, vindos de outros Estados, visando maior aproximação e identificação de propósitos.

Assim surgiu o "ENCONTRO COM A CULTURA ESPÍRITA".

Porque a música também é cultura, antecedendo cada conferência houve uma parte artística. Em seguida houve a preleção da noite e após, o público presente pôde participar, apresentando, por escrito, suas dúvidas.

Reunidas nesta obra, estão as quatro conferências, bem como perguntas propostas pela assistência, na ocasião, e respostas oferecidas pelos conferencistas.

Entregamos, agora, ao leitor este volume, desejando que de alguma forma este livro possa auxiliá-lo. Fazemos nossas as palavras de *Cairbar Schutel* em "Parábolas e Ensinos de Jesus".

"Permita o Supremo Senhor que esta despretensiosa obra leve aos lares em que entrar, a Paz, a Esperança e a Fé; que seja ela, para os que a compulsarem um fardo leve, um jugo suave, onde possam encontrar arrimo, orientação para uma vida nova, um consolo a mitigar dores ocultas, uma porta aberta para a Verdade, para o Amor, para a Felicidade!"

**Para este encontro foram convidados
os eméritos conferencistas:**

Prof. DEOLINDO AMORIM (procedente do Rio de Janeiro): Presidente do Instituto de Cultura Espírita do Brasil e ex-Presidente da Associação Brasileira de Jornalistas e Escritores Espíritas; autor de várias obras doutrinárias de caráter filosófico.

Dr. JORGE ANDRÉA DOS SANTOS (procedente do Rio de Janeiro): Médico Psiquiatra; expositor do Instituto de Cultura Espírita do Brasil; autor de várias obras doutrinárias de cunho científico.

Prof. ALTIVO FERREIRA (procedente de Brasília): Economista e bacharel em Direito; membro atuante do movimento de Unificação espírita (USE); ex-secretário de redação do jornal Unificação e articulista doutrinário de caráter filosófico

Dr. ALEXANDRE SECH (procedente de Curitiba): Médico psiquiatra, idealizador do Curso de Orientação e Educação Mediúnica (COEM); membro da Federação Espírita do Paraná e autor de vários estudos doutrinários.

O programa foi assim constituído:

Dia 4/10/80 Prof. Deolindo Amorim (RJ.)
tema: Deus e a Criação

Dia 11/10/80 Dr. Jorge Andréa dos Santos (RJ.)
temas: Forças Espirituais e
Processo Reencarnatório

Dia 18/10/80 Prof. Altivo Ferreira (DF.)
tema: A Moral e o Homem Moderno

Dia 25/10/80 Dr. Alexandre Sech (PR.)
tema: Animismo e Mediunismo

LOCAL: Auditório Brasília Machado Neto, no SENAC
(Serviço Nacional de Aprendizagem Co-
mercial), à Rua Dr. Vila Nova 228, São
Paulo, Capital.

Prefácio

— ESPIRITISMO E CULTURA —

Constituiu-se em importante acontecimento a realização em São Paulo em 1980, do Encontro com a Cultura Espírita que se repetiu em 1981, graças à ação de um dedicado grupo de confrades.

Nesse Encontro, não apenas a exposição, como também, os debates marcaram uma fase de atualidade nos estudos do Espiritismo e da Ciência, atendendo o grande interesse dos jovens universitários, particularmente, para aspectos dos numerosos fenômenos que a Parapsicologia, a Medicina, a Física, etc, não têm conseguido explicar, embora os constatem de forma evidente.

A simples exposição não atenderia à curiosidade científica, religiosa ou filosófica dos que acorreram em tão grande número às palestras dos companheiros Deolindo Amorim, Jorge Andréa, Altivo Ferreira e Alexandre Sech.

O debate que se seguiu reacendeu o interesse pelos temas científicos e sua relação com os princípios codificados na obra de Allan Kardec.

Quando até mesmo os países que vivem afastados da religião, como a União Soviética, estudam

os problemas da mediunidade, embora rotulando-os com outras denominações, (Sheila Ostrander e Lynn Schroeder em Fantásticas Pesquisas Parapsíquicas na Rússia, Edição Robert Lafont), não podemos permanecer arranhando o litoral da matéria científica.

A colaboração dos médiuns dos vários continentes, especialmente a sua contribuição científica, com os russos confirmando a transmissão de mensagens telepáticas de um indivíduo a outro em distância de centenas de quilômetros, publicando fotos de feixes de luz cintilante de cor violeta envolvendo o corpo humano, o crescimento rápido dos estudos parapsicológicos, denuncia objetivos não apenas científicos, culturais ou filosóficos, mas também políticos a impulsionarem a pesquisa nesse setor.

As próprias comunicações de astronautas com seus centros de controle na terra, por ocasião dos vôos, nos Estados Unidos, nos levam a um tipo novo de comunicação interplanetária, abrindo uma ampla perspectiva para outras importantes experiências nesse campo.

Ora, esses estudos dos fenômenos paranormais que empolgam cientistas americanos e soviéticos como o biólogo Naumov, conduzem a um tal campo de interesses que somente este cientista já proferiu na URSS cerca de 500 conferências sobre Percepção extra-sensorial.

Ora, diante de tanta atualidade para a matéria fenomenológica, não apenas no ocidente que já conhecemos, mas especialmente no leste europeu e

no oriente, não poderíamos ficar alheios ao profundo interesse dos jovens pesquisadores ou simplesmente curiosos no melhor conhecimento dessas fenômenos.

E o Encontro com a Cultura Espírita, reunindo tantos companheiros credenciados no campo da ciência, serviu de ponto de ligação para esse interesse científico e para o aprimoramento da cultura espírita.

É importante saber que o Espiritismo ajusta-se ao progresso e que considera o desenvolvimento científico como parte integrante da própria destinação do homem, conseqüente da sua integração com a divindade.

Allan Kardec — já como espírito — em mensagem recebida em Paris, em 17/8/1869, publicada na Revue Spirite, de setembro de 1869, páginas 271-272 — enunciava:

“O progresso é lei eterna dos mundos; jamais seremos, no entanto, superados por ele, porque da mesma forma como João Huss, aceitaremos sempre, como nossos, os novos princípios, lógicos e verdadeiros, que caberá ao futuro revelar-nos”.

Herminio C. Miranda, em prefácio de edição fac-similada (FEB, 1976), analisando essa mensagem, observa que “Kardec fixou os parâmetros para aferir-lhes o grau de aceitabilidade: eles devem ser lógicos e verdadeiros; conceito semelhante emitira quando ainda encarnado”.

A preocupação de demonstrar a atualização científica do Espiritismo e sua marcha harmonizada com a ciência, é tarefa valiosa e urgente.

J.L. Crouzet, no seu Repertoire du Spiritisme, Edição "Au Bureau de la Revue Spirite", Paris, 1874, à página 50, destacava que o Espiritismo não faz milagres e que para provar que os fenômenos espíritas são fatos sobrenaturais, seria necessário provar que eles são contrários às leis da natureza cuja existência o Espiritismo revela. Ainda no seu Repertoire, Crouzet anotava (pag. 260) que o homem não pode sustar o progresso, embora algumas vezes possa entravá-lo e que ele próprio não estacionará (pág. 259), exatamente porque tem os olhos voltados para as conquistas do futuro.

Indispensável relembrar o sentido essencialmente evolutivo do Espiritismo, não esquecendo a observação de Crouzet, segundo a qual quando o tempo de uma descoberta é chegado, os espíritos procuram o homem capaz e inspiram as idéias necessárias que ele elabora.

Deolindo Amorim, presidente do Instituto de Cultura Espírita do Brasil, no Encontro com a Cultura Espírita 1980, explorou o tema Deus e a Criação, demorando-se no estudo da causa, da causa eficiente, da causa das causas, da causa primária de todas as coisas, da criação e evolução, aceitando o desafio da demonstrabilidade de sua existência. A verdade é que membros do Instituto de França, da Academia Francesa, como Raymond Aron, Eugène

Fonsecos e Jean Rostand, ou Premio Nobel como François Jacob, Alfreia Kastier, etc, colocados diante da grande indagação "Deus existe?", (Cristian Chabanis, Edição Fayard, Paris, 1973), confundem-se e confessam, quando se esgotam as especulações científicas, que a partir daí, não encontram manifestações lógicas no conhecimento contemporâneo que se esgota sem poder aprofundar-se.

Demonstrou Deolindo Amorim que somente o Espiritismo é capaz de dirimir as dúvidas em torno da existência de Deus.

* * *

A palestra de Jorge Andréa tratou dos problemas paranormais, do inconsciente, do intersexualismo, transexualismo, homossexualismo, bissexualidade; a questão do aborto no processo reencarnatório; a programação que conjuga o campo espiritual e o campo físico; o aproveitamento do potencial genético dos pais, enfim, as forças espirituais dentro do esquema Biologia e Espiritismo.

* * *

Altivo Ferreira, no estudo sobre a moral e o homem moderno analisou os fundamentos morais do Espiritismo, a política, a revolução industrial e a máquina.

Para os assistentes, o interesse crescia em cada resposta às perguntas formuladas, dissipando dúvidas e completando conceitos.

Vale recordar que Bergson, ante a tecnologia avassaladora, advertia que era preciso devolver ao mundo ameaçado pela máquina um quantum de alma que lhe foi furtado.

Esse tema nos leva a algumas observações que podemos acrescentar nesta apresentação, apenas como modesta contribuição ao debate que essa palestra provocou.

As reencarnações sucessivas colocam-nos em estágios sociais diversificados. Essas disparidades sociais só podem ter uma explicação lógica através das vidas sucessivas. Deus (ou outra denominação que a humanidade possa dar ao responsável pela harmonia do cosmos e pelo equilíbrio da vida entre coisas e seres) não seria justo se a vida comesse com o berço e terminasse com o túmulo. Não apenas no Brasil, mas em todo o planeta, essas disparidades refletem a justiça maior na recomposição das vidas e na continuidade espiritual das individualidades que não se desfiguram através da reencarnação e que estão sujeitas às causas atuais e anteriores das aflições.

O espírita encontra nessas desigualdades a explicação lógica para aquilo que parece ser a injustiça da vida. Exatamente nessa desigualdade reside a origem da igualdade e aquele que em vida anterior deixou débitos a resgatar vem na nova encarnação pagá-los da maneira como ajudou a escolher como forma de ressarcimento.

Para o Espiritismo, são diferentes as categorias dos mundos habitados, segundo o grau de progresso ou de inferioridade de seus habitantes.

É que na terra não está concentrada toda a humanidade, mas uma pequena parcela.

Por isso mesmo, — no Evangelho Segundo o Espiritismo — Kardec esclarece a situação material e moral da humanidade terrestre, levando-se em conta a missão do nosso planeta e a natureza daquelas que o habitam.

Assim, o espírita não deve e nem pode ser indiferente às questões sociais que o rodeiam. O progresso da humanidade é uma constante, pois que não se admite retrocesso. Como no cálculo dos milênios uma década é um grão de areia ou uma gota d'água, é preciso não perder a noção do conjunto, analisando-o pelo detalhe.

O Espiritismo é revolucionário no sentido das mudanças sociais, e, embora várias modificações tenham sido feitas à base das reivindicações que a doutrina vem defendendo, muito resta a fazer. Por exemplo: a riqueza, a propriedade, o poder material, devem ser instrumentos a favor da coletividade. É a tese do condicionamento da propriedade ao bem-estar social. Melhor dizendo, para o Espiritismo, a riqueza que não é estática, mas que possibilita trabalho; a propriedade que exerce sua função social; o poder material que não se centraliza exclusivamente no lucro, são forças que a sociedade pode utilizar em benefício do conjunto.

Dessa forma, uma melhor distribuição da renda e o efetivo condicionamento da propriedade ao bem-estar social seriam pontos importantes numa reforma da sociedade e do Estado. Mas é evidente que esse relativo despreendimento dos bens terrenos — em razão da consciência ou da lei — não poderia marginalizar o problema da educação que é fundamental para o homem e para a Nação.

Quando isso ocorrer, todos terão a mesma possibilidade de acesso à escola, à assistência médica e hospitalar, ao salário e à aposentadoria justos. Mas esse é um estágio talvez distante de ser alcançado.

O espírita deve trabalhar para que todos, sem exceção, aproveitem a igualdade dos benefícios do progresso científico e possam viver como irmãos e não como inimigos uns dos outros.

O espírita, onde estiver, deve influir para que essa sociedade relativamente justa que aspiramos possa ser alcançada. Em primeiro lugar, deve agir como cristão, exemplificando no escritório, na fábrica, nos vários postos e funções que ocupe ou exerça, procurando fazer justiça e estimulando o respeito à dignidade do homem e a compreensão pela diversidade de origens e de vida que são frutos ou reflexos da justiça da reencarnação.

Assim, ninguém pode ser apolítico numa sociedade eminentemente política. Pode-se não ser partidário, isto é, não integrar-se em um partido político, mas não se pode ignorar a comunidade em

que vivemos e os seus problemas. Alguém já observou que quando uma pessoa afirma que não quer nada com a política, é como se dissesse “não quero nada com a vida”.

O espírita tem necessidade de ser político, embora não esteja obrigado a ser partidário.

Ninguém tem o direito de isolar-se numa redoma de vidro e ignorar que os grandes problemas contemporâneos dependem de uma ação política.

O espírita não é diferente dos demais, senão quanto ao conceito que tem da vida e as explicações que adota para as chamadas “injustiças sociais”. Por isso mesmo, tendo como senha o bem comum, o espírita terá que ter, frente às questões sociais, o mesmo comportamento do homem de bem, do patriota, com o espírito fraterno que não distingue ninguém pelo credo religioso, pelo sexo, pela cor, pelos bens que possua ou pelas convicções filosóficas e políticas.

* * *

Alexandre Sech expôs e debateu o tema Animismo e Mediunismo, analisando a natureza física e espiritual do homem, a ciência materialista perdendo seu objeto, o fenômeno animico. Baseado em Ernesto Bozzano, e examinando o animismo e o Espiritismo, desenvolveu com a competência que lhe é reconhecida, o estudo da mediunidade.

Como os demais conferencistas e debatedores, Alexandre Sech fixou-se no conceito kardequian-

no, segundo o qual fé inabalável é aquela que encara frente a frente a razão em todas as épocas da humanidade.

Defende o Espiritismo o direito de livre expressão do pensamento e acompanha o progresso científico com as cautelas da boa fé, mas também da exigência da verdade.

Alexandre Humboldt já advertia que “um ceticismo presunçoso que rejeita os fatos, sem examiná-los, é mais funesto que a credulidade que os aceita”.

Kardec defende a necessidade da razão e da lógica para fundamentar a convicção.

Em seu trabalho Qu'est-ce que le Spiritisme (Bibliothèque de Philosophie Spiritualiste Moderne et des Sciences Psychiques, de Paris), o próprio Kardec divulga um diálogo que merece ser reproduzido.

Um visitante, provavelmente, em uma de suas reuniões experimentais, em Paris, declarava, dirigindo-se a Kardec:

— Se o senhor consegue convencer-me — conhecido que sou como antagonista de suas idéias — isso seria um milagre destacadamente favorável à sua causa.

Kardec respondia:

— Eu me desculpo, senhor, mas não tenho o dom dos milagres. O senhor pensa que uma ou duas sessões são suficientes para convencê-lo? Isto seria, realmente, um feito extraor-

dinário, pois para mim foi necessário mais de um ano de trabalho para que eu me convencesse.

O Encontro com a Cultura Espírita não teve a preocupação de convencer nenhum dos seus assistentes, mas, especialmente, a de aguçar o interesse dos estudiosos e interessados na procura da verdade.

Há fatos que o Espiritismo coloca perante a análise da ciência dentro de critérios científicos, e que por isso mesmo não podem ser desprezados pelos que têm a obrigação profissional ou moral de estudá-los.

Epes Sargent, norte-americano que em 1880 escreveu o livro Bases Científicas do Espiritismo, traduzido da 6.ª edição inglesa e publicado pela FEB, sublinha (pág. 23) que “a ciência busca conhecer os fenômenos e descobrir as leis que os regem” e que, portanto, “o Espiritismo tem uma base científica em seus fatos provados”.

Levantando a bandeira da fé raciocinada, e, portanto, recusando os dogmas que se desequilibram na ausência de bases lógicas, o Espiritismo teve os seus primeiros livros queimados em praça pública.

O Auto-de-fé de Barcelona foi a primeira reação do obscurantismo científico e religioso contra a verdade que o Espiritismo revelava.

Nós, os espíritas, temos necessidade de procurar os jovens, ávidos de conhecimento e renova-

dores por excelência, para que a doutrina reformadora que é o Espiritismo possa ser o instrumento de construção da nova sociedade com que sonhamos, visando um mundo melhor e mais fraterno.

Os percalços se repetirão, como aconteceu com o primeiro deles em reação à lógica irrefutável da nova doutrina, exposta em livros e revistas.

Eraz dez horas e trinta minutos do dia 9 de outubro de 1861 na praça principal de Barcelona, então capital da Cataluã, local onde se executavam os criminosos.

Trezentos livros e folhetos sobre o Espiritismo (Revue Spirite, de Paris, dirigida por Allan Kardec; o Livro dos Espíritos; o Livro dos Médiuns; Fragmentos de Sonata, ditados pelo espírito de Mozart, etc) empilhavam-se no logradouro público para serem queimados na presença do bispo daquela cidade.

Um padre com uma tocha na mão e uma cruz na outra, executava o trabalho de destruição das obras espíritas, auxiliado por três funcionários da Administração da Alfândega que se encarregavam de alimentar o fogo.

No centro da praça a enorme fogueira e a população liberal de Barcelona clamando contra a violência à liberdade de expressão, gritando "abaixo a inquisição!"

Vários populares se aproximaram e recolheram cinzas.

As comunicações mediúnicas se sucederam, conforme nos relatam os jornais da época e, principalmente, a Revue Spirite, de Kardec.

A primeira dessas comunicações mediúnicas é a de um livreiro do século XVI, Dollet, que assim resume sua reação à violência inquisitorial: "Seguramente as fogueiras por si mesmas se apagarão e se os livros são lançados ao fogo, o pensamento imortal sobrevive a eles".

A cultura espírita analisada nestes Encontros não traz a pretensão fantasiosa da vaidade passageira, nem a presunção da verdade que exclui o debate contraditório e a verificação científica.

As cinzas dos livros espíritas destruídos em Barcelona foram uma grande lição, a semente para novas semeaduras.

As contestações que são feitas à doutrina espírita devem ser examinadas à luz da lógica e da ciência e quem se sente fortalecido pela verdade não precisa queimar livros nem destruir bibliotecas, mas colocar-se à disposição dos contestadores para com eles encontrar a realidade que o homem procura em tão longas distâncias e que em geral se encontra tão próxima deles.

FREITAS NOBRE

DEUS E A CRIAÇÃO

Prof. Deolindo Amorim

4 de outubro de 1980

Irmãos, distintos visitantes.

Inicialmente, queremos cumprir um dever, pelo menos de cortesia, agradecendo a honra que nos conferiram os organizadores deste programa, uma vez que nos proporcionaram a oportunidade, embora serfíssima, de vir aqui, para a sessão de abertura do *Encontro com a Cultura Espírita*. Queremos também declarar que trazemos a mensagem de solidariedade do Instituto de Cultura Espírita do Brasil e o fazemos com toda a satisfação, com o maior interesse nos trabalhos que serão realizados nesta jornada. Estamos com a incumbência de tratar de um tema antecipadamente escolhido na organização do programa: "Deus e a criação". Por isso, esboçamos um roteiro a fim de que nos situemos tanto quanto possível no assunto.

Encargo muito grave, porém sugestivo, na realidade. Sempre que somos convocados para tarefas de tal ordem, devemos trazer espírito de serviço. Cada qual transmite o seu recado como pode, contanto que sinta o que deva dizer e tenha o desejo sincero de trabalhar pela nossa Causa e colaborar na divulgação da Doutrina Espírita. E é certamente este o principal objetivo deste movimento. Pois bem, prezados confrades e ouvintes, o tema Deus e a Criação está nos primeiros capítulos de "O Livro dos Espíritos" e "A Gênese", de Allan Kardec, o que quer dizer, portanto, que é matéria preparatória de toda a Codificação da Doutrina, pois

da compreensão clara da existência de Deus depende o nosso entendimento das questões que daí decorrem. Como inquerir da origem do Espírito e do mundo sem pensar em Deus e a criação?... O assunto é dos mais oportunos, principalmente quando se sabe que, em virtude das contingências da vida atual e do estado de inquietação, desencanto e desespero em que vive muita gente, já se chega a questionar o próprio valor da idéia de Deus, e não mais a sua existência.

Já se discutiu muito sobre a possibilidade ou não de admitir a existência de Deus; porém, hoje, questiona-se para saber se é necessária à vida contemporânea a crença na existência do Ser Supremo. Diante da gravidade com que o problema se nos apresenta, naturalmente nós, espíritas, sentimos que se torna cada vez mais necessário o esforço que estamos fazendo, com a preocupação de esclarecer as nossas posições e dizer àqueles que não nos conhecem de perto ou estão mal informados a respeito de nossas idéias básicas, como é que entendemos a questão “Deus e a Criação”, ou melhor, o que a Doutrina Espírita realmente ensina a respeito da existência de Deus e das conseqüências da crença que nele temos. São muitos, em todas as classes sociais, os observadores que desconhecem as colocações espíritas e, por isso mesmo, não sabem como pensamos em relação a Deus e sua justiça. Muito oportuno, portanto, aproveitar um Encontro como este, com a presença de pessoas

estranhas ao meio espírita, para que falemos com toda a franqueza e digamos, na realidade, qual é o verdadeiro pensamento da Doutrina sobre Deus como idéia fundamental de todas as nossas cogitações de ordem filosóficas, social, moral, religiosa, por exemplo. Entremos, agora, na consideração do tema.

1) Noção de causa

Notemos como o Espiritismo apresenta o problema. De uma forma simples, sem nenhuma dificuldade filosófica, apenas começa assim: *Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas*. Poder-se-ia dizer: definição muito comum, ou talvez corriqueira. Mas precisamos compreender que a Doutrina se dirige ao público, indiscriminadamente. A Doutrina quer levar a mensagem, quer esclarecer e, justamente por isso, a sua linguagem tem que ser muito clara e franca. Haverá diversas maneiras de falar sobre Deus. Há ocasiões em que as sutilezas prejudicam a compreensão do assunto, pois não se trata apenas de matéria de fé, mas também matéria de especulação filosófica. No entanto, a Doutrina Espírita se expressa de um modo simples e conciso, afirmando a existência de Deus como “a causa primária de todas as coisas”. Começemos, então, pela noção de *causa*, segundo a Doutrina. Naturalmente nos preocupamos, antes de tudo, com a *causa eficiente*, a “causa das causas”, digamos assim, pois há outros tipos de cau-

sa, de acordo com a posição em que estejamos e com o objetivo que tenhamos em vista. Temos causa *material*, causa *instrumental*, causa *final*. Flguemos um objeto na mão, um objeto de madeira, bem trabalhado. Antes de tudo, a causa material, pois não existiria o objeto se não houvesse a madeira; porém, a madeira, por si só, não produziria o objeto completo e acabado, se não fosse o instrumento que lhe deu a forma e lhe traçou as características, o que constitui, portanto, a causa instrumental; mas ninguém faz uma peça de madeira ou talha uma pedra sem um *fim*, sem uma função correspondente, determinando-lhe o destino. Em suma, para que serve a peça? Para isto ou aquilo. É a causa final.

Poderíamos encerrar o raciocínio apenas com esta ilustração terra-a-terra? Claro que não. O instrumento não trabalharia por si mesmo, se não houvesse a inteligência que o conduziu. Sem a inteligência, capaz de aproveitar a matéria prima e usar acertadamente os meios instrumentais, não teríamos o objeto, pois nenhuma coisa se faz por si mesma, sem um elemento antecedente. A inteligência é, portanto, a causa invisível, a causa eficiente, responsável pela realização que estamos vendo. Como admitir uma obra bem traçada ou bem planejada sem admitir implicitamente a inteligência que tudo planejou? Nenhum objeto tem a sua origem em si mesmo. Se, finalmente, a inteligência não está no objeto visível, mas fora dele, e se tem o poder

de operar com acerto através dos instrumentos, somos levados a admitir, por dedução inevitável, que existe uma causa eficiente, anterior às outras causas, que lhe são decorrentes. Na mesma linha de raciocínio, se a inteligência é ordenadora e sabe o que quer e o que faz, obviamente não pode ser "obra do acaso"... Então, podemos inferir desta premissa que a inteligência, responsável pela idealização e execução do trabalho, é causa perante os objetos executados, mas é efeito perante a causa última, anterior ao ser humano. E onde está essa Causa maior, o poder criador da inteligência em virtude da qual o homem utiliza os instrumentos e transforma a matéria bruta? Em Deus (elucidação da Doutrina Espírita), pois Deus é a causa eficiente de todo o mecanismo universal. Neste ponto, e de certo modo, há coincidência com a velha direção aristotélica: partir dos efeitos e, de causa em causa, chegar à causa última. É certo que a influência cartesiana, muito forte no pensamento ocidental, viria depois desviar a atenção para as leis, e não tanto para as causas. Leve-se em consideração, ao mesmo tempo, a tendência que se abriu com o Positivismo, em cujos esquemas se exclui a discussão das causas para que se dê ênfase aos fenômenos, segundo as leis conhecidas: Enfim, não interessaria saber o *porquê* dos fenômenos, mas apenas *como* eles ocorrem. Desnecessária, conseqüentemente, qualquer inquirição acerca da causa remota, por ser um plano inacessível à intelligen-

cia do homem. Todavia, a despeito da projeção de certas idéias, contrárias a indagações desta ordem, há um fato que não pode ser negado: a "sede de saber", inerente à curiosidade do espírito e ao próprio desenvolvimento da razão. Logo, a questão da causa primária, questão que a Doutrina coloca em primeiro lugar no corpo de seus "princípios nucleares", não perdeu a sua relevância no decorrer dos tempos. Sempre houve atritos de escolas e teorias nos domínios da Filosofia e da Ciência. Sabemos que nos flancos dessas lutas do pensamento crítico já se questionou muito e ainda se questiona a probabilidade da existência de uma "causa superior", mas o nosso caso, aqui, é de transmitir o pensamento espírita, tanto quanto nos seja possível: sem a idéia de Deus, "causa primária de todas as coisas", a vida e o funcionamento do conjunto universal não têm sentido. Com este ponto de partida, inferimos a associação entre Deus e a criação.

2) Desafio da demonstrabilidade

Em seguida ao problema das causas, objeto de tanta polêmica e até de sofismas, há quem nos aponte o desafio da *demonstrabilidade* da existência de Deus. Pode ser comprovada pela demonstração a presença de Deus nas leis que regem a vida?... As objeções arguem simplesmente nestes termos: *Se um princípio, uma lei, uma tese não pode ser demonstrada, então não é verdadeira*. Nem todos os princípios são demonstráveis experimen-

talmente, nem por isso deixam de ser válidos. Sentimos as forças da natureza a cada passo, e elas nos impressionam os sentidos, mas não conseguimos *demonstrar* a realidade dessas forças em si mesmas, com abstração de seus efeitos. Poderíamos pô-las em dúvida, porque não são demonstráveis? Seria um despropósito. Para ser demonstrado objetivamente, Deus teria de ocupar um lugar no espaço físico por meio de uma configuração. Ficaria então determinado, e o que é determinado é limitado. A idéia de demonstração, neste caso, pressupõe a limitação de Deus, idéia incompatível com a concepção de sua infinitude.

Se é certo que jamais seria possível “comprovar a existência de Deus” pela demonstração configurada ou como se demonstram os efeitos de um princípio de Física, é certo, contudo, que existem vias de entendimento pelas quais podemos chegar à compreensão de uma “inteligência suprema”. A questão 244, de “O Livro dos Espíritos”, por exemplo, chega a declarar que os “Espíritos superiores podem vê-lo”. Os espíritos superiores — notemos bem —, o que equivale a dizer espíritos verdadeiramente iluminados. Vê-lo, portanto, noutro sentido, profundamente sutil, e não no sentido usual de localizá-lo ou descrever-lhe a forma, ajustada às dimensões que a nossa imaginação alcança. O verbo *ver* tem, aí, outra acepção, pois se refere a identificar-se com Deus pela iluminação.

Formulemos, agora, três perguntas para o de-

envolvimento de nossas considerações: Será Deus apenas um problema metafísico, destituído de interesse para a vida atual? Terá a crença nesse Poder Supremo condições de atender às necessidades íntimas do ser humano? Ou será Deus, no momento, o ponto de fixação de quantos estejam à procura de uma resposta ainda não encontrada na ciência, na filosofia ou na religião exterior? Três questões conseqüentes. Se entendemos por metafísica, não o “reino da fantasia”, mas o plano que transpõe o físico, inatingível pelos sentidos e pelos conceitos humanos, naturalmente Deus é transcendente pela sua natureza, como transcendentés são as forças que regem o Universo e, no entanto, se fazem sentir em nosso mundo pelos fenômenos que observamos a cada passo. Deus está na categoria do imponderável, mas imponderável não quer dizer fantasioso ou ilusório. Se a crença no Poder Supremo pode atender às necessidades íntimas da criatura humana, é problema de consciência. Mas a experiência prova, na própria vida cotidiana, que o homem se volta para Deus, muitas e muitas vezes em estado de desespero, quando lhe falta um ponto de apoio interior, já desencantado com os valores transitórios. E que resposta procura o homem quando se vê na opção de romper com os preconceitos e abandonar o seu círculo de idéias para recorrer a um plano mais alto? Naturalmente a resposta que envolve problemas angustiantes, assim que o ser humano começa a afligir-se com o vazio

dentro de si mesmo: “Por que existo?” “De onde vim?” “Que destino terá a minha vida depois de encerrado o ciclo biológico?”

Não se pretende trazer a ordem transcendental para o campo das ciências exatas, digamos assim, nem tampouco seria lógico querer aplicar a metodologia científica a uma esfera de conhecimento em que somente o refinamento espiritual oferece possibilidades de aquisições mais profundas. Mas a expansão dos recursos científicos do mundo atual — e é isto precisamente o que queremos dizer — não invalida a significação e oportunidade do tema proposto: “Deus e a Criação”. Em suma, a grande resposta só nos vem com a luz da maturidade espiritual, sem dependência do saber formal e da idade física. Mas a universalidade da idéia de Deus se revela nas mais variadas formas de crenças, desde os grupos mais primários em seu estágio cultural. A literatura antropológica, aliás, oferece muito material para a confirmação da crença em grupos ainda obscuros, porém inclinados à submissão a um Poder maior, por meio de objetos, rituais e testemunhos ostensivos. E a Doutrina Espírita já nos fala de um “sentimento inato”, por mais recuada que ainda seja a faixa evolutiva da criatura humana. A idéia, portanto, de um Poder criador não é fruto das chamadas “sociedades civilizadas”, não é uma criação cultural: ela existe no próprio ser, como necessidade mais profunda, sejam quais forem os meios de exteriorizar a adoração ou cum-

prir as prescrições deste ou daquele culto. E não é porventura uma prova convincente da universalidade da crença? E se esse “sentimento inato” não se comunica ao homem por herança de família ou do grupo, pois desponta com a própria tomada de consciência, somos levados naturalmente à dedução de que uma inteligência fora do homem se reflete no espírito, qualquer que seja o grau a que já tenha chegado. Poder-se-ia invocar a explicação dos “arquétipos”, de Jung, admitindo que o homem, ao “despontar para a vida” já encontra umas tantas idéias e uns tantos símbolos e valores conservados pela sociedade. Herança social, voltemos a dizer. Todavia, a idéia de um Ser Supremo, representado de formas diversas e algumas vezes exóticas para os nossos padrões, não vem do mundo exterior, não é absorvida como prescrição de regras, uma vez que se manifesta com toda espontaneidade, independentemente das constelações já existentes. Daí decorre, finalmente, que a procura de Deus é inata no espírito humano e corresponde a uma necessidade intraduzível no vocabulário convencional.

Depois destas observações, ocorre uma questão sobre a qual já se discutiu muito: qual a via de entendimento para a compreensão de Deus? A razão ou a fé? Velha demanda, ainda não de todo encerrada, apesar de tanto se consagrar, hoje em dia, o valor do “espírito prático”. Entre os dois prismas que dividem as opiniões — subjetivismo e obje-

tivismo — formam-se escolas e correntes adversas. Se os objetivistas preferem explicar Deus pela ordem do mundo ou pela confluência de provas externas, acima da vontade ou interferência do homem, os subjetivistas contrapõem a objeção de que seria inútil procurar Deus fora do mundo íntimo. Temos, aí, pelo menos três direções de pensamento sob a mesma proposição: para os racionalistas, é a razão a via natural de conhecimento e, por isso, o homem pode aceitar a existência de Deus racionalmente; já os que defendem a primazia da fé entendem que jamais o homem encontraria Deus pela razão, pois somente na fé se desenvolve a luz inata no espírito; ao mesmo tempo, os que conferem mais categorização ao plano emocional, rejeitando a capacidade da razão neste ângulo de conhecimento, não vêem outro caminho senão o sentimento. Deus não se racionaliza, sente-se. Assim pensam os defensores desta posição. E há também uma tendência muito fenomenológica, segundo a qual Deus é um fenômeno individual, existindo apenas no espírito da criatura humana.

O próprio Kant — cabe lembrar — defrontou-se com dificuldades em relação ao debate entre a razão e a fé. Mencionamos Kant justamente pela larga influência de suas reflexões críticas no mundo ocidental. Tem-se a impressão de que a única “saída”, para ele, seria o imperativo moral, pois a razão seria impotente, por si mesma, para explicar Deus. Deus seria entendido então pela

consciência do dever, isto é, pelo imperativo moral, que fala mais alto do que a razão e a fé. O homem não pode fugir à imposição do dever, acusado pela consciência. E esse estado de consciência, que se sobrepõe ao arbítrio do homem, indica a predominância de um poder moral. A reflexão kantiana leva ao subjetivismo, conquanto não espouse, neste ponto, a precedência da solução racionalista. E o sentimento do dever, no foro mais profundo da consciência, não nos revela a manifestação de Deus? Naturalmente. Se o conhecimento discursivo é insuficiente, porque opera com instrumentos da razão, que já é finita por sua vez, os lampejos do conhecimento intuitivo podem dilatar a nossa visão no sentido da realidade supra-intelectual (Bergson). Voltemo-nos, porém, para o fio de nossas idéias. Se Deus se revela, ao mesmo tempo, pela luz interior e pelas leis que presidem o equilíbrio universal, pois se não houvesse a previsão da regularidade, indicando uma ordem sábia, tudo seria o caos, logicamente não poderíamos tentar submetê-lo aos nossos processos de verificação. Temos de descobri-lo pelas claridades de nossa maturidade espiritual. Como poderíamos reduzir Deus às limitações espaciais que os nossos sentidos e a nossa inteligência alcançam, se os instrumentos de aferição que possuímos são aptos apenas para lidar com a natureza material? O argumento da indemonstrabilidade como justificativa da negação, por mais forte que pareça, não tem relevân-

cia decisiva. Poderia, finalmente, Deus ser *demonstrado* em laboratório?... E as demonstrações materiais nos trazem toda a verdade ou apenas evidenciam aspectos verdadeiros de uma realidade maior? Para demonstrar-lhe a existência, teríamos de dar-lhe uma forma ou colocação atinente aos conhecimentos humanos, o que equivaleria a localizá-lo no contorno visível de uma configuração. Já não seria Deus — o ser absoluto — mas uma entidade concebida nas limitações da condição terrena. A demonstração, em última análise, seria um modo de *determiná-lo* na angulação de nossa ótica; mas o que é determinado espacialmente é limitado. Procuremo-lo com outra visão, a começar pela intimidade da consciência, onde perdura uma lei moral que nos inspira os atos de justiça, acima e fora dos julgamentos convencionais.

Afirma a Doutrina Espírita que *a lei moral está na consciência*. Precisariamos então de demonstrações frisantes no mundo sensível ou de pura dedução matemática para aceitar a existência de Deus? Se nós o sentimos como o juiz mais reto, o juiz mais constante, nas mínimas como nas grandes contingências de nossa vida, uma vez que a nossa consciência funciona inapelavelmente, queiramos ou não, por que iríamos pedir provas mensuráveis ou “sinais” concretos? De onde vem a justiça que nos absolve quando estamos no caminho certo, pouco importa que a sociedade nos condene? Onde tem ela a sua origem? É a única justiça

que julga no foro íntimo e denuncia, em silêncio, tudo quanto fazemos pelo pensamento e pelas ações. Não precisa de elementos materiais, porque sabe muito bem quais são as nossas intenções. É, por isso mesmo, uma instância de justiça superior às contingências históricas. É, afinal, a afirmação da Lei moral, que não é um devaneio da imaginação. Como explicar o remorso por causa de um ato que não teve testemunha, mas não se apaga na consciência? E como interpretar o bem estar íntimo quando se cumpre o dever, às vezes com incompreensões e sacrifício? Se o foro da consciência é uma região que ninguém vê, como sentir-se apoiado naquilo que não se vê? O julgamento da consciência no tempo e no espaço reflete a presença da Lei moral, a que se refere claramente a Doutrina Espírita. Poder-se-á dizer que os nossos conceitos não têm significação no mundo de hoje, porque “os valores já não são os mesmos de outros tempos”. Que se diga tudo, mas a mensagem espírita deve ser divulgada, pois ninguém escapa à severidade da consciência, sejam quais forem os artifícios empregados. Se a sociedade absolve, a consciência castiga. Em suma, se a justiça interior não é uma instituição humana, sujeita às conveniências transitórias, há de ser a manifestação profunda de uma justiça maior. Sofremos as conseqüências, cedo ou tarde, dos atos camuflados pelas aparências enganadoras, em qualquer latitude ou posição social, justamente porque a consciência não

se engana. Não se pode localizar a consciência nem defini-la com precisão de linguagem, porém ela existe e nunca se deixa amortecer pelas ilusões e evasivas. Conseqüentemente, não precisamos pedir demonstrações da existência de Deus, uma vez que a nossa consciência no-lo revela pela Lei Moral. As comunicações dos espíritos, identificando-se no estado moral em que se acham, uns felizes e outros deprimidos e angustiados diante da dura realidade, igualmente nos falam da justiça de Deus, acima das dimensões terrenas.

3) Criação e evolução

Sabemos que a natureza se rege por leis em todos os sentidos. Observamos, em nosso próprio organismo, que a desobediência a uma lei da natureza provoca reações inevitáveis. Se estamos observando a ação de leis que não foram estabelecidas pelo homem, mas são leis reais, tanto assim que se fazem sentir por efeitos que vontade humana não pode impedir, devemos parar um pouco para perguntar: se o mecanismo universal nos mostra regularidade, se a natureza, por si mesma, se encarrega de distribuir os seres orgânicos e inorgânicos através de planos ordenados, qual o princípio diretor de todo esse trabalho, em cuja execução se pressente uma previsão inteligente? Naturalmente uma inteligência de capacidade onímoda, uma inteligência que supervisiona todo o conjunto. Se reconhecemos que nenhuma inteligência

finita seria capaz de apreender a universalidade dessas leis e dotar a natureza de recursos potenciais, dedutivamente teremos de chegar à causa última: Deus, o criador do Universo. Preceitua a Doutrina Espírita que o Universo foi criado por Deus. Palavras simples, inegavelmente, mas muito sintéticas. Deus, portanto, é o criador da vida. Mas não podemos pensar em Deus como idéia solta, absolutamente desvinculado de sua obra. Dentro da concepção espírita, portanto, Deus e criação realmente são termos que se seguem nesta ordem de raciocínio: se não houvesse a criação, qual seria o papel de Deus, para que existiria ele? Se, em contrapartida, não houvesse o poder divino, como poderia haver criação sem um elemento ordenador, sem uma fonte de potencialidades para que a criação se desenvolvesse? Justamente por isso, a Doutrina Espírita abrange toda a seqüência: *Deus-criação-evolução*. Há quem pretenda explicar o Universo pela evolução, excluindo a criação. Mas a Doutrina Espírita concilia criação e evolução.

No século passado, precisamente na segunda metade, quando se codificou a Doutrina Espírita, era muito pronunciada a influência dos estudos biológicos. Justamente por isso, tentou-se explicar quase tudo pelos processos da Biologia, até os fenômenos sociais, como se houvesse uma correlação exata. Assim como tivemos uma fase em que se recorria à Matemática como chave de tudo, também houve uma fase em que a última palavra ca-

bia às leis biológicas. Por isso mesmo, a teoria mecanicista, que fez escola, pretendeu explicar a evolução com a eliminação absoluta da idéia de criação, pois o mecanismo da evolução não necessitava de uma força criadora. Responde a Doutrina Espírita, no entanto, que os mundos não se formaram do *nada*, mas tiveram os germes como ponto de partida. Transformaram-se gradativamente, permitindo que *cada coisa ocupasse o seu lugar*, como diz a Doutrina Espírita, no *devido tempo*, isto é, no momento próprio. É o princípio da evolução.

Não temos condições de saber quando e onde começou a criação, mas não podemos fazer abstração de um agente responsável sem o qual não compreenderíamos a existência dos germes com um plano inteligente de ação construtora. Como teriam então surgido esses germes? Por acaso? Sem qualquer propósito? E de um elemento que aparece por acaso, como poderia desenvolver-se um plano inteligente, subordinado a uma ordem de seqüência inalterável?... Temos três idéias sucessivas quando nos situamos diante deste problema: *criação — potencialidade — evolução*. Antes de pensar em evolução das formas, temos de pensar em potencialidade da matéria. A origem última é Deus, ensina a Doutrina Espírita. Deus, entretanto, não organiza o ser humano morfologicamente pois a matéria tem potencialidades naturais. Quando falamos em matéria, no sentido amplo, não temos em vista unicamente a matéria com que lidamos, uma

vez que “a matéria existe em estados que desconhecemos”, é lição da Doutrina. Com as potencialidades que lhes são intrínsecas, auxiliadas pelo meio e pelas forças convergentes, as formas de vida se modificam e, aperfeiçoando-se, chegam a um estágio evolutivo altamente adiantado. Claro que não seria Deus, pela sua *mão*, o executor do trabalho, como se alguém, na condição de pessoa física, viesse tirar o homem brutal da caverna e colocá-lo na situação atual de um ser aperfeiçoado. Não. Existe uma potencialidade constante para que os seres vivos se modifiquem naturalmente, tanto quanto, no mundo moral, há potencialidades de transformação profunda. No pior assassino de hoje poderá formar-se, amanhã, um homem de bem, pois há potencialidades de melhoramento. É o que está na promessa evangélica: “das ovelhas do pai nenhuma se perderá”. Com isto, o Cristo fez ver que há potencialidades na criatura humana para a realização de um objetivo superior. Pois bem, no curso da vida universal temos de associar criação, potencialidade e evolução como expressões sucessivas.

Deus não força a evolução pois ela se realiza por leis adequadas dentro de condições próprias. Os seres vivos aparecem quando há condições ambientais, o que demonstra a interferência do meio cósmico. O homem do paleolítico começou a revelar sua inteligência através de um tipo de indústria mais grosseira: a pedra lascada. Foi,

a bem dizer, uma tomada de posição em que o homem assinalou mais o seu lugar na Terra. E por que não o fez antes? Por que não havia condições mesológicas. Notemos que o homem vem surgir muito depois de outros seres, justamente no *momento* (condição de tempo) em que o meio cósmico lhe ofereceu condições. Repitamos a Doutrina Espírita: cada coisa no devido tempo. A evolução obedece a uma ordem ciclópica. O homem do paleolítico era o que havia de mais grosseiro, mas passou da pedra lascada para a indústria mais adiantada. No primeiro estágio evolutivo era apenas coletor, porque apenas apanhava para comer o que a natureza lhe dava. Usando, porém, de suas potencialidades de desenvolvimento, chegou a um estágio em que começou a ter noção de proteção e procurou melhorar o seu ambiente; com a noção de ornamentação, aprendeu a criar combinação de peças de adorno, como aprendeu a fazer instrumentos de trabalho e preparar os alimentos. Tendo começado no estágio mais grosseiro, percorreu a escala evolutiva de etapa em etapa, tanto pela ação inevitável do meio físico quanto pela necessidade de viver e sobreviver às eventualidades. Não precisaria Deus descer à Terra, tomar uma forma visível, pegar o homem pela mão e fazê-lo caminhar, saindo da caverna, construindo habitação melhor e ultrapassando o paleolítico para chegar a outros estágios muito mais elevados de cultura. Notemos, na própria história do homem, que a evolução tem um

objetivo, não é conduzida por uma força cega. Se a evolução não visasse um fim inteligente, com um propósito de melhoramento, o homem teria permanecido onde estava, como que estacionário na faixa obscura de seu início. Se todo esse processo, de longos períodos de experiência, tem uma direção previamente ordenada, e se assim não fosse, não haveria o fio de continuidade histórica, temos de aceitar a supervisão de um pensamento diretor, um pensamento que previu essa direção sem desvio.

Se afastássemos a idéia de um criador (palavra muito evitada por causa da conotação teológica) e quiséssemos sustentar o princípio da evolução por si só, independente de uma intervenção inteligente, não encontraríamos a razão de ser de uma ordem lógica na sucessão das formas mais simples para as mais complexas sem um motivo, sem um *fim* previsto. Se, em resumo, o criador da vida não vem, ele próprio, fazer as coisas ou modelar a matéria, pois ela já tem potencialidades que lhe permitem seguir o curso natural da evolução, seria o caso de perguntar: de onde tirou ela a força íntima que lhe dá movimento no laboratório universal? De si mesma? Seria um círculo vicioso. Embora a Doutrina Espírita não empregue a palavra potencialidade, esta condição já está implícita nas "transformações da matéria primitiva". Mas o que se nos depara em todo esse conjunto de fenômenos é um sentido de ordem e previsão, como

assinalamos há pouco. E qual a inteligência, senão a de um criador, seria capaz de prever, ordenar e prover a vida com regularidade em todos os reinos da natureza? Chegamos, assim, ao ponto em que as premissas espíritas, inegavelmente simples na forma, porém consistentes no pensamento, nos trazem ao seguinte remate: a Doutrina Espírita concilia criação e evolução.

Palavras finais

Já nos referimos à discussão entre racionalistas, tradicionalistas, fideístas, e assim por diante. Os adeptos da prova ontológica, além de tudo, acham que Deus se demonstra pela própria evidência, embora haja quem refute esse argumento, entre os teólogos. Recapitulando, para terminar, se os racionalistas não reconhecem outro meio senão a razão, os que defendem a tradição da fé, por sua vez, não confiam nas luzes da razão por julgá-la insuficiente para penetrar na magna questão da existência de Deus. E a discussão vem de séculos, embora o desenvolvimento da cultura, no mundo moderno, tenha aberto perspectivas muito amplas. A Doutrina Espírita, como sabemos, assume uma posição em que a luz da fé, o esclarecimento da razão e a contribuição científica constituem três ângulos de inferência, cada qual com a sua ótica, sem que, todavia, nenhum deles, separadamente, possa abranger a visão global. E a relação entre Deus e o Universo, criador e criatura não se confi-

gura dentre um único compartimento. Não percamos de vista um dos ensinamentos mais relevantes do Evangelho à luz da Doutrina Espírita: os segredos maiores e mais altos, atinentes ao plano divino, são negados aos doutos e revelados aos simples. Doutos, no caso, são os que se envaidecem com o saber puramente humano; simples são os que têm “alma aberta” para receber as luzes da sabedoria profunda. A razão fria, rigidamente esquematizada no raciocínio formal, não tem condições de apreender a essência da ordem divina; a razão sincera, que procura saber, não por vaidade, mas por um desejo crescente de receber a luz da verdade, ainda que relativa, é uma das mais nobres necessidades do espírito.

Para que nos familiarizemos com esse tipo de indagação acerca da origem última, devemos começar naturalmente pelo que está mais perto quando nos faltam instrumentos racionais para uma inquirição mais transcendente. Partir do conhecido para o desconhecido, digamos melhor. É através daquilo que está mais ao alcance de nossa compreensão que poderemos fazer idéia daquilo que está mais adiante. Figuremos uma ilustração comum. Quando vemos uma obra bem feita, uma obra de arte, naturalmente dizemos com toda a segurança: “Isto é obra de grande artista”. Não conhecemos o artista, não sabemos qual a sua escola, nem como ele se chama ou em que época tenha vivido. E por que nos permitirmos afirmar que é realmente

obra de grande artista? Afirmamos, sim, pelos efeitos. Não necessitaríamos de uma investigação em arquivos ou bibliotecas para descobrir o artista no século XVII, na Itália, pois a sua obra, diante de nossos olhos, já o define muito bem. Logo, o elemento *conhecido*, que é o quadro do pintor, revela o *desconhecido*, que é o artista.

Resta-nos ainda uma observação: a compreensão de tudo quanto é pertinente à obra divina está muito associada ao desenvolvimento espiritual de cada criatura humana. E, por isso, a Doutrina Espírita afirma que “o véu se levanta à medida que o espírito se depura”. É certo que podemos ir muito longe pelo esforço intelectual (e é bem oportuno lembrar que a Doutrina faz apelo à razão) pois o raciocínio analítico descobre muita solução satisfatória, porém, de certo ponto em diante, teremos de amadurecer espiritualmente, sob pena de ficarmos no intelectualismo puramente conceitual sem profundidade na essência do conhecimento. Muitas e muitas vezes, por exemplo, um homem aparentemente rude compreende muito mais o plano da sabedoria divina do que certos homens de grande preparo ou formação acadêmica. Por que? Simplesmente porque um tem mais receptividade, em razão da simplicidade e de sua predisposição espiritual, ao passo que o outro, embora tenha muita lógica, muito mais exercício de crítica filosófica, ainda não tem lapidação espiritual na experiência interior e, conseqüentemente, na humildade. Em-

bora exista um Deus único, seja qual for o nome que se lhe dê, muitas vezes os homens como que se perguntam: qual o Deus aceitável — o Deus dos filósofos? O Deus dos crentes? Mas o Deus discutido nas destrezas do raciocínio sem sentimento, sem amor, não é o Deus que vem ao encontro de uma criatura aflita, nos momentos mais dolorosos da dor física ou do desequilíbrio espiritual. O Deus analisado pelo cientista em razão apenas de uma convicção para efeito intelectual pode responder a umas tantas questões, como pode chamar a atenção até mesmo do homem de laboratório para sutilezas que escapam ao “controle” das normas usuais, fazendo-o refletir e confessar: “Há, de fato, uma inteligência anterior ao mundo sensível e às demonstrações concretas”. Contudo, sem negar o devido valor da capacidade científica, somente a luz espiritual, adquirida pelo trabalho, pela meditação, pelo amor, pelo estudo mais profundo, põe a criatura humana em condições de sentir a presença de Deus “nas mínimas como nas grandes coisas”, como ensina a Doutrina Espírita. Os reflexos do pensamento divino tanto chegam pela inteligência quanto pelo coração, tanto pela fé quanto pela razão. Cada qual tem aptidão para compreender o criador da vida dentro de sua faixa de entendimento e sensibilidade. Mas acima de tudo, seja este, seja aquele o caminho — a filosofia, a fé, a experiência individual — é o homem que deve procurar Deus, não é Deus que deve procurar o homem pa-

ra que ele se convença. Um homem de inteligência muito cultivada talvez saiba dar diversas definições de Deus e exaltá-lo com toda a riqueza de seu vocabulário, mas nem sempre estará em condições de compreendê-lo e muito menos senti-lo nos instantes fugazes em que o pensamento divino se revela como luz interior, e não por meio de conceitos e definições. É o momento em que o lampejo divino ilumina a consciência, pouco importa que seja no homem mais bruto ou ignorante que, entretanto, tem amor a seus semelhantes. Há duas linguagens: a da inteligência, que refulge na tessitura das construções vocabulares, e a do sentimento, que explode sem cogitar de regras ou definições. É justamente quando alguém nos diz: "O mundo abandonou-me, todos me abandonaram, até mesmo aqueles que eram mais íntimos; quando a injustiça me esmagou, quando se me abriram as feridas na alma, eu sei que descobri Deus dentro de mim; foi ele a minha força, o meu ponto de apoio, o meu alívio, a minha esperança". Este, na realidade, não é o Deus racionalizado, mas o Deus presente na intimidade do *Eu*, o Deus da criatura que desperta, o da consciência que se ilumina.

Deolindo Amorim

PERGUNTAS FORMULADAS, POR ESCRITO,
AO CONFERENCISTA PROF. DEOLINDO AMORIM

Em seguida à conferência, foram encaminhadas à mesa diversas perguntas, tendo o expositor dado respostas muito breves, pois havia questões cujo esclarecimento suscitaria uma palestra especial.

1) *O princípio material e o princípio espiritual foram criados por Deus?*

Este assunto já está no corpo da conferência. Cremos que o capítulo II de "O Livro dos Espíritos" oferece o esclarecimento de que necessitamos. Antes de tudo, a questão n.º 17 informa que não é dado ao homem conhecer o "princípio das coisas", pois Deus não permite que tudo lhe seja revelado *neste mundo*. Isto quer dizer, mais tarde o homem terá condições de chegar a esse plano de conhecimento. No estado atual, ainda não. A questão n.º 21, mais desenvolvida, fala da origem da matéria e diz que somente o próprio Deus sabe quando ela foi criada. Não sabemos

quando e onde ela começou, mas que é obra de Deus não há dúvida, pois a Doutrina afirma que “Deus, modelo de amor e caridade, nunca esteve inativo”. Ele cria pelo pensamento, já foi dito. Não está em causa a forma que a matéria veio a tomar, porém a sua origem. E não diz a Doutrina que a criação partiu de germes? Parece-nos que a questão n.º 27 sintetiza o problema quando se refere à existência de dois elementos gerais do Universo: espírito e matéria. E lá está escrito que “Deus, espírito e matéria constituem o princípio de tudo o que existe, a trindade universal”.

2) Lendo o livro de Herculano Pires chamado “Curso dinâmico do Espiritismo”, ele faz referência à atuação de Deus através das “mônadas”. Leibniz desenvolveu a teoria da “mônada” para explicar filosoficamente o processo da criação. a) Conhece o senhor o trabalho de Leibniz ou saberia dizer como chegar até ele? b) Qual a sua interpretação para essa teoria de Leibniz?

Não conhecemos a obra original de Leibniz. Conhecemo-lo, porém, através de obras filosóficas. Com relação às mônadas, citamos Farias Brito, embora não seja um autor contemporâneo, justamente porque desenvolve o assunto até certo ponto no livro “A Base Física do Espírito”. Diz ele, por exemplo, que “o fundamento de toda construção é o conceito de substância”. A substância é una para Spinoza; dupla para Descartes; múltipla para Leibniz.

Afinal, que é mônada? É um conceito tão sutil como elástico. Quem já deu, realmente, uma definição precisa?... Farias Brito confirma que as mônadas são como “átomos espirituais ou incorpóreos”, em concordância implícita com Reid, que também emprega a expressão “átomo espiritual”. Na literatura teosófica encontramos este conceito: “A alma humana é uma *Mônada* e cada célula do corpo tem a sua mônada, como também cada célula do corpo do animal, do vegetal e até dos chamados corpos inorgânicos”. Conceito muito amplo. Continua Helena Blavatsky (“Síntese da Doutrina Secreta” — Introdução de Cordélia Alvarenga de Figueiredo) a explicar o pensamento de sua doutrina: “Cada mônada é um espelho do Universo dentro de sua própria esfera e, ao refletir o mundo, as mônadas não são meros refletores passivos mas, espontaneamente, ativas por si mesmas, elas produzem imagens de um modo espontâneo com a alma em sonho”.

Na linha dos filósofos cartesianos, as mônadas seriam então centros de força. A alma humana, segundo a idéia pluralista de Leibniz, é uma das unidades energéticas entre as mônadas. Se pretendêssemos lançar uma definição por nossa conta, não iríamos além das idéias já ventiladas. Para Cairbar Schutel, o nosso Cairbar, segundo Leopoldo Machado — “Uma grande vida”, Ed. O Clarim — o espírito é a “Mônada Divina” e tem de passar da pedra bruta ao plano da divinização.

3) *Será que é dado ao homem sondar a natureza íntima de Deus?*

A questão n.º 10, de “O Livro dos Espíritos”, responde claramente a esta pergunta: “Não, porque lhe falta o sentido para tanto”.

4) *Sou católica apostólica romana. Definimos Deus como: “Deus é um espírito perfeitíssimo, eterno, criador do céu e da terra”. O Catecismo nos pergunta: Por que Deus é eterno? E responde: Porque não teve começo e não terá fim... Acho que aí há um denominador comum. Ou não? O que informa sobre isso?*

Embora pouco explícita, queremos crer que o sentido seja este: se a Igreja ensina que “Deus é eterno, criador do céu e da terra”, e o Espiritismo afirma que “Deus é a causa primária de todas as coisas”, naturalmente há um denominador comum entre as duas partes, não acha? Neste ponto, a questão é pacífica. Como, porém, não tínhamos livro à mão, somente agora (quando da revisão do texto), podemos transmitir o esclarecimento da Doutrina: veja-se a questão n.º 13 (“O Livro dos Espíritos”) e, ao pé, o comentário sintético de Allan Kardec: “Deus é eterno. Se tivesse tido princípio, teria saído do nada, ou, então, também teria sido criado por um ser anterior”.

5) *Por que a existência do mal? O processo evolutivo não pode ficar sem ele?*

O mal, na Terra, é uma contingência da condição humana, pois o nosso mundo não é da categoria dos mundos superiores, segundo a Doutrina Espírita. O mal, entretanto, não é um estado permanente na criatura humana, e se o fosse, não haveria o progresso, que é uma lei universal. A noção de *mal*, todavia, deve ser reconsiderada. O que comumente chamamos mal, às vezes é um sofrimento necessário ao próprio progresso. Como, porém, somos sensíveis a qualquer fato, acidente ou situação que nos venha ferir ou prejudicar, geralmente encaramos tudo com a visão do mal, quando certas eventualidades difíceis podem ser, no fim, um meio de nos despertar para o bem. Não vamos chegar ao maniqueísmo (doutrina de Maniqueu, no séc. III) segundo o qual existe o dualismo do bem e do mal, mas não podemos imaginar a Terra, “mundo de provas”, sem a ocorrência do mal, como contingência, repetimos. O mal é a perversidade, a baixaza de sentimento, a ambição desmedida, o orgulho que se exterioriza por meio de ações contundentes e perturbadoras da paz social e coletiva; o mal vem do homem e, por isso mesmo, assim que o homem começa a adiantar-se espiritualmente, vai eliminando o mal que está dentro de si mesmo. A Doutrina Espírita não nega a existência do mal, ainda existente entre os homens, cujo livre arbítrio comete toda a espécie de abusos; porém, a própria Doutrina adverte que o mal não é definitivo pois a tendência do espírito é progredir, cedo ou tarde,

muitas vezes à custa de muito sofrimento. Indicação de leitura: "A Gênese", de Allan Kardec, cap. II, especialmente a explanação de n.º 5, do mesmo capítulo.

6) *Como explicaria a Criação do Homem provindo de Adão e Eva, no livro de Gêneses. Qual a ótica espírita sobre isto?*

Afastados o mito e as figurações que a imaginação criou, a ótica espírita vê Adão e Eva como pontos de referência na história da humanidade. Bastaria, agora, citar a própria Doutrina, que assim se pronuncia: "De acordo com o ensino dos Espíritos, foi uma das grandes imigrações, ou, se quiserem, uma dessas *colônias de espíritos*, vindas de outra esfera, que deu origem à raça simbolizada na pessoa de Adão e, por essa razão mesma, chamada *raça adâmica*. Adão, portanto, segundo a interpretação espírita, não é o primeiro homem, pois quando a raça adâmica chegou, a Terra já estava povoada desde tempos imemoriais, como a América, quando chegaram os Europeus". (A Gênese, cap. XI).

7) *Na minha interpretação de Deus, eu o considero como energia. Gostaria que o senhor me dissesse o que acha. Porque tudo aquilo que eu não posso ver e possuí força está contido na energia.*

Se não podemos penetrar na natureza íntima de Deus, porque nos falta um sentido adequado ou

apropriado a essa ordem de indagações, naturalmente não podemos defini-lo desta ou daquela maneira. Podemos chamá-lo de energia, força, inteligência, e assim por diante, pois o nosso vocabulário é muito pobre. Alguém, preocupado com esta questão durante longos anos de estudos e meditações filosóficas, chegou a uma conclusão: não há definição exata. Então rematou: Deus é a luz. E não há mais.

8) Como diferenciar a lei moral que está na consciência e que provém de Deus, da moral resultante da educação, da influência do meio, etc.?

O assunto entrou nas considerações da palestra ao nos referirmos à Lei Moral, no foro da consciência. Há, evidentemente, muita diferença, diferença palmar, entre a moral pura, na consciência, e a moral social, sujeita a mudanças, de acordo com as próprias mudanças sociais. Os conceitos de moral variam muito de acordo com os tempos e as sociedades. Mas a Doutrina Espírita faz ver que a Lei Moral não perde a sua razão de ser. Realmente, apesar de existirem tantos conceitos de moral quantos sejam os padrões de cada grupo humano e cada época, verdade é que o homem não pode fugir ao julgamento íntimo, pois ele é julgado pela sua consciência, ainda que a moral social o absolva de todas mazelas, ostensivas ou disfarçadas.

9) Sendo Deus tão grande, tão poderoso, tão superior a tudo, por que se preocupa com os me-

nores atos e com os menores pensamentos de cada indivíduo?

Em continuação à resposta anterior: Deus não se imiscui nos atos mínimos do livre arbítrio pois o homem precisa adiantar-se pela experiência vivida. Mas a consciência, que reflete a justiça divina, lhe dá a intuição, como geralmente se diz, do que é correto e do que é incorreto.

10) Para aqueles que duvidam da existência de Deus por falta de prova, não seria bastante as inúmeras mensagens dos Espíritos que estão próximos da divindade, do foco divino? Jesus, o espírito mais desenvolvido que esteve na Terra, comunicava-se com Deus através da sua mediunidade intuitiva, ligava-se com o Criador através da fé. Na crença em Deus pelo sentimento há relação com a mediunidade intuitiva?

Realmente, além de outros argumentos que nos levam à compreensão da existência de Deus, o Espiritismo ainda oferece inúmeras comunicações a este respeito. Em todos os níveis de adiantamento, os espíritos confirmam a existência de Deus e sua justiça. Tanto o espírito sofredor quanto o espírito que se confessa feliz, todos proclamam a justiça divina. O Espiritismo tem, portanto, um dos mais satisfatórios argumentos para afirmar a existência de Deus.

Nota: Outras perguntas não foram objeto de resposta porque já estavam contidas em respostas anteriores ou porque o próprio desenvolvimento da palestra já havia tocado nos assuntos.

FORÇAS ESPIRITUAIS E PROCESSO REENCARNATÓRIO

Dr. Jorge Andréa

11 de outubro de 1980

Forças Espirituais

O homem, no trajeto de sua vida planetária, desde que se organizou como civilização, desconfiava e ainda desconfia da existência de um campo que transcende ao campo material.

Este homem, através das projeções de suas energias psíquicas, conseguiu sentir a presença de elementos indivizíveis e, numa mística que lhe era própria e bem característica, foi criando as suas imagens, os seus totens, as suas religiões e seitas de diversos matizes.

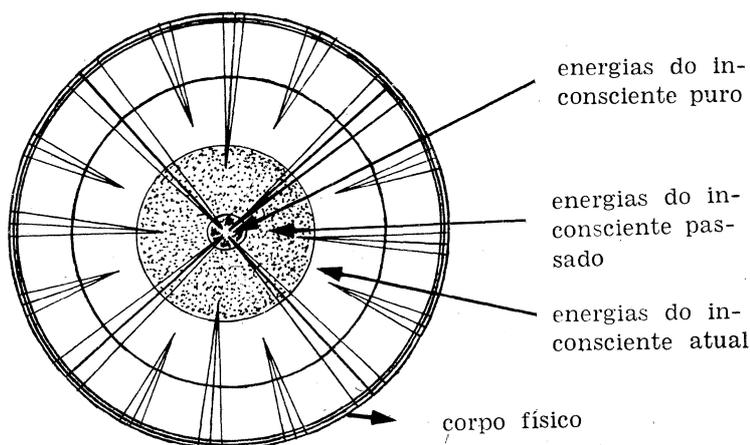
Os elementos místicos foram se deslocando para o terreno filosófico e mais especificamente da metafísica, a fim de que nos dias atuais estejam se encaixando na própria ciência.

Não é sem razão que os campos de trabalho dos fenômenos paranormais estão em evidência pelo mundo inteiro, já tendo pertencido à Metafísica, para, hoje, fazerem parte da Parapsicologia e amanhã, da própria Psicologia. Os parâmetros desses fenômenos sempre foram os mesmos embora cada época desejasse mostrar a verdade a seu modo.

Neste tipo de pesquisa os interessados sentiram a necessidade de mergulhar no psiquismo, a

fim de tirarem ilações com as quais pudessem melhor estruturar a mecânica dessa fenomenologia. Somente após meados do século XIX, com o advento de experiências bem dirigidas, equacionadas e melhor compreendidas, os estudos passaram a oferecer autênticas características científicas. No final do século XIX, a Psicologia se enriquece com Freud, cujo grande evento foi o de levar para a Universidade a idéia de um psiquismo de profundidade com o nome de subconsciente, responsável por uma série de símbolos e sintomas refletidos no psiquismo de periferia ou zona consciente.

GRAVURA 1

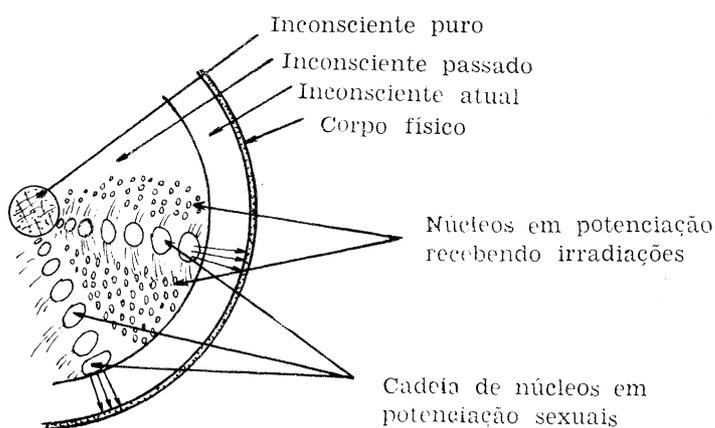


Apresentação esquemática das expansões energéticas do psiquismo.

Após Freud, outros psicologistas de nomeada conseguiram ampliar essas idéias, entre eles, Jung, que, no nosso entender, foi o grande construtor da Psicologia Profunda. Jung percebeu, melhor do que ninguém, que o campo material ou zona do consciente era bastante restritivo em comparação ao psiquismo profundo ou zona do inconsciente.

Aliás, as idéias sobre o inconsciente existiam muito antes de Freud, porém, este forneceu a conotação científica de despertamento aos pesquisa-

GRAVURA 2



Núcleos Psi-sexuais com suas respectivas irradiações até a superfície corpórea.

dores, embora não percebesse a imensidade de suas energias como o fez Jung.

Dizia Jung que o inconsciente era tão importante com relação ao consciente que, se pudessemos mensurá-los, o consciente representaria uma ilha no oceano ilimitado do inconsciente. Mais ainda, que o homem carregava, nestas energias do psiquismo de profundidade, a totalidade de propósitos da própria humanidade. Estas energias contêm todas as realizações da humanidade — representam o “*inconsciente coletivo*”. Mostrou, em seus estudos, as expressões dessa realidade, chegando mesmo a dizer que as diversas fontes do inconsciente estariam dependentes de zonas específicas — os *arquétipos*. Pela maneira como apresentou os arquétipos e símbolos do psiquismo, com as suas naturais metamorfoses, chega à conclusão que eles representavam uma eterna presença a se refletirem numa energética imortal, embora não o dissesse desse modo. Todas essas afirmativas custaram a Jung a taxaço de ser mais um filósofo místico do que um cientista. Mas, o que escreveu e o que realizou, com a sua gigantesca intelectualidade, foi de real interesse para a ciência.

Os estudos junguistas são bastante complicados pela tentativa de explicação das energias do inconsciente sem a equação de imortalidade e reencarnação. Nos dias atuais, temos que entender o inconsciente como um grande campo de energias que se vão sedimentando às expensas das expe-

riências da vida. Isto só poderá dar-se pela presença de um campo imortal que, pelas aquisições, ampliando aptidões, se irá arregimentando dentro da própria evolução.

Os campos da zona consciente são passageiros, são telas temporárias, porém necessárias ao inconsciente ou campo espiritual por lhe oferecer as experiências e ao mesmo tempo submeter-se à sua orientação. O inconsciente ou zona espiritual dirige o processo da vida a se expressar na zona física ou consciente. Os tão decantados organizadores da forma, os campos responsáveis pela morfogênese da espécie, os organizadores biológicos de muitos autores, nada mais seria do que a zona Espiritual ou do Inconsciente com as suas respectivas expansões.

Em esquema, o psiquismo humano pode assim se expressar (gravura 1):

Consideremos a zona física, a do corpo físico, como região periférica representando a zona do consciente. Para dentro, esquematicamente, estaria a zona energética, representando várias camadas e, naturalmente, à medida que se vai avizinhandando do centro uma espécie de purificação de energias, isto é, quanto mais na periferia, perto do corpo físico, maior a condensação de energias, quanto mais no centro, mais quintessência. O que vale dizer existir nestes campos energéticos, pelas suas diversas camadas, variadas dimensões.

Assim, a zona interna das energias espirituais pode apresentar-se num conjunto de três faixas perfeitamente distintas: a) a mais periférica, denominada de inconsciente atual; b) a média, de inconsciente passado; c) a central, de inconsciente puro (gravura 1).

Essas faixas foram assim por nós denominadas em face às suas plausíveis funções. O inconsciente atual ou presente é assim chamado pelo seu contacto, bem atual, com a zona física (numa encarnação atual ou presente).

O inconsciente passado ou arcaico seria a zona onde estariam gravadas, em estruturas definitivas (imortais), todas as experiências adquiridas sob forma de aptidões, a nutrirem constantemente a periferia corpórea.

O inconsciente puro, no centro do sistema, seria uma zona inatingível, por qualquer dos processos psicológicos conhecidos, inclusive os de regressão de memória. Esta região, de "puríssimas vibrações", representaria a verdadeira zona orientadora de toda a estrutura psíquica. Comparando, seria aquilo que os filósofos gregos denominavam: Ultra-Ser de Plotino; Logos, de Heráclito; Eidoion, de Platão e mais modernamente Elan-Vital, de Bergson. Paulo de Tarso, o grande metafísico do cristianismo, sentiu toda essa potencialidade da faixa interna do Espírito quando disse: "não sabes que sois o templo do Espírito Santo?"

Dessa forma, teríamos o corpo físico e as energias do inconsciente ou zona espiritual. A zona espiritual ou do inconsciente emitiria irradiações, cujo conjunto formaria um verdadeiro véu a desembocar na zona física. Esse véu intermediário valeu a denominação de Perispírito ou Psicossoma. Assim, os impulsos do espírito chegam à periferia corpórea após filtragem e adaptação nas malhas do perispírito a fim de que a zona material possa suportar o embate das forças mais categorizadas que a orientam e dirigem.

O inconsciente puro, como um grande sol central, seria a zona dos impulsos da vida, possivelmente nutrido pelo fluido universal ou prana, zona pela qual haveria a possibilidade de comunicações com as energias maiores, incluindo as "vibrações divinas". A pobreza do nosso psiquismo consciente de periferia é tão grande e tão restritiva que nem de longe podemos conscientizar todos esses propósitos que a energética espiritual consigo carrega.

Na camada que imediatamente se segue, a zona do inconsciente passado, existiriam imensas fontes de energias que denominamos de *núcleos em potenciação* (gravura 2), responsáveis pelas definitivas estruturas que se vão ampliando com os acréscimos das experiências, isto é, à medida que o ser vai adquirindo conhecimentos e melhorando a sua ética, iria ampliando esses núcleos em potenciação. Quanto mais evoluído o ser, mais cate-

gorizado o núcleo em potenciação; quanto menos evoluído, o núcleo em potenciação representa a natureza instintiva. Pelas aquisições evolutivas é como se os núcleos fossem sendo revestidos de virtudes, intelectualizando-se, transformando-se em amor, enquanto que os instintos, que lhes qualificavam a natureza primitiva, se foram apagando e neutralizando.

Desse modo, o inconsciente passado seria a zona de todas as nossas definitivas aquisições; todas as experiências, trabalhos, emoções diversas, etc., ao se desenvolverem na zona consciente, como fruto de um processo, serão incorporados ao patrimônio do ser sob forma de aptidões.

Os núcleos em potenciação, como autênticas fontes de energias, refletem na periferia corpórea, sob forma específica (símbolos, imagens, projeções anímicas) o que carregam consigo. Daí observarmos que as variações evolutivas dos seres estarão relacionadas à existência de aptidões adquiridas pelas diversas romagens reencarnatórias.

Jung percebeu a multiplicidade dessas fontes energéticas do inconsciente, com tonalidades de épocas diferentes em face à personalidade atual, denominando o seu conjunto de inconsciente coletivo, e os responsáveis por determinado fator ou grupo de fatores, de arquétipos. De todos os psicólogos, Jung foi quem melhor percebeu a atuação das energias do inconsciente por não limitá-las, com exclusivismos, à zona consciente, como pen-

saram Adler, Freud e outros, responsabilizando-a por todo o desenvolvimento energético do psiquismo.

O inconsciente atual já seria uma zona de transição, um filtro adaptatório, uma zona versátil de acomodação entre os impulsos internos do inconsciente passado com aqueles vindos do ambiente. Nesta zona, os impulsos externos que sofreram as específicas adaptações nas telas psíquicas do consciente fazem o seu encontro com as vibrações internas e, desse metabolismo específico, teríamos as respostas a se dirigirem para o inconsciente passado, no processo de gravação definitiva, e para a periferia nos trabalhos do psiquismo consciente.

Pelo visto, no inconsciente passado existiriam inúmeros núcleos vorticosos responsáveis pela orientação e direção de toda a área do psiquismo, num transcendente processo, de difícil avaliação pelo nosso intelecto consciente ou psiquismo de periferia.

A nossa maior atividade psicológica estaria representada pelas energias criativas que partem do inconsciente passado, na vizinhança do inconsciente puro, e que têm em núcleos específicos e apropriados a sua grande manifestação. Aí, a força sexual teria os seus alicerces. Esses núcleos específicos em cadeia (gravura 2), representando as forças da própria vida, na periferia da zona consciente, dirigiriam inúmeros processos de valor psicológico, inclusive os componentes do sexo.

Vejamos bem: não vamos confundir o desenvolvimento total das forças sexuais às expensas dos órgãos sexuais de periferia na zona física; estas são, também, uma dependência das forças criativas da alma. Logo, há uma força sexual interna, criativa, que comanda, além do sexo de periferia, nos órgãos genitais, outras forças nobres do ser nas inúmeras potencialidades do psiquismo. Como forças criativas, esses núcleos específicos foram por nós denominados de *núcleos Psi-sexuais* que, além de comandarem o sexo na periferia, representam, no interior da alma, o impulso da vida. Para dentro do ser, forças de totalidade; na periferia, além de muitas e variadas expressões do psiquismo, também as contingências sexuais, na respectiva polarização, masculina ou feminina. Quanto mais na periferia, mais dicotomizadas serão as expressões energéticas (masculina e feminina); quanto mais no centro, mais englobados e de totalidade; quanto mais na periferia, mais personificados (masculino e feminino); quanto mais no centro, mais impessoais pela conjugação e integração de forças.

Quando o espírito vem ao processo reencarnatório, todo o bloco espiritual de energias, em sua posição mais periférica, traz a potência sexual de sua necessidade; por isso, ao se aproximar do cadinho materno, com suas irradiações, passará a influenciar e selecionar o espermatozóide com a devida e necessária cromossomia sexual. O espírito reencarnante, dessa forma, será o artífice de sua

própria vestidura física, de acordo com o seu futuro e necessário labor, de acordo com a sua missão.

Os núcleos Psi-sexuais do espírito reencarnante manipulariam a “dança cromossômica”, na definição de suas qualidades, a serem impressas na matéria ovular. O ser, assim formado, além dos potenciais dos genitores traz, também, o seu passado a transmitir-se pelas impulsões do espírito reencarnante na definição do futuro sexo; este, baseado no tipo de espermatozóide que se conjugou com o óvulo, porém por imposição das vibrações espirituais que representam o campo organizador da forma e que, praticamente, impõe, na zona física, as suas necessidades.

Voltando ao nosso esquema, especificamente no inconsciente passado, onde se encontram os núcleos em potenciação, podemos dizer que essas unidades do psiquismo se apresentam com graus variáveis de evolução; ora representando fontes de energias bem aprimoradas e, outras vezes, fontes de energias primárias, verdadeiros vórtices instintivos. Existiriam, entre eles, uma cadeia de núcleos específicos, responsáveis pelas próprias forças criativas da vida, influenciando os demais com as suas vibrações e coloridos; seriam os núcleos Psi-sexuais, refletindo na periferia ou corpo físico o teor de polarização sexual que carregam em determinada fase reencarnatória, no sexo masculino ou feminino. Os núcleos Psi-sexuais, como forças criati-

vas e influenciando o bloco do psiquismo, refletirão sempre o que contêm e o que lhes é próprio. Essas reflexões podem encontrar-se em fase normal, hígida, sem distonias, permitindo reflexos sexuais sadios num corpo sadio, como, também, em faixas destoantes e doentias.

Assim, teríamos na polarização sexual do ser encarnado o reflexo do próprio espírito. Desejamos explicar que as forças sexuais existentes na intimidade do espírito — zona do inconsciente passado — não são tão separadas (carga masculina e feminina) como na periferia corpórea, mas mostram-se em bloco, como que unificados. Quanto mais para o centro da alma, mais as forças estão unificadas, ajuntadas, por isso mais impessoais; quanto mais na periferia, mais separadas, definindo, no corpo físico, o sexo em que se encontra o ser.

Desse modo, qualquer indivíduo, quer esteja na faixa masculina ou feminina, possui carga sexual com as duas tonalidades, embora uma delas seja preponderante sobre a outra.

Quando existem problemas de ordem cármica pelas distonias pregressas, as reações na periferia se fazem sentir, principalmente nesta área das forças sexuais. É claro que se as vibrações carregam distonias, como resultado de um passado delituoso, refletirão os desajustes no metabolismo das células, principalmente as de caráter mais nobre do sistema neuro-endócrino.

As distonias quando ocupam a zona sexual são da mais alta complexidade pelas interferências diretas nas correntes criativas da vida, que passam a refletir todas as nuances existentes. As manifestações dessas nuances são variáveis e imensas, traduzindo maiores ou menores desvios, porém, para finalidade de estudo, podemos equacioná-los em três principais capítulos: o intersexualismo, o transexualismo e o homossexualismo.

Tentemos dar a estes termos conotações mais precisas, a fim de evitar interpretações diferentes, porquanto os múltiplos modelos de estudos, neste setor, são absolutamente variáveis e ricos de sinonímia.

O *intersexualismo* representaria um pseudo-hermafroditismo, uma androgenia, em que o ser ao nascer apresentaria os órgãos sexuais com dubiedade, a ponto de não se definir o sexo da criança pela aparência externa.

Ao exame físico mostra características masculinas e femininas a necessitar, naturalmente, uma definição, o que é justo e compreensível.

Para uma pesquisa ajustada são solicitados diversos exames em todas as áreas possíveis — raios X, dosagens hormonais, biópsia, cariogramas, etc, a fim de ser esclarecida a tendência sexual da criança. Chegada a uma conclusão diante dos exames realizados e numa avaliação científica ao nosso alcance, a cirurgia é aconselhada, com técnicas especializadas, salientando-se a cirurgia plástica.

Seguir-se-á o respectivo acompanhamento médico, com adequado tratamento hormonal e de conjunto com o crescimento da criança — isto complementaria o trabalho cirúrgico.

O ponto de maior importância, nos casos de intersexualismo, está no período da puberdade. Se a tendência de polarização sexual psicológica for a mesma daquela em que se deu a correção cirúrgica, teremos alcançado, com sucesso, a finalidade; mas, se o adolescente apresentar o sexo de periferia na zona física dos órgãos sexuais, diferente das tendências sexuais psicológicas, isto é, se o ser apresentar um arcabouço psicológico sexual diferente dos órgãos sexuais do corpo físico, as tempestades desabarão na patologia, com fortes tendências homossexuais.

Em face a esses fatos, deduz-se da importância de associarmos toda a nossa conhecida ciência, com suas técnicas e métodos, com as informações espirituais. É claro que só poderíamos fazer essas realizações em ambientes adequadamente preparados e com os mais honestos e harmoniosos propósitos; única possibilidade de conduzirmos, com boa margem de segurança, todas essas consequências que o indivíduo possa apresentar. Seria um trabalho conjunto entre o mundo espiritual e o nosso mundo físico.

O *transexualismo*, nesta abordagem, corresponderia aos seres que absolutamente normais em suas funções sexuais de periferia (órgãos do corpo

físico), apresentam manifestações psicológicas do sexo oposto. Não são pessoas doentes, são homens ou mulheres, embora com funções sexuais absolutamente normais, o respectivo comportamento psicológico demonstra tendências opostas. É justo que esta posição de transexualidade apresente imensos graus de variação.

No intersexualismo podemos considerar duas posições bem distintas: as motivadas por transição reencarnatória e tipos diversos ligados a problemas evolutivos.

O transexualismo de transição reencarnatória representaria os casos de espíritos que vinham tendo uma série de reencarnações numa polarização sexual — masculina ou feminina — e, de repente, por motivos que desconhecemos, apresentam-se num corpo de sexo oposto (quase sempre em caráter de missão). O espírito, por não ter absorvido ainda as demarcações das etapas palindrômicas anteriores, mostra, na atual reencarnação, as marcas das vidas anteriores: são certos homens adamados, de arcabouço psicológico bastante sensível, e com as mulheres certa impetuosidade com as tendências psicológicas masculinas que demonstram nas investidas de próprio trabalho.

O transexualismo pode ser observado, também, com indivíduos espiritualmente pouco evoluídos e com outros tantos de mais expressiva evolução — são polos que se procuram e que se tocam.

O ser mais evoluído por ter absorvido, com equilíbrio e harmonia, o somatório das experiências reencarnatórias em corpos masculinos e femininos, cresceu e juntou as duas potencialidades do sexo a ponto de, numa determinada rotação reencarnatória, em qualquer que seja o corpo físico, mostrar as forças psicológicas de totalidade, quase que ao mesmo tempo, isto é, muito pouca predominância entre os polos masculino e feminino na faixa física. Não existe anormalidade, são indivíduos totais e plenificados por terem, em suas experiências multimilenares, alcançado graus ideais de evolução. Essas apresentações são exceções, onde os seres mostram educação esmerada, compreendem as artes em suas dignas posições, desenvolvem um intelectualismo sadio e, com facilidade, penetram, intuitivamente, nos desígnios da vida. Portanto, esses indivíduos mais evoluídos vivem sob influência das energias sexuais que se desenvolvem mais no centro do inconsciente ou zona espiritual (gravura 2), onde os blocos energéticos são estruturados, por maturidade, num conglomerado único (forças masculinas e femininas).

Quanto maior for a influência dessas energias mais centrais do inconsciente na totalidade do psiquismo, mais impessoais serão, mais globais e totais, divergindo daquelas mais periféricas da zona inconsciente de tendências poderosamente masculina ou feminina.

Kardec, em sua codificação, fez uma pergun-

ta aos espíritos: *“os espíritos têm sexo?”*. Eles responderam com precisão: *“não como o entendeis”*. Realmente, quando falamos de sexo, logo ligamos aos órgãos genitais da zona física e não às forças criativas da alma, pela nossa condição de vivência na dimensão física. O nosso sexo, masculino ou feminino, é resultado dessas forças que, por sua vez, como potenciais criativos que são, mostram grandes influências em outros setores da vida.

Dessa forma, quanto mais para dentro da alma teríamos forças sexuais unificadas. Seria uma unissexualidade por plena bissexualidade. Poderão mostrar, na periferia ou zona física, inúmeros maticizes e até mesmo sem maiores atividades.

Os indivíduos que se encontram nesta faixa mais evoluída, embora num corpo masculino ou feminino exercendo fisiologicamente as suas funções sexuais, não têm tanta necessidade do sexo como fator de construção, já são construídos. São indivíduos que, com facilidade e sem tempestades, sublimam o sexo.

O outro grupo de transexuais, representado pelos pouco evoluídos, que se encontram nesta faixa, sem qualquer patologia definida, se não houver segurança no plano educativo, podem descambar no homossexualismo. Muitos desses indivíduos encontram-se em provas na carne. Apreciemos bem: não são doentes, mas encontram-se à beira do abismo; um pequeno passo é a queda. São indivíduos

bastante necessitados de uma conduta equilibrada para a segurança dos propósitos de sua própria vida.

Para melhor compreendermos aquilo que chamados de transexualismo, exemplifiquemos: o caso de Mme. de Stael, quando fez a comunicação a Kardec, como espírito, dizendo que "era homem de mais para uma mulher". Essa admirável mulher das letras desejava dizer que o seu trabalho possuía mais a eficiência das forças psicológicas masculinas do que as femininas. Os seus escritos e as suas atitudes caminhavam para a posição masculina, embora não apresentasse modificações em suas posições femininas. Onde estaria agora Mme de Stael? Já reencarnada? Como homem ou como mulher? Como homem, ainda com os resquícios femininos anteriores? Ou mesmo como mulher mostrando as tendências masculinas? Já teria mudado a sua polarização sexual de modo definido, ou apresentaria um corpo masculino com os resquícios femininos? Claro que tudo isso representa uma pesquisa difícil de ser feita, mas, as idéias são sugestivas.

Esses estudos representam ilações que nos permitem avaliar as flutuações sexuais ligadas à evolução dos seres; porém, caso que nos permite avaliar mais de perto todo esse processamento e conhecido na história, é o de Chopin e George Sand. Chopin mostra uma alma evoluída, interessante, mas com expressões de forças psicológicas sexuais

femininas; era um indivíduo cordato, delicado, de profunda sensibilidade. Chopin para elaborar toda aquela potencialidade musical, as extasiantes sonatas, necessitava mobilizar os componentes femininos de sua alma, único filtro possível na devida canalização artística de seu talento. Quanto a George Sand, demonstrava em sua criação literária atitudes psicológicas tipicamente masculinas; esta tendência psicológica era de tal ordem que vestia-se com roupagens masculinas e afirmava, com naturalidade: “preciso, para que o meu trabalho literário se afirme, utilizar o código moral dos homens”. A literata, o que mesmo necessitava era de drenagem de suas forças psicológicas sexuais, de tonalidade masculina, em tráfego constante em seu psiquismo irrequieto.

Essas duas personagens eram absolutamente normais em suas posições físicas. Ele, o músico apaixonado, intuitivo e criativo. Ela, mulher maravilhosa, apreciadora das artes e de teor criativo nas letras. Uniram-se em autêntico amor, a ponto de conhecermos, pelos informes históricos, a lua de mel que realizaram em Majorca. Conta-se que o casal, na sala de estar, após aqueles temporais de verão do Mediterrâneo, ao lado da janela em que se encontravam, pequena gota d'água insistente fazia o seu pequeno ruído, vertendo de uma calha rachada. A reação de ambos não se fez esperar: Chopin musicou o evento com a sua célebre música “a gota d'água”; George Sand levantou-se para provi-

denciar o concerto da calha. Duas reações diferentes: a de Chopin, tipicamente feminina e a de George Sand, tipicamente masculina; entretanto, cada um deles respondia pelas atitudes sexuais com normalidade. Eram pessoas absolutamente sadias porém refletindo, psicologicamente, as forças sexuais opostas da alma. Por isso davam-se bem e viviam felizes. A música bem se casava com a literatura. É bem possível que se completassem no esparzir dessas forças criativas do espírito ou da zona do inconsciente.

A vida, constantemente, está a nos mostrar essas nuances. Foi, também, o caso de Mme Roland, durante a revolução Francesa, a influenciar os deputados na causa da liberdade, nas célebres e conhecidas reuniões que fazia em seu lar. As suas atitudes psicológicas eram tipicamente masculinas, embora a sua conduta como mulher fosse reconhecidamente feminina.

Neste sentido desejamos referir, com muito carinho, certos médiuns do sexo masculino, irreprensíveis em suas atitudes humanas, e que utilizam as forças psicológicas sexuais femininas da sua própria alma na captagem das mensagens, exigindo, pelas circunstâncias desse tão delicado fenômeno, a tonalidade sensível que somente a força feminina, neste terreno, pode oferecer. São indivíduos bastante sensíveis, educados, gentis e, por isso mesmo, algumas vezes interpretados como de características homossexuais.

Pelo exposto, necessitamos reavaliar alguns capítulos da Psicologia com os coloridos parapsicológicos de existência real e que não podem ficar afastados nessas avaliações. Muitas das mensagens mediúnicas, pela sua característica amena, delicada e mesmo de extrema sensibilidade, não poderiam chegar até nós sem as conotações e coloridos dos filtros psicológicos sexuais de timbre feminino. Muitos desses médiuns, pelas injunções de suas próprias missões, praticam a castidade equilibrante, já traduzindo um espírito mais evoluído e mais desligado das injunções carnis. É como podemos explicar que mensagens de mais alta sensibilidade e beleza possam ser percebidas pelas organizações físicas masculinas. São dignificantes missões.

Devemos estar atentos diante das nuances do transexualismo, que mostram certas atitudes do sexo oposto, principalmente as psicológicas, e que jamais devem ser incluídas na patologia. Também devemos ter cuidado para não classificarmos, nestes parâmetros, certos fronteiriços de tendências homossexuais. Se a nossa Psicologia estiver acolitada nas leis de ação e reação, na imortalidade e reencarnação dos campos do psiquismo profundo ou campos espirituais, teremos elementos bem ajustados para as avaliações maiores; não ficaremos boiando na superficialidade desses mecanismos tão significativos.

Os casos de *homossexualismo* são aqueles em que o indivíduo possui eletividade emocional,

às vezes de modo compulsivo, para o mesmo sexo de que faz parte. O atendimento dos sentidos, nesta fase, é absolutamente patológico. São casos doentios de uma variada e imensa origem, mas todos eles tomando nascimento em fontes energéticas deformadas da própria alma — respostas cármicas de um passado tortuoso. *Ninguém apresenta deformações sem a respectiva conotação espiritual.* As dores daí resultantes vão servir de despertamento, chamamento para as futuras correções. Todos os processos de cura, ligados a esses casos, estarão diretamente relacionados a integral abstinência. Os detalhes são incontáveis e os caminhos complexos e difíceis.

Dessa forma, podemos anotar a existência de ilhas doentes na própria alma e que necessitam de um processo de esvaziamento no sentido de uma futura cura; porém, nestas ilhas energéticas que sofreram um esvaziamento por um adequado processo, proporcionando uma ajustada drenagem, se não colocarmos potenciais positivos nestas faixas recém-limpas, nada conseguiremos; outros elementos de vibrações idênticas, isto é, doentias, aí, novamente, se instalarão. Os elementos positivos que necessitarão ocupar essas zonas serão representados por aptidões de um trabalho construtivo dentro de uma ética e moral absolutamente sadias. Muitas vezes, essas zonas, devido à fragilidade psicológica humana, são ocupadas pelas vibrações altissonantes das dores a determinar uma espécie de

Ilmpeza, propiciando, com o seu efeito construtivo, a elaboração das seguras construções do espírito.

Na nossa atual posição evolutiva a dor ainda é um dos grandes fatores dos impulsos evolutivos, proporcionando novas e potentes vibrações para a alma; conseqüentemente, a zona física passará a receber, do espírito, as orientações mais ajustadas e harmonizadas, tornando-se uma zona mais sadia, hígida, pelos benéficos e constantes efeitos das novas energias que ocuparam o psiquismo de profundidade.

É bem verdade que algumas encarnações se farão desfilarem até o equilíbrio integral do processo; tudo na dependência das extensões psicológicas do mecanismo distônico, principalmente em se tratando de homossexualismo.

Pelo que acabamos de informar, quanto se torna necessário o conhecimento dos mecanismos espirituais pelos seus reflexos na zona física. Quanto se faz necessário compreendermos a Ciência Espírita para ampliarmos os campos do conhecimento e nos prepararmos para a luta mais acertada na gleba psíquica, principalmente contra as distonias que atingem a personalidade humana.

Por fim, estamos a compreender as razões da construção da vida através de uma utilização sexual equilibrada. Também devemos compreender que, no processo de castidade, o ser pode alcançar a sublimação caso as suas condições sejam propícias e se já possui construções sedimentadas na própria alma.

Se o indivíduo encontra-se em faixas sexuais mais primitivas, ainda sem sedimentos e alicerces que possam sustentar uma castidade equilibrada e com sentido, será um erro cercear as efusões dessas potentes energias. É como se as paredes de um dique imenso partissem e, de vez, jogassem desenfreadamente as suas "águas"; o indivíduo passa a não ter condições de controle e as energias, em desequilíbrio, ocupam os campos mentais.

Em tudo é preciso que haja construção equilibrada. As influências internas necessitam ser bem canalizadas e melhor aproveitadas. A monogamia e a castidade podem ser o caminho da sublimação ou a estrada do desequilíbrio se não houver adequadas condições psicológicas para tal fim.

Não se pode nem se deve parar repentinamente a correnteza de um caudaloso rio, mas podemos retificar as suas margens e o seu leito, a fim de conduzi-lo, com harmonia, a seu estuário de deságüe final.

O sexo é equilíbrio e beleza quando existe construção no bem e na ordem. Sexo, sim, com responsabilidade. E os casos de autêntica castidade, que sabemos e bem conhecemos, tanto em homem quanto mulheres?

Estes indivíduos aproveitam as energias da alma nas faixas criativas e de desenvolvimento na fraternidade, na assistência social, nas maravilhosas construções da literatura e das artes em geral, para, numa catarse harmônica, locupletar com o

bem, daí advindo a própria organização sem a necessidade do parceiro ou cônjuge. A vida responde-lhes de modo bem alto, por ser bem alta a sua atitude, proporcionando-lhes intervalos reencarnatórios bem mais longos por não haver o chamamento de um parceiro, na zona física, para a continuidade evolutiva. É como se o indivíduo se tornasse mais independente na construção de seu próprio Eu.

A vida dos seres, na Terra, dependem totalmente da influência diretora dessas forças do Espírito, na faixa criativa Psi-sexual. O indivíduo encarnado, pelos seus anseios e necessidades, traduz o que carrega na própria alma. Muitos são impulsionados às expensas das energias mais centrais da zona do inconsciente ou zona espiritual (gravuras 1 e 2), onde existe uma força criativa de características integrais (bloco totalizado das forças masculinas e femininas), enquanto que outros, mais afastados do centro, podem mesmo ficar às expensas das forças criativas mais periféricas, onde a polaridade sexual estará na posição masculina ou feminina e sob influência de suas naturais oscilações.

Existem indivíduos que vivem mais sob influência da zona interna do psiquismo; outros, por questões evolutivas, estão subordinados às influências dos seus campos mais periféricos. Tudo a depender do próprio padrão evolutivo de cada ser.

Como influência das energias centrais podemos ter as expressões de vida de um Francisco de

Assis, de um Gandhi, contracenando na periferia com as demonstrações de um Napoleão, o guerreiro altivo, determinista, violento e sem altruísmo. Nas forças criativas do centro do sistema teríamos um Schweitzer, o célebre pastor protestante, o anjo de Labarenné, que construiu um hospital no antigo Congo Belga a fim de atender os doentes de raça negra. Certa vez perguntaram-lhe: “Por que o Sr., o maior intérprete de Bach do mundo, podendo ter honrarias de toda ordem, inclusive independência econômica, deu a sua vida para o continente africano?” Respondeu: “Se eu tivesse 400 anos de vida e pudesse trabalhar, como estou trabalhando, para os negros da África, jamais conseguiria sanar, nesses séculos, o que os brancos fizeram de erros e toda ordem de insensatez naquele continente, em nome de uma colonização”. Que alma gigante! Que energias espirituais comandaram aquele anjo reenarnado!

Assim, também, diante dessas forças criativas da vida, respondem as civilizações. Esparta, pela arte da guerra que desenvolvia, pela importância que dava ao aperfeiçoamento dos músculos de seus filhos, pelo belicismo que espalhava, vivia mais a nutrir as forças psíquicas de periferia. Atenas, seu vizinho, desenvolvia a beleza do espírito, servindo-se dos mananciais de forças mais aperfeiçoadas. O século de Péricles foi a expressão mais ampliada dessa efusão de energias criativas e harmonizadas.

É claro que tudo isso estará na dependência de evolução. Cada ser só poderá mostrar aquilo que carrega consigo. As grandes expressões dessas energias criativas evoluídas se dão nas artes, na música, na literatura e nas construções de toda ordem. A Mona Lisa de Leonardo da Vinci traduz um belo e mais puro recado para a humanidade — o sorriso de harmonia e autenticidade canalizado nas expressões do rosto feminino com as forças sexuais da alma feminina do artista.

Para melhor compreendermos essas forças criativas, contendo em seu bojo as polaridades masculina e feminina, necessitamos entender, antes de mais nada, a imortalidade do campo espiritual, as leis de ação-reação e a reencarnação. Recomendamos a Doutrina Espírita, pela lógica de seus propósitos, pela dinamização de suas idéias e pela participação integral da posição científica. Um sistema que acompanha a ciência e lhe fornece horizontes seguros, dentro da pesquisa, não pode ser desprezado. Não podemos abandonar a luz em favor das sombras; não podemos estudar a claridade em refúgios obscuros. Precisamos avançar, sem medo, pela vida, buscando qualidade. O que hoje vemos pelo mundo deixa-nos atônitos e preocupados diante das manifestações da chamada civilização hodierna; tudo está a mostrar um temporal em formação que, se desabar, irá sanear a Terra dos seus males e das dificuldades criadas pela involução de seus filhos que não souberam escolher as

trilhas — carpiremos na dor o que não soubemos fazer com entendimento e equilíbrio. Talvez o homem ainda chegue a tempo de conter a avalanche com um tremendo esforço e com as construções espirituais de escol.

Seja qual for a posição em que nos encontrarmos, seja qual for a tarefa que nos seja confiada, sejamos autênticos cristãos, aqueles que perceberam a filosofia com as conotações da Doutrina Espírita, cada qual em seu posto de trabalho, sempre confiantes nas luzes do comando Crístico. E com a alma aberta para a vida, com vontade de construir sempre, podemos solicitar do Mestre, Jesus o Cristo, o que o nosso ser anseia:

Senhor, permita que continuemos na Terra dos nossos sonhos; permita que aqui possamos ficar por milênios em fora, consertando o que quebramos, mas sempre sob sua augusta orientação, sob esse Sol que ilumina as nossas almas, a fim de que um dia, sempre dentro da Sua Seara, carregando com as nossas forças a Sua Vinha, possamos ser considerados um operário cósmico.

Muita paz!

Jorge Andréa dos Santos

PERGUNTAS FORMULADAS, POR ESCRITO,
AO CONFERENCISTA DR. JORGE ANDRÉA

1) *O comportamento psíquico é também transmitido pela bagagem genética ou seria a resultante da bagagem reencarnatória do espírito?*

Exclusivamente pela bagagem reencarnatória influenciando os campos físicos das estruturas genéticas.

2) *Estes dois potenciais feminino e masculino que carregamos dentro de nós seriam o Animus e o Anima (que Jung aborda)? Aquele que é mais expressivo exteriormente vem já da reencarnação? b) Aquela compensação da vibração consciente, na catarse, seria a compensação vista por Adler? c) Como o senhor vê o delírio místico na psiquiatria espírita?*

Sem dúvida alguma representam o Animus e Anima, embora situemos essas forças, não como Jung em arquétipos, mas em blocos a representar a própria energia criativa, a se expressar na periferia física como resultado da influência do espírito reencarnante que manipulou os potenciais físicos dos cromossomos na definição do sexo.

A catarse, por si só, representa compensação e equilíbrio; quando de forças ligadas à “vontade do poder”, que o homem carrega, estariam atadas à psicologia de Adler por melhor ter atinado com o processo em pauta.

O delírio místico, como a palavra está a dizer, é um delírio e, como tal, patológico. É bem verdade que certas manifestações mediúnicas descontroladas e não bem avaliadas, estão enquadradas na psiquiatria oficial. Por outro lado, temos a considerar que a patologia psíquica carrega, habitualmente, fenômenos mediúnicos destoantes. De modo que o delírio místico poderia ser melhor avaliado pelos psiquiatras que entendessem de Doutrina Espírita.

3) A bissexualidade desapareceria na evolução superior para se transformar em unidade sexual?

Essa seria a finalidade evolutiva. Quanto mais ligado à matéria estiver o ser, mais tem necessidade de afirmação num dos polos sexuais (masculino ou feminino); quanto mais evoluído e com mínimas necessidades reencarnatórias, maior a junção dessas polaridades. Portanto, seria uma bissexualidade por acúmulo e união de forças vividas e maturadas nas romagens reencarnatórias. Após ter alcançado um expressivo grau de evolução na Terra, o Espírito deslocar-se-ia para outras posições evolutivas, onde essas forças criativas seriam manifestadas, talvez, de modo bem diverso.

4) *A bissexualidade hormonal e glandular em seu período embrionário nos mostra muitas semelhanças independentes do sexo futuro. Seria esse um substrato para a idéia da potência unisexual da alma?*

Acreditamos que sim.

5) *Podemos considerar o sexo como o fator da evolução espiritual?*

Sem dúvida alguma. Ele, na polaridade em que se encontra quando da reencarnação de determinado espírito, será expressão de uma parte das grandes energias criativas espirituais. Se o reencarnado desenvolve potenciais positivos nesta faixa, colherá as benesses evolutivas.

6) *Quando a mulher não concebe é porque ela não dará mais a possibilidade de outro Espírito encarnar?*

Claro que sim. O Espírito não encontrará o necessário "cadinho" para o seu mergulho na carne. Isto estará ligado à própria mulher; desde a sua reencarnação trouxe as deficiências físicas impeditivas da concepção: deficiências hormonais, uterinas, obstrução de trompas, etc. Entretanto, por motivos de doenças na esfera ginecológica, a mulher pode tornar-se estéril, inclusive, também, pelo abuso dos contraceptivos.

7) *Com relação a Joana D'Arc, seu potencial de sexualidade masculino estava mais acentuado, ou ela enquadrava-se em outro aspecto?*

Acreditamos que Joana D'Arc teve o amparo e projeção das forças sexuais masculinas de seu psiquismo de profundidade, despertadas pelo caráter de sua missão; esta estaria amparada nas expressões de sua própria mediunidade.

8) *Como o perispírito se relaciona com os vórtices de energia citados? Qual a diferença entre força sexual masculina e feminina?*

O perispírito é uma zona intermediária, com características específicas, conduzindo para a zona material, com a devida adaptação, as forças vorticosas do espírito, inclusive as de caráter sexual. O núcleo das células físicas, com a maravilhosa potencialidade do código genético, seria a ponte de transição e recepção das energias perispirituais para a matéria.

A diferença entre a força sexual masculina e feminina estaria nas condições de polarização; duas metades, com personalidades próprias, com tendência a se unirem, definitivamente, quando maturadas nas experiências.

9) *a) Como o espírito atua sobre o DNA no momento da fusão espermatozóide-óvulo, para que o ovo resultante já traga dentro de si a carga genética que o representa? b) No momento da escolha do espermatozóide que irá fundir o óvulo, está o espírito consciente? Ele "perde" a consciência no momento em que se dá a fusão? c) Em que idade física pode-se dizer que houve uma reabsorção to-*

tal das potencialidades desenvolvidas na última existência?

a) O acolamento do espírito se daria nos cromossomos, especificamente nos genes (hipótese de trabalho) que se encontram aos milhares no "tapete" cromossômico do ADN. Os genes seriam unidades biológicas; representariam para a Biologia o que o átomo representa para a Física. Dessa forma, os vórtices do espírito controlariam a matéria por intermédio dos genes, dirigindo a herança física e ofertando qualidades que traz consigo.

b) Na união do espírito com a matéria, claro que o espírito se encontra inconsciente, num estado de hibernação. As forças do espírito comandam o processamento de sua própria reencarnação pelas irradiações de seus campos energéticos. Esse estado de inconsciência do espírito, no momento reencarnatório, oscila com a sua própria evolução. Quanto mais evoluído, mais estará em condições de orientar e dirigir o processo; quanto menos evoluído menos participa e intervém em toda essa complexa mecânica.

c) A idade física, na reabsorção das forças do espírito, está em volta dos sete anos, idade em que a glândula pineal atingiria sua maturidade na organização física.

10) a) *O mundo atual, com os movimentos feministas e os citados movimentos machistas, com características tanto masculinas quanto femininas,*

seria uma situação de desequilíbrio espiritual dos espíritos aqui encarnados ou característica própria da transformação porque passa o planeta? b) Como é feito biologicamente e espiritualmente a determinação dos deficientes físicos? c) E como se dá o problema da mulher que quanto mais velha, mais probabilidade tem de ter filhos deformados?

a) Claro que são mais transformações sociais a fim de que um novo período seja aberto para a humanidade. Entretanto, nestas fases transitórias, os mecanismos destoantes (cármicos) da vida estarão mais efetivos para alcançar o novo degrau ou período através do conhecimento, entendimento ou processo retificante das dores.

b) O espírito necessitado, a fim de colher nas dificuldades físicas as experiências, é o artífice de todo o processo, por carregar as deficiências que exterioriza numa determinada época. Para tudo isso, o espírito influenciará a zona fatorial da herança, pela manipulação dos genes cromossômiais do ovo fecundado, no momento da sua reencarnação.

c) É justamente neste cadinho físico que os espíritos, carregando deficiências, encontram, nas dores, os fatores para a sua libertação.

11) *a) Como o senhor classificaria uma mulher que age como homem, veste e anda como homem mas é mulher por um período de tempo e homem por outro? b) Pelo que o senhor falou de transsexual evoluído, entendi no caso que Jesus seria*

um exemplo e que todos os espíritos evoluídos encarnados não têm necessidade do sexo na sua vida cotidiana.

a) Como deformada, física e espiritualmente, necessitando de estudo bem detalhado para avaliação e respectiva orientação.

b) Exatamente. Por evolução, o indivíduo acumula as forças de ambos polos (masculino e feminino) e nesta unificação plenifica-se sem maiores necessidades do sexo de periferia (zona física). Esclareçamos sempre que, neste estudo, abordamos o transexualismo sem conotações doentias.

12) Falou-se do homossexual como um caso patológico. Partindo-se do princípio de que não há efeito sem causa, o homossexual também seria consequência (ou resultado) de encarnações anteriores problemáticas? Ou seria muito mais um resultado de forças sociais desequilibrantes?

As duas causas. O homossexualismo, como distonia pretérita das forças criativas, traz em seu bojo os diversos graus e tendências a demarcar a organização física. Muitas vezes, por questões educacionais e caminhos adequados, muitos fronteirios escapam a patologia; outros tantos, encontram nas vivências do dia-a-dia os fatores coadjuvantes para o desequilíbrio. Mas, em tudo isso, a causa principal estará nas estruturas do espírito, onde se encontram lapidados as desarmonias e as construções.

13) O senhor citou, no transcorrer da bellissima exposição, Freud segundo o qual quase todos os desequilíbrios mentais têm por fundamento os desvios sexuais. Se é o cérebro, ou melhor, o espírito que comanda a função sexual, não seria o desequilíbrio mental que daria origem aos desvios do sexo? Há quem diga que Freud, pouco tempo antes de desencarnar, acreditava na reencarnação. É verdade?

Segundo Freud, em muitos dos desequilíbrios mentais haverá envolvimento sexual, por diversos processos, inclusive as repressões.

As forças sexuais da alma, por serem forças criativas, estarão quase sempre comprometidas nos processos mentais patológicos, que podem refletir-se diretamente nos mecanismos sexuais da organização física ou nas energias psíquicas de outra ordem. Não sabemos, oficialmente, se Freud acabou acreditando na reencarnação, mas, os escritos da fase final de sua vida física carregam fortes coloridos espiritualistas.

14) Jung viu a força criativa do Ser no inconsciente e esta vem se projetando através da personalidade. Pergunto: Qual o desequilíbrio que ocorre neste ser?

O desequilíbrio estaria ligado às desestruturas dos blocos de energias do inconsciente coletivo junguista com os reflexos na personalidade ou corpo físico.

O centro criativo da vida não deve apresentar desorganizações; mas, como só se manifestará através dos filtros da zona inconsciente e posteriormente a zona física, o fluxo de energias carregará consigo as tinturas das diversas regiões do psiquismo, com os reflexos finais na zona consciente.

15) a) Frente à necessidade de um planejamento familiar, como o casal deve proceder? b) Seria interessante levarmos aos homossexuais, leigos da Doutrina, os conceitos emitidos pelo senhor em todos os aspectos?

a) O planejamento familiar, ao lado dos dados científicos ajustados, é questão de foro íntimo do casal.

b) Acredito que além de oportuno será um caminho seguro de informações. É claro que devemos esclarecer muito bem o processo em pauta, a fim de conscientizar os necessitados sobre os escolhos de caminhos tão tortuosos.

16) e 17) O controle da natalidade através de pílulas anticoncepcionais não seria uma interferência no processo evolutivo das reencarnações? Qual a importância que os anticoncepcionais deixam ao homem, falando no campo espiritual? Seria punida aquela que usasse em excesso ou abuso?

Não, quando praticado com equilíbrio e ordem. Quando utilizado sem medidas e desarmonias, como sói acontecer em muitos casos, a organização física responderá na proporção do abuso cometido.

18) Como, exatamente, no caso dos intersexuais, as equipes espirituais poderiam ajudar a ciência, se cada ser é tão pouco individual, tem suas características tão próprias, e a mesma individualidade nos é assegurada?

Isto só poderá realmente dar-se, quando a ciência humana incorporar o fenômeno mediúnico como um fato incontestado e passar a tirar as ilações de tudo aquilo que necessita.

19) Se não fugir do tema da noite o senhor poderia explicar o que seria id, ego e superego, segundo a Psicologia e o Espiritismo?

Na teoria freudiana tudo que o indivíduo traz com o nascimento — aquilo que foi congenitamente organizado como impulsos inconscientes, sem modificações pela educação — constitui o ID. Quando parte do ID aflora à zona consciente e participa do mundo sensorial do homem, transforma-se no EGO. O EGO traduz consciência e conhecimento, com a possibilidade de voltar ao ID, sob certas condições, recalçando-o. O recalque porém só se dará sob a influência do SUPER-EGO, orientador e vigia do EGO, isto é, a pressão social que sofre o indivíduo. A teoria freudiana, com suas imensas divagações do psiquismo, transformando as disfunções inconscientes em conscientes, concorreu para dar conhecimento ao mundo científico da presença potente do psiquismo em todos os setores da vida orgânica. E, nos dias de hoje, poderemos

equacionar o inconsciente como sinônimo de zona espiritual. (Para melhor estudo ver o nosso livro: *Energética do Psiquismo. Fronteiras da alma. Em distribuição, em S. Paulo, pela Edicel*).

20) Quando a mulher por um motivo qualquer (doença nervosa por exemplo) se nega a manter relações sexuais com o marido, ele está livre para ter relação sexual fora do casamento?

Isto seria questão pessoal e de foro íntimo. Cada indivíduo, em sua intimidade, saberá como proceder de acordo com as condições existentes. Tudo terá de ser bem avaliado. Seja qual for o caminho a ser trilhado, em se considerando relações sexuais, a responsabilidade é condição imperiosa ao ser humano.

21) Uma criança que foi gerada por casualidade ou por descuido e que foi logo ao nascer abandonada, ela terá algum problema sobre a força sexual da alma?

Absolutamente não existem correlações. Se houver problemas com a criança estarão ligados a outras motivações.

22) Quando desencarnamos voltamos às experiências masculinas ou femininas? Quando estamos satisfeitos conosco mesmos, com nosso sexo (vivemos castidade construtiva), sentimos que somos homem e mulher, isto é problema?

Todos nós teremos fases de encarnações masculinas e femininas, a fim de desenvolvermos e

completarmos as exigências da evolução. Quando estamos num determinado corpo físico (masculino ou feminino) teremos, como normalidade, a causúfica do sexo onde nos encontramos. As expressões se farão sempre de acordo com o grau evolutivo em que cada ser se encontra.

23) Como conseguir equilíbrio quanto às necessidades sexuais de um homem?

O equilíbrio está na vivência adequada, dentro de um programa harmônico, isto é, o indivíduo deve viver em face ao grau evolutivo em que se encontra, procurando sempre enquadrar-se dentro de um plano ético diante das suas motivações e realizações.

24) Foi citado o exemplo de Esparta e como sabemos, em Esparta (assim como na 2.^a guerra mundial com a SS) o homossexualismo incentivado, forjado e até obrigado entre todos os jovens combatentes. Como explicar o homossexualismo entre jovens (possivelmente) normais?

Tudo isso foi o efeito de uma época onde a moral assim o permitia. Embora representasse deficiência e desequilíbrio era aceito pela sociedade — o trauma psicológico era bem menor.

25) O espírito passa a atuar na matéria desde a sua concepção?

Vide pergunta e resposta de n.º 9.

26) Qual a posição do perisprito entre o espírito ou consciente. Periferia ou matéria?

Em nossa hipótese de trabalho achamos que o perispírito seria o resultado das irradiações das camadas do inconsciente ou zona espiritual a se dirigirem para a matéria. Formaria, assim, um verdadeiro envelope energético envolvendo a zona espiritual, difundindo-se e perdendo-se na matéria, através dos núcleos celulares, mais especificamente os genes dos cromossomos — as telas de sua manifestação na zona física.

27) Qual a possibilidade do ser humano manter o núcleo do subconsciente firme, extrair aquilo que o perturba e colocar nos devidos valores? Como se processa?

Isto ainda é mecanismo muito difícil de ser manipulado. Os processos psicológicos que temos como certo devem mostrar uma pequena verdade, não a verdadeira verdade. Neste setor, no momento, ainda andamos às apalpadelas. Os mecanismos de catarse utilizados ainda apresentam falhas e muitos pontos obscuros.

28) Temos condição de conhecer nosso inconsciente após cada desencarnação? Ou só quando adquirirmos determinada evolução?

Só quando adquirirmos evolução. O nosso livre-arbítrio não deve interferir naquilo que ainda desconhecemos em sua essência.

29) Por que o senhor não citou Reich, que foi um mártir da Psiquiatria e, discutível ou não, tem significativa importância histórica?

É claro que o nosso Reich foi um dos trabalhadores da ciência da alma. A não citação não foi proposital; questão de oportunidade dentro da temática a que nos propomos expor.

30) O erotismo biológico tem profunda ligação com o Espiritismo. Como a Doutrina Espírita encara o erotismo biológico expressivo no presente?

A Doutrina Espírita açambarca todos as atividades da vida. A abordagem é da própria ciência e da finalidade que os diversos assuntos encerram. Diante dos temas a Doutrina Espírita fornece as conotações de uma ética que valha pela qualidade.

31) Como se explicaria, à luz do Espiritismo, os problemas que ocorrem durante a meiose e mitose e que levam ao desenvolvimento de uma criança excepcional?

Durante a fecundação o Campo Organizador da Forma ou Espírito Reencarnante, ocupa os genes cromossomiais e lhes dá um direcionamento. Se nos próprios elementos da herança física (pai e mãe) existirem as deficiências genéticas, o espírito necessitado de colher as dores de uma existência deficiente foi de encontro ao seu obrigatório destino. Se os elementos fatoriais da herança física são saudáveis, o espírito que traz consigo as deficiências, como elemento manipulador dos blastômeros do óvulo fecundado, lapidará na zona física a sua desarmonia. A Grande Lei de ação-reação será cum-

prida. "Colhemos hoje o que semeamos no passado; colheremos no futuro o que no momento presente desenvolvermos".

32) a) *A prática homossexual não seria explicada pelas anteriores experiências em outro sexo?* b) *A castidade para estes, ao contrário do preconizado pelo conferencista, não seria, ao contrário — de acordo com a psicanálise — danosa, causa de grandes conflitos, indo até à psicose?* c) *Quanto ao preconizado para estes, o trabalho, os nazistas já o faziam nos campos de concentração.* d) *Associações psiquiátricas como a americana, já não computam como doença o homossexualismo.*

a) Existe, antes de mais nada, a considerar a evolução dos seres e a sua sementeira no passado. A prática homossexual gera desarmonia e obsessão.

b) A castidade, quando construtiva e bem orientada, nunca leva ao desequilíbrio. A substituição do atendimento dos sentidos (nas práticas homossexuais) pelas realizações espirituais de todos os matizes, é coisa inadiável e intransferível como processo de libertação.

d) Existem várias correntes na Psicologia e na Psiquiatria que até comungam com a prática homossexual, como um fato normal da vida. Existe, realmente, mas é *prática deformante*. Os indivíduos que não enxergam desequilíbrios de personalidade e outros sintomas (são muitos e variados) na práti-

ca homossexual ficaram exclusivamente ligados à matéria, sem atinarem com as forças espirituais que o ser humano consigo carrega.

33) O espírito acompanha a formação do corpo que irá ocupar na terra desde a 1.ª célula. Pergunto: é o espírito que determina o número de filhos que terá durante sua vida encarnada?

Cada filho representa um espírito reencarnado. O número de filhos de um casal obedece a outros parâmetros espirituais, a outras leis, a outras necessidades que transcendem a nossa avaliação. Tanto isso é verdade, que os casais considerados saudáveis, diante dos mais detalhados exames clínicos, não têm filhos apesar de lutarem por esse objetivo. É possível que o espírito ao reencarnar, algumas vezes, pelo menos, já traga consigo essa determinação.

Processo Reencarnatório

Ao tratarmos de assuntos científicos desejamos informar, antes de mais nada, que a Doutrina Espírita alberga em seu seio as raízes da ciência e as conquistas que a mesma vem realizando; entretanto, com o conhecimento que já possuímos sobre a reencarnação e imortalidade, os horizontes dessa mesma ciência se ampliam e clarificam muitas posições ainda desconhecidas.

O processo da conjugação dos gametas, que investe um espírito reencarnante, representa um dos mais expressivos mecanismos da Biologia.

A conjugação entre o campo espiritual e o campo físico não se faz ao acaso e estará na dependência de múltiplas condições, onde a maioria delas absolutamente desconhecida. Mas existirá um momento em que o espírito reencarnante ocupará o ovo em formação buscando, obrigatoriamente ou não, uma nova romagem, uma nova missão, um novo campo renovatório para as suas experiências.

Nenhum espírito chegará ao processo reencarnatório sem uma atração específica com a sua futura mãe. A procura do campo materno está ba-

seada em ligações, onde inúmeros fatores entrarão em jogo. O mergulho na reencarnação só se dará quando a sintonia entre mãe e futuro filho estiver praticamente indissolúvel, isto é, quando o processo tiver atingido o ponto ideal de entrosamento de vibrações pelas zonas espirituais de ambos participantes (mãe e filho).

Quando o fenômeno atingir certa maturidade, a sintonia se estreitará, cada vez mais, entre a mãe e o espírito reencarnante; ambos ficarão inundados, por esta hipnose mútua, das respectivas energias. O filho influenciando a mãe e por ela sendo influenciado, embora cada um conserve as suas mais íntimas características.

O momento da reencarnação desencadeia para o espírito uma série de reações a repercutirem em sua organização. De modo geral, o espírito candidato à reencarnação se mostra com o aspecto da última etapa terrena, às expensas de suas energias perispirituais. Estas modelam o seu aspecto e forma. O mergulho na carne, para nova etapa, permite que os campos perispirituais sofram um processo específico de redução, de concentração, um verdadeiro encolhimento. Nestas condições, parte das energias perispirituais são cedidas à natureza, como o corpo físico o foi no processo de cadaverização da forma anterior. Fica, assim, uma pequena camada envolvendo as zonas nobres do espírito, de forma mais ou menos ovóide, tanto mais reduzida quanto menos evoluído for o ser.

O campo de energias do espírito reencarnante vai ocupar a zona uterina da mãe que engravidou, com perda total da consciência; o grau de inconsciência estará relacionado ao processo reductivo: quanto maior for a redução perispiritual, maior será o processo hibernatório do espírito reencarnante, conseqüentemente, maior a inconsciência e desconhecimento da desenvoltura do fenômeno. Quanto mais evoluído for o espírito reencarnante, mais tomará consciência do processo.

Dessa forma, estamos a ver que a "natureza" se protege diante dos que não se encontram preparados e em condições de auxiliar o processo. Se o involuído participasse do fenômeno, é claro que interviria de modo negativo e destrutivo; hibernado, o espírito obedecerá, cegamente, as forças instintivas em suas corretas determinações.

O espírito reencarnante como que se albergará nas malhas das energias perispirituais maternas, sofrendo a sua influência e também influenciando, em parte, a matriz. Conforme essa influência, teremos reflexos benignos quando a mãe grávida sente-se alegre, feliz e carregando uma intraduzível harmonia; também certos sintomas negativos e desarmonizados que muitas mães apresentam estarão ligados às influências do reencarnante, quase sempre pouco evoluído a esparzir as vibrações negativas de sua própria faixa.

Muitas dessas influências estão ligadas ao espírito reencarnante mas, muitas outras estarão

ligadas à própria organização corpórea, às mudanças metabólicas e outras reações comuns do período gravídico.

Existem certos casos ligados ao espírito reencarnante que transfundem na mãe que o albergou imensa felicidade. Muitas mães que se encontram nesta faixa, entram em verdadeiros êxtases quando o filho começou a ser gerado em seu interior. As irradiações desses espíritos são tão benéficas que elas ficam paradas, com o olhar perdido no infinito e dizendo: “O que está acontecendo comigo?” Quando o esposo pergunta-lhe o que está acontecendo, nada sabem dizer; é como se dissessem: “Não mexa com os meus sonhos”. Se o esposo insiste para que diga algo, logo replicam: “Não posso nem dizer o que há. Existem sensações que são indizíveis...”

Qualquer que seja a qualidade do espírito reencarnante, haverá sempre com a mãe correlações de causas, onde ambos lucrarão sempre, no sentido evolutivo, quer os mecanismos se exteriorizem nas faixas do amor ou do ódio, com as suas imensas variações.

Acoplado à mãe que o recebeu, o espírito reencarnante estará influenciando, com as suas vibrações, o processo da fecundação e, com isso, a escolha do espermatozóide que penetrará o óvulo. Expliquemos: quando o espírito sintonizou com a matriz materna, estaria inundando, com o seu potencial, a organização feminina, principalmente o

óvulo. Este, sob influência dos campos energéticos do espírito reencarnante, selecionará o espermatozóide que possa determinar o sexo (espermatozóide X ou Y). Se o espermatozóide de cromossomia sexual Y fecundar o óvulo, o produto será masculino; se o de cromossomia sexual X, o produto será feminino. Mais uma vez acentuemos: o espírito reencarnante, com o seu campo específico de energias, fará a seleção do espermatozóide pelas contingências de suas irradiações, adquirindo e construindo o futuro corpo (futura personalidade) de acordo com as suas necessidades, o que vale dizer: de acordo com a sua missão.

Essa hipótese torna-se bem mais plausível do que a idéia de um acaso biológico e sem sentido. O espírito passa a ser o artífice de seu corpo físico, com determinada polaridade sexual, pelo impulso que traz consigo no sentido de cumprimento de sua missão.

Assim, a onda morfogenética da espécie seria a conseqüência das atividades do espírito na organização física. O espírito aproveitará os potenciais genéticos dos genitores, porém manipulará a "dança dos cromossomos" na destinação dos fatores hereditários. Quando o ser está formado, no caso da espécie humana após 9 meses, todo aquele resultado dependeu dos fatores genéticos do espermatozóide e do óvulo, mais a orientação do espírito reencarnante como campo organizador da forma ou simplesmente o organizador biológico.

Por tudo, o ser formado jamais seria a consequência de um acaso biológico e muito menos o seu polo sexual. Os impulsos do espírito reencarnante seriam os fatores diretivos de toda essa complexa mecânica.

Coroa Protetora

Um outro ponto de interesse, no processo fecundativo, é o da *quantidade imensa de espermatozoides* lançados nas vias femininas, em volta de 180 milhões por ejaculação. Sabemos que um único espermatozoide alcançará o óvulo, a fim de fecundá-lo. Qual seria o porquê dessa quantidade imensa de células masculinas? Diz a nossa biologia que é para não haver falhas; o mais apto dos espermatozoides deverá alcançar o óvulo. Estamos de acordo, até certo ponto, com estas premissas. É claro que deverá haver uma quantidade maior de células masculinas, mas 180 milhões por ejaculação nos parece exagero, em face a uma falha de 50 ou 100 células. Deve haver uma outra finalidade. Esta quantidade de espermatozoides deve representar algo importante. Tudo que existe na natureza tem posições bem definidas.

Sabemos, hoje, que vivemos envolvidos em energias de todos os matizes e a organização animal não foge a essa condição. As células emitem irradiações e os espermatozoides, como células independentes e dotadas de movimentos, são mais credenciadas ainda de possuírem intensas cargas de energias.

Quando o óvulo foi fecundado (por um único espermatozóide) e transformado em ovo, milhões de espermatozóides encontram-se em volta da célula feminina fecundada e não podendo invadir a célula pela existência de uma camada de secreção especial (fertilizina). Portanto, em volta da célula feminina fecundada (ovo), nas 48 e 72 horas que se seguem, os espermatozóides tendem a morrer e vão sendo absorvidos pelo organismo feminino; entretanto, lá estaria uma “coroa de energias”, oriunda das irradiações dos espermatozóides que estão fisicamente desaparecendo. Esta coroa de energias perduraria após o desaparecimento das células masculinas e teria o papel de proteger, vibratoriamente, o ovo contra investidas espirituais e de outra natureza que não aquelas do espírito reencarnante, em fase hibernativa. Seria uma proteção na faixa dimensional mais avançada das energias espirituais. Esta hipótese colabora na explicação do porquê da grande quantidade de células masculinas no cenário do processo da conjugação dos gametas. Com isso, poderíamos afirmar que a “prodigalidade da natureza”, neste setor, seria antes de mais nada a de alcançar uma proteção vibratória para o espírito reencarnante, quando de seu mergulho na matéria.

Essas energias resultantes das irradiações dos espermatozóides continuariam a sua função na formação de um campo — o duplo etérico — que serviria para os contactos entre o espírito e a ma-

téria, a fim de que essa pudesse submeter-se à sua categorizada direção e caminhar nas linhas corretas da morfogênese da espécie.

Por tudo, o espírito seria o campo organizador e sempre de acordo com os implementos energéticos que carrega consigo. Se é portador de harmonia e vibrações construtivas transferirá, aos genes dos cromossomos, as condições de higidez; se carregado de vibrações daninhas e desarmônicas passará aos campos materiais, através das telas dos genes cromossomiais, os seus desequilíbrios e desordens. Assim, muitas doenças espirituais são transferidas para o corpo que as abriga como uma necessidade de colher nas dores os processos liberatórios. O espírito quando doente, muitas vezes por atração já sintoniza com os potenciais genéticos de familiares doentes, mostrando, assim, o campo de suas necessidades. Na colheita das dores estará um dos mais efetivos mecanismos do avanço evolutivo.

Estamos a ver e sentir que o espírito ao reencarnar procura ou é conduzido para as posições que a evolução o situa. Sendo ele (espírito) o artífice do próprio corpo, dentro de suas próprias condições, colherá sempre o que semeou, e a lei de justiça se fará sempre em qualquer terreno de suas atividades, porém de modo bem específico, no processo da herança.

A criança após formação será, sem sombras de dúvidas, o resultado das suas próprias fontes

espirituais em ação na zona física. Estamos no lugar certo e no momento adequado com tudo aquilo que nos pertence, de bom ou de mal, de erros ou acertos, de conquistas intelectuais ou atrasos mentais, de emoções sadias ou perturbadoras. No corpo físico, somos sempre o efeito da influência de nosso próprio espírito.

Gêmeos

O espírito reencarnante, ou modelo organizador biológico, geralmente se acopla ao óvulo fecundado e passa a manipular o metabolismo e multiplicação das suas primeiras células, os blastômeros. Todo o processo que se seguirá, além da mórula inicial, representado pela blástula, gástrula e anexos embrionários, será a consequência das fontes de energias do reencarnante. Existem casos, entretanto, que mais de um espírito pode se agasalar no mesmo ovo. Dessa forma, no momento da divisão inicial em duas células filhas (blastômeros), cada espírito passará a dirigir a sua metade ovular, construindo, cada um deles, o seu próprio corpo — será o caso dos gêmeos univitelinos, assim chamados por serem do mesmo ovo. Serão gêmeos parecidos e do mesmo sexo.

Quando mais de um óvulo for fornecido, comumente dois, existirão dois espíritos reencarnantes, onde cada um deles se assestará na sua própria célula. Serão gêmeos, porém podem não ser

bem parecidos, como os univitelinos, e até mesmo serem de sexos diferentes.

Irmãos Siameses

Existirão casos teratológicos ligados ao produto de concepção, com explicações fundamentadas nas condições do espírito reencarnante. Sabemos que os espíritos credenciados à reencarnação, tomando ou não conhecimento do processo, virão à cena terráquea no degrau evolutivo em que se encontram. Dessa forma, existirão espíritos nas raias da animalidade, como, também, em posições angélicas, diante da nossa avaliação terrena. Ao lado disso, existem espíritos endividados a tal ponto que, com os seus pares de vindita, acabam em processo obsessório, imantados, sem conseguirem independência. Vivem juntos, em verdadeiro parasitismo, como hóspede e hospedeiro. Esses espíritos, tão dependentes um do outro, descem à cena reencarnatória juntos, muitas vezes ocupando o mesmo ovo, porém não conseguem independentizar-se. O resultado é que transferem para a zona física toda essa deficiência a ponto de se juntarem, fisicamente, em deformações corpóreas, como se encontravam espiritualmente. Esses casos explicam, muito bem, os conhecidos irmãos siameses. Como sempre, o campo organizador da forma será o responsável pela construção em todas as faixas, doentes ou sadias.

Aborto

Ponto que devemos também tratar nesta oportunidade é o aborto, pelas suas múltiplas facetas.

Devemos considerar as causas ligadas ao aborto; causas que poderiam ser involuntárias ou voluntárias.

No tipo de aborto *involuntário* enquadraríamos todos aqueles casos em que o organismo materno, por alguma disfunção, não suporta o produto da fecundação e expulsa-o. São os casos ligados às disfunções hormonais, infecções diversas, toxoplasmose, certas viroses, etc. Nestes casos, está bem claro que a mulher não participa, conscientemente, do aborto; ele se deu de modo espontâneo; ele aconteceu por causas não ligadas à vontade da mãe que alberga o produto da concepção.

Existe um tipo de aborto que se dá de modo espontâneo, relacionado à ausência de espírito (campo organizador da forma) na mecânica ontogenética. Inicialmente, o ovo vai se desenvolvendo, mesmo sem espírito reencarnante, pelos impulsos celulares e automatismos multimilenaes desse processo; porém, chegará um momento, de acordo com cada ser, que o processo ontogenético não encontrando apoio na orientação do campo espiritual vai se degradando, resultando em aborto. São casos raros, porém existindo. Neste grupo poderíamos incluir os casos de reencarnação de espíritos

desarmonizados a tal ponto que acabam por destruir todo o material da concepção. Estes espíritos não conseguem, pelas suas deletérias vibrações, um conveniente acoplamento entre o seu perispírito e as células físicas, passando a destruir toda a organização. As repetições desses espíritos no processo reencarnatório, vão propiciando as devidas retificações, até que apresentem condições para que a reencarnação se afirme.

Os tipos de abortos *voluntários* incluem todos os processos utilizados para este fim. Salientamos, entretanto, o tipo em que a mãe grávida, por achar a gravidez incômoda, até mesmo por motivos fúteis, fica, pela sua atitude mental, a irradiar vibrações tão negativas que acaba expulsando o feto da cavidade uterina. A mãe que assim procede passa a ter responsabilidade perante o seu ato, embora consideremos que nem sempre as irradiações negativas da mãe, diante daquilo que considera uma gravidez incômoda, possam exercer ações tão violentas a ponto de expulsar o feto da sua organização.

Constitui a maior das desarmonias, para a faixa espiritual humana, o aborto *provocado*. Um espírito que reencarnou, portanto entrando em hibernação, se for afastado e despertado pelo aborto provocado, criará para a sua própria organização um acúmulo de dores e desordens diversas; por se encontrar imantado à mãe, continuará junto, acoplado ao perispírito materno, ainda com as caracte-

rísticas de cobrador e vingador. Muitas neuroses e reações psicóticas, em mães que provocaram aborto, têm sua origem no espírito que foi alijado do útero e que desperto, pela violência do processo, passa a ser um incômodo hospedeiro a contribuir, pela dívida existente, no desequilíbrio mental do devedor.

Caso bem delicado a ser lembrado, no momento, é o *estupro*. Nossas leis defendem a indicação para a realização do aborto quando a gravidez for causada por estupro. A própria família, na quase totalidade dos casos, defende o aborto quando a mulher sofreu este tipo de inominável violência. Entretanto, a mulher que conseguiu amparar o espírito reencarnante, mesmo nos casos de estupro, deixando que a criança nasça, afrontando todas as condições existentes, representa a maior das doações que podem ser oferecidas à Vida. Uma atitude desse quilate, em condições conscientes e envolvidas no mais alto grau de renúncia e amor, representa uma das maiores expressões de beleza espiritual que um determinado ser pode demonstrar. Casos desse jaez, determinariam nas estruturas espirituais maternas aquisições de tal ordem, que o salto evolutivo do ser seria altamente compensador.

Só existe uma posição que poderia defender a prática do aborto — é o aborto *terapêutico*; o aborto com indicação médica, a fim de evitar perigos de maior monta para o organismo materno. O abor-

to terapêutico, pela sua indicação dentro da ética e de uma moral qualitativas, não desenvolveria vibrações desarmonizadas na organização materna por parte do reencarnante que, nestes casos, seria amparado pela equipe espiritual. A equipe espiritual conduziria o espírito para local apropriado onde pudesse despertar da sua hibernação, desenvolvida no mecanismo reencarnatório, sem tumultos ou idéias de suposta vingança, por não ter sido abrigado em determinado lar. O espírito seria cientificado da necessidade da intervenção.

Acrescentamos, também, sobre a indicação do aborto terapêutico, que o ideal seria que a equipe médica opinante, tivesse conhecimentos sobre imortalidade, reencarnação e as leis de causa e efeito. Com isso, as soluções que lhes fossem confiadas seriam bem mais corretas e ajustadas.

Por todos os múltiplos e variados motivos que a sociedade dos homens, com suas leis e contingências, tem desaguado na prática do aborto, muitas vezes tentando defender ângulos indefensáveis e justificar causas que não são justas, é que nasceram os métodos de utilização das pílulas anticoncepcionais e a ligadura das trompas.

Quanto a estes métodos, eles existem cientificamente mas a sua utilização, em alta escala, está nos mostrando que mais se abusa do que se usa.

Pílulas anticoncepcionais

As pílulas anticoncepcionais têm suas indicações e muitos motivos, excusos ou não, estarão ligados ao seu uso. Além das indicações estritamente médicas existem as de caráter social, caminho em que os abusos mais por aí se refletem.

Poderíamos dizer que as pílulas anticoncepcionais têm as suas indicações, e sua utilização estará ligada à responsabilidade de cada ser. Se uma mãe deveria receber 3 ou 4 filhos em determinada rotação reencarnatória e não o fez, pelo uso das pílulas anticoncepcionais, ficará com a carga de responsabilidade transferida para uma outra época ou fazendo a substituição, consciente ou inconscientemente, por trabalho construtivo equivalente de outro setor. As leis de ação-reação estarão ligadas ao valor ético de seus fatores. Isto quer dizer que qualquer dívida cármica poderá ser sanada ou apagada por potenciais positivos, às vezes de áreas bem diversas àquelas que originaram as reações.

No caso das *ligaduras de trompas*, como processo cirúrgico e não bioquímico como sói acontecer com os anovulatórios, a indicação poderá estar na faixa ajustada diante de precisas indicações médicas, como também, nas faixas desajustadas e sem razão de ser. Lógico que todos esses atos desencadearão reações que o ser necessitará absorver diante do impulso da evolução. Ninguém grangeará os degraus superiores da vida sem a autêntica

vivência das menores faixas da evolução. Tudo terá de ser bem absorvido e aproveitado como aquisições positivas no lastro de bagagem dos seres.

Companheiros, desejamos agradecer a benevolência de todos vocês; a vibração de paz. Pequeno que sou, neste momento, ao lado dessa organização espírita, agiganto-me pelo hálito espiritual existente. Agradeçamos ao Senhor da Vida, onde sempre estivermos, encarnados ou desencarnados, que jamais deixemos de circular em volta do nosso Sol — Jesus — rogando-lhe sempre a oportunidade do trabalho construtivo:

Jesus, somos ainda indigentes espirituais desejosos de acertar. Necessitamos laborar em Tua Seara. Concede-nos a oportunidade de sermos, ao menos, o menor dos seus ajudantes. Que os Teus embaixadores na Terra, os afinados e abnegados espíritos de Joana de Angelis, Bezerra de Menezes, Viana de Carvalho, Claude Bernard, Zöllner, André Luiz e tantos outros mais, não esqueçam desse irmão menor que sempre deseja doar o coração num abraço maior.

Paulistas de Piratininga, considerem-se abraçados com o nosso muito obrigado.

Jorge Andréa dos Santos

A MORAL E O HOMEM MODERNO

**Prof. Altivo Ferreira
18 de outubro de 1980**

“Está toda por criar-se a preocupação das questões morais. Discute-se a política, que agita os interesses particulares; o ataque ou a defesa das personalidades apaixonam; os sistemas têm seus partidários e seus detratores. Entretanto, as verdades morais, as que são o pão da alma, o pão da vida, ficam abandonadas sob o pó que os séculos não acumulam”.

*J. J. Rousseau (Espírito)
("O Livro dos Médiuns" —
Cap. XXXI — A. Kardec)*

Caríssimos confrades, componentes da Mesa e organizadores deste ENCONTRO COM A CULTURA ESPÍRITA,

Prezadíssimas Irmãs,

Caríssimos Irmãos,

Caros Amigos não espíritas, presentes a este ENCONTRO,

Os momentos de prece, que trouxeram a este ambiente a paz do Senhor, permitam manter-nos dentro deste clima de vibração espiritual.

1. O problema moral do homem

1.1 — A longa caminhada

O homem moderno enfrenta incontáveis problemas. Se não os sofrêssemos direta e pessoalmente, bastaria para nós estar em contato com os meios de comunicação de toda espécie para percebermos as convulsões sociais, as questões econô-

micas, a dissolução de costumes e tudo o mais que assoberba a alma humana. Todos esses problemas, entretanto, poderiam ser considerados como efeito de um outro maior, causador de tudo, que é o problema moral. Não fora a grave situação moral em que nos encontramos — não obstante as metas superiores a que aspiram os espiritualistas — e grande parte das questões de ordem social estaria plenamente resolvida. O tema que nos cabe desenvolver está exatamente contido nesse contexto — A MORAL E O HOMEM MODERNO.

Se nos prendêssemos ao pensamento predominante ao registro dos historiadores, é provável que concluíssemos pelo conceito estereotipado e relativo de que a moral é uma questão de latitude. Isto porque um simples exame da conduta humana nas diversas fases da História e, mesmo hoje, na diversificação dos povos da Terra, mostra-nos que há abordagens diferentes para os mesmos problemas e as mesmas questões, de forma que aquilo que é considerado como moral para determinada sociedade, em outra surge como imoral.

É preciso distinguir entre a chamada moral social — média do comportamento humano — e o que se considera a moral individual, a moral pessoalíssima, aquela que interfere com a nossa vida interior.

O homem jamais pôde viver sem um gabarito com que se comparar, sem u'a meta a atingir. E esse gabarito, e essa meta, pontos de atração e

convergência das suas esperanças, podem ter tido diferentes nomes: nós os chamaremos pura e simplesmente de MORAL. Moral num sentido elevado, moral divina, que foi sendo assimilada pelo homem de conformidade com seus horizontes evolutivos. Essa a razão por que mesmo o habitante da caverna já tinha um senso moral, uma forma de encarar a vida que, no íntimo, lhe indicava naqueles recuados tempos em que o Espírito ainda não estabelecera perfeita distinção entre o bem e o mal — quando estava caminhando certo e quando palmilhava a senda do erro.

Os intérpretes materialistas da História das Religiões tentam explicar a gênese do fenômeno religioso como resultado de manifestações supersticiosas, entre as quais incluem o medo da morte e do desconhecido e a insegurança ante os elementos naturais. Lucrécio, citado por Will Durand em sua “História da Civilização”, afirmava que o medo foi o grande criador dos deuses; medo sobretudo da morte. Sabemos contudo que, no substrato da atividade religiosa sempre esteve a consciência moral, o poder de julgamento mais ou menos acendrado, que fez com que o homem construísse a sua escala de valores, sem a qual não ascenderíamos nem ao menos ao patamar de progresso e organização social em que nos encontramos. Aliás, tratando da presença objetiva do elemento espiritual, portanto, moral, na vida religiosa dos povos, segundo a descrição dos relatos bíblicos e com respaldo

nas pesquisas metapsíquicas e parapsicológicas, escreve Herculano Pires, na excelente obra “Agonia das Religiões”, no capítulo II, intitulado “Religião como Fato Social”:

“Admitindo-se a realidade dessa manifestação concreta, que corresponde a milhares de outras verificadas em todas as latitudes do planeta, podemos chegar à conclusão de que as religiões se originaram de uma conjugação de fatores humanos e espirituais, nenhum deles podendo ser excluído da análise honesta do fato social, sem que se pratique uma violência contra a realidade mundialmente comprovada. Os fenômenos paranormais aparecem então como o elemento básico do fato social a que chamamos religião”.

Nossas considerações orientam-se exatamente no sentido de que, se há um consenso moral admitido como a forma da conduta humana no meio comunitário, todos nós guardamos no íntimo um ideal de virtude, que pode ou não conferir com esse conceito estereotipado, ideal a que Allan Kardec denomina “moral natural”. A própria vida religiosa, em todos os seus matizes, está a indicar que essa moral consentida, colocada como instrumento de convivência humana, não se afina com aqueles postulados que julgamos superiores — capazes de nos levarem à salvação, se nos sentimos perdidos, ou à ascensão a planos mais altos de felicidade, se nos colocamos sob os novos prismas da abordagem do Espírito.

O fato de nos elitizarmos em seitas religiosas já nos demonstra que os valores sociais, aceitos como bons para a vida de relações, não nos satisfazem quando aspiramos ao reino dos céus.

Pode-se afirmar que, no homem primitivo, essas aspirações estavam bem próximas da moral natural. Isto parece um paradoxo. Recordemo-nos, contudo, de que os Mentores de Kardec definem o Espírito, na hora em que inicia a grande aventura da conquista da imortalidade, como sendo “simples e ignorante”. Simplicidade, que significa ausência de tendências para o bem ou o mal e ignorância, que é o desconhecimento das coisas e das leis naturais. Logo, esse ser, que ainda não exercitou seu livre arbítrio, nem edificou sua razão — sendo até ali impulsionado pela força dos instintos nos reinos inferiores — não se distanciou em seu horizonte evolutivo, dos princípios matriciais da vontade divina.

Só a evolução, que trouxe consigo o direito de escolher e, com ele, a responsabilidade da escolha, é que levou o homem a afastar-se da lei de Deus, aumentando a distância entre a moral social ou dos costumes e a verdadeira Moral.

1.2 — O desafio do nosso tempo

A luta pelos bens materiais, a conquista do espaço físico, o desejo de prevalência do existencial, exerceram uma força impulsora muito maior do que aquela que compelia a criatura para as coisas

do Espírito. O homem, envolvido nesses interesses materiais, foi aos poucos se enredando em costumes que o afastaram da meta superior, que Jesus sintetizou no Código Moral do Evangelho.

E, se isto ocorreu no passado e vem acontecendo através dos tempos, não há dúvida de que o fenômeno se agravou a partir do último quartel do Século XVIII, com o surgimento da Revolução Industrial, que concorreu para mudar os hábitos do trabalho e da família. Antes não existia a fábrica, trabalhando o homem-artesão, ainda que com matéria prima fornecida pelo produtor, nas rudimentares oficinas domésticas. Depois, o homem passou a trabalhar em espaço físico confinado, gerando-se a promiscuidade e a lassidão dos costumes.

A Revolução Industrial, mormente em sua segunda fase, a partir de 1860, ensejou, como informa Burns na "História da Civilização Ocidental", *"a utilização de máquinas automáticas, um enorme desenvolvimento da produção em massa e a extrema divisão do trabalho nos processos de fabricação"*. Entre as suas conseqüências podem-se referir a urbanização da sociedade ocidental, o aparecimento da burguesia industrial e a ascensão do proletariado, que Karl Marx denominou de "exército do trabalho". A aceleração desse processo conduziu-nos, paulatinamente, à sociedade ou economia de consumo.

Esse fenômeno foi observado do ponto de vista sociológico, nos Idos de 1926, por Ortega Y

Gasset, que, em 1929, publicou o seu clássico livro "A Rebelião das Massas", com a análise da realidade da Europa na década de 20 do nosso século: a escravização paulatina do homem aos hábitos de consumo, a alienação do indivíduo como gente, ou seja, a perda gradativa dos seus valores maiores, miscigenados nos valores menores da sociedade de massa.

Um dos aspectos mais sérios dessa sociedade de consumo é, exatamente, a lassidão dos costumes, que implica na perda de substância moral. É o que afirma o pensador católico espanhol Marciano Vidal, na obra "Novos Caminhos da Moral". Na medida em que a sociedade se massifica, ela se descaracteriza e, conseqüentemente, aquilo que seria o ideal superior a atingir, passa a ser considerado secundário.

O economista americano John Kenneth Galbraith, um clássico moderno, que há pouco esteve fazendo conferências em São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, no excelente livro "O Novo Estado Industrial", dá plena idéia do que seja a sociedade de consumo com a massificação do homem-consumidor. Ressalta ele a falácia da teoria econômica ao considerar e pregar a soberania do consumidor, o qual comandaria o processo produtivo, levando a palma de toda a fenomenologia social no plano econômico. Era comum enunciar-se nos compêndios de Economia e nas aulas transmitidas aos futuros economistas: ninguém produz, se não houver con-

sumidor; se o consumidor se recusasse a adquirir os produtos, a produção cessaria nas fábricas, os estoques se acumulariam nas prateleiras e armazéns e haveria uma queda em toda a atividade econômica. Na realidade — enfatiza Galbraith no magistral capítulo “A Seqüência Revista” do livro citado — o consumidor comanda a produção apenas na aparência. A manipulação da sua vontade pelos monopólios, pelos cartéis, pelas hoje intuladas empresas multinacionais, a influência da propaganda, tudo isto faz com que a ordem das coisas se subverta e aquele consumidor, que foi massificado, que se considerava o condutor do processo econômico, na verdade é um cordeiro ou marionete. Que o digam as donas de casa quando vão ao supermercado para comprar um leque de mercadorias e trazem uma infinidade de outros produtos, sugestionadas exclusivamente pelo efeito da propaganda e por um outro fator importante — o chamado efeito-demonstração: “Se meu vizinho tem, se meu parente usa, se meu amigo desfruta disto ou daquilo, por que eu também não posso ter, usar e desfrutar?!”

Esta análise poder-se-ia exaurir no campo da sócio-economia, mas ela tem aprofundamento na vida moral.

Hodiernamente, a massificação do consumo provoca uma série de efeitos colaterais na conduta do homem. Segundo Marciano Vidal “a sociedade de consumo ataca o núcleo íntimo da moral do homem: desmoraliza-o”. E, a propósito da degeneres-

cência do sexo, sentencia: *“A própria sociedade de consumo está provocando a degradação da sexualidade, orientando-a para outra direção: convertendo-a em mais um produto de consumo”*.

Os costumes se colocaram acima das regras da ética da vida e estaríamos irremissivelmente perdidos, descrentes da capacidade de o homem moderno erguer-se — como a fênix no deserto — das cinzas desta autodestruição, se não sentíssemos que os efeitos exteriores da sociedade massificante; do existencialismo de inspiração materialista; de todas essas forças compulsoras do indivíduo para a nulificação do caráter, encontram oposição naquela consciência moral, naquele cerne do espírito que subsiste, que sobrevive, que reage e que se impõe nas horas de crise.

1.3 — A encruzilhada

É curioso notar que, quando a sociedade humana começa a ser atingida pela devassidão moral, entra, também, num processo de fuga, de neurose. É o que preleciona o Professor López Ibor no simpósio internacional sobre a dinâmica das neuroses e seu tratamento, realizado em Madri, em 1969: *“A derrubada dos valores morais trouxe, como em períodos análogos da história, um aumento das neuroses”*.

Pois bem, o homem dos nossos dias atingiu o clímax da sociedade de massa. Já superou o es-

tágio industrial, nos países altamente desenvolvidos, para entrar no pós-industrial — a sociedade prestadora de serviços. Vale uma observação: o avanço tecnológico, que teve sua gênese na Revolução Industrial, ganhou impulso a partir do século passado, mais ou menos à mesma altura em que a força do Espírito também procurou se sedimentar na Terra, através da Codificação Kardequina.

Aqueles que têm a oportunidade de conviver com estudantes, mormente de nível universitário, podem perceber o desespero dos moços, não tanto pela qualidade do ensino recebido, mas por acharem — em face do autêntico frenesi da tecnologia contemporânea — que por melhores que sejam as lições de seus cursos, ao ingressarem na vida profissional, a sua formação técnica e cultural estará superada. Este fenômeno, indubitavelmente, gera angústia.

No passado, a angústia estava muito associada com o temor de Deus. As religiões impunham o medo de Deus e o religioso cristão se angustiava por estar em pecado diante do Pai. Hoje esse temor ganha outro sentido: é a perspectiva de a sociedade atual desaparecer na hecatombe atômica. A guerra dos 100 anos, por exemplo, durou um século, sem que ao menos fosse arranhada a estrutura da sociedade européia. Agora, um simples desalinho de vontades entre chefes de potências do Oriente e do Ocidente, pode exterminar total ou parcialmente a Humanidade.

Os valores do plano da carne, traduzidos nos bens e sensações materiais, satisfizeram até aqui os indivíduos, dando-lhes ilusória, mas relativa segurança. Já ao tempo do Evangelho, registra o Mestre a atitude daquele homem rico, cujas terras tinham produzido extraordinariamente e que resolve desmontar os celeiros existentes e construir outros maiores onde recolher toda sua colheita e todos os seus bens para, ao depois, dizer à sua alma: minha alma, tens de reserva muitos bens para longos anos; repousa, come, bebe, goza! Esta foi a parte da parábola acompanhada à risca por cristãos e não cristãos. Doravante, o homem começa a se aperceber da indagação de Deus, colocada por Jesus no referido ensinamento: Que insensato és! Esta noite mesmo tomar-te-ão a alma; para que servirá o que acumulaste?

Visto que a alma tem de ser considerada, já que poderemos ser aniquilados como massa humana, o anseio pela perenidade da consciência individual leva à busca de uma transcendente continuidade da vida depois da destruição da forma. E, por que a alma conta, aqueles valores morais que estavam, não destruídos, mas submersos, como que armazenados no inconsciente, aguardando o momento de eclodir, vêm à tona. Daí esta desesperada pesquisa em busca do Espírito. Daí o fato de, mesmo na cidadela do materialismo, os Espíritos estarem “forçando a mão” a fim de fazerem aflorar, para o conhecimento e aceitação da ciência, a reali-

dade do ser eterno que transitou descuidadamente pelas gerações que ficaram no ontem.

Arnold J. Toynbee, o grande historiador inglês, fala-nos na sua obra "A Civilização Posta à Prova":

"...O homem é relativamente bem sucedido ao tratar com a natureza não-humana. Onde ele fracassa, é no trato com a natureza humana existente nele próprio e nos outros seres humanos seus irmãos. A fortiori, ele tem fracassado, ainda mais, no que tange à relação que deve ter para com Deus".

Coisa mais ou menos semelhante é afirmada por Erich Fromm, na "Análise do Homem": "O nosso problema moral é a indiferença do homem para consigo mesmo".

Demonstrando a importância da função *psi* no desdobramento de vários problemas humanos, inclusive no que respeita à parte moral, o nosso inesquecível Herculano Pires, em "A Parapsicologia e suas Perspectivas", proclama em tom quase profético que:

"Os historiadores do Século XXI ficarão assombrados ao constatarem que o homem demorou tanto em concentrar as suas investigações sobre o problema da sua própria essência".

Essa tomada de consciência na busca de Deus e da alma imortal é o desejado antídoto contra a angústia e a desesperança, como sentenciamos

Gastão Pereira da Silva no livro "Deus e a Angústia Humana":

"Sem Deus, não há nenhum remédio para essa terrível neurose que nos dá o sentido da insegurança, que nos alarma, que nos faz ter medo do destino, que cria esse estado inquietante de permanente irresolução e que, numa palavra, nos faz viver numa agonia constante".

2. O novo caminho

2.1 — A vinda do consolador

É exatamente nesse ponto que entra o trabalho e o papel da Doutrina Espírita. Antes de analisá-los, atentemos para as reflexões do Professor Rhine, autor de "O Alcance do Espírito". Fala-nos o Pai da Parapsicologia que Galileu e Copérnico enfrentaram problemas serfssimos, no seu tempo, oscilando entre os conceitos de que o Sol girava em torno da Terra, ou seja, o *geocentrismo*, e o de que a Terra girava em torno do Sol — o *heliocentrismo*. Investigadores e cientistas modernos oscilam entre dois campos muito mais graves e muito mais delicados: aquele em que a idéia do homem tem por centro o espírito, ou *psicocêntrico* e aquele em que o centro é o cérebro, ou *cerebrocêntrico*.

Tudo isto estava previsto. A natureza não dá saltos e o Mestre Nazareno já afirmara: "Ouçam os que tiverem ouvidos de ouvir; vejam os que tiverem olhos de ver; muitas outras coisas tenho pa-

ra vos ensinar mas ainda não é tempo". Promete-nos, pois, o Consolador — o Espírito de Verdade — que o mundo não pode receber porque não vê, nem o conhece.

A propósito, Allan Kardec, o Codificador da Doutrina Espírita, no admirável capítulo primeiro da obra "A Gênese", comenta com muita propriedade que, se Jesus prometeu um Consolador, é porque "ele previa que os homens teriam necessidade de consolações, o que implica a insuficiência daquelas que eles achariam na crença que iam fundar". Acerca das relações entre a Ciência e o Espiritismo, esclarece no mesmo capítulo:

"O Espiritismo, tendo por objeto o estudo de um dos elementos constitutivos do Universo, toca forçosamente na maior parte das ciências; só podia, portanto, vir depois da elaboração delas; nasceu pela força mesma das coisas, pela impossibilidade de tudo se explicar com o auxílio apenas das leis da matéria".

.....

"O Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação".

O Espiritismo, esse Consolador prometido, surgiu somente na segunda metade do século passado porque foi aí, também, que o avanço da Ciên-

cia e da Filosofia ensajou ao homem assimilar o falso conceito de que, se ele penetrava com os novos instrumentos de análise no plano do conhecimento objetivo das leis da matéria e com isto se satisfazia, então a religião era realmente balela, era o “ópio do povo”. Tornara-se elegante e válido estar com os que negavam qualquer tipo de vida fora da matéria. Nessa hora crítica para o homem espiritual, a Doutrina Espírita foi construindo, *pari-passu* com as conquistas da Ciência e da Filosofia, o seu arsenal de argumentos, de provas, de fatores predisponentes do homem para o reencontro consigo mesmo. Isto pode ser percebido na própria marcha dos fenômenos mediúnicos, das mesas girantes à psicografia iluminada.

Afirma Kardec que o Espiritismo é ao mesmo tempo Ciência, Filosofia e Religião. Aceitamos esta compartimentação para efeito didático, porque na realidade não temos uma Ciência Espírita, uma Filosofia Espírita, uma Religião Espírita. Temos o *pensamento espírita*, que abrange esses três departamentos da cultura humana, simplesmente porque eles também são formas didáticas de colocação do problema, no plano do conhecimento.

Daremos um exemplo simples para ilustrar esta assertiva. Tomemos de um homem que, sem ter idéia preconcebida quanto à sobrevivência da alma, não a aceita, porque não conseguiu admitir a crença em Deus e se coloca como livre pensador ou agnóstico. Diz de si para consigo: “Eu não

creio em Deus e acho que a morte realmente destrói tudo, porque esta, pelo menos, é a forma mais racional da nossa condição mental, a que mais se afina com o nosso modo de ser". Eis que este homem se vê diante de um irrefutável e irretorquível fenômeno mediúnico de materialização, que lhe traz a mesma convicção que levou William Crookes a testificar a realidade das materializações de Katie King, pela mediunidade de Florence Cook, no período áureo de 1872 a 1874. Esse homem, porque não tem preconceito, não alimenta vaidade acerca das suas idéias e quer apenas a verdade, impressiona-se com o fenômeno e se sente abalado em tudo aquilo que era antes a sua fé, porque quem não crê em nada, também tem alguma forma de crer — é uma fé para nós negativa, mas nem por isso deixa de ser fé.

O fenômeno em apreço estaria no plano científico do Espiritismo. Como o nosso observador é um homem inteligente, que não está ali apenas para ver, podendo assumir a mesma atitude de Kardec diante dos fenômenos das mesas girantes e falantes, também se apercebe de que, se a alma é imortal — pois lhe apareceu e, sobre isto não tem dúvida — é preciso refletir acerca dessa nova realidade, começando a fazer, a respeito, ilações filosóficas.

Tais reflexões o conduzem à lei de causa e efeito, ou seja, às conseqüências da sementeira do agora na colheita do amanhã, desdobrando para o

nosso personagem um novo conceito de vida. Mas tudo isto não lhe aproveita se ele não obtiver respostas para a sua vida moral, para a sua mudança de conduta, para a sua reforma interior, com vistas ao seu futuro espiritual. Eis o campo da Religião. Assim, um simples fenômeno mediúnico leva o homem a percorrer os três aspectos do Espiritismo: Ciência, Filosofia e Religião.

2.2 — Fundamentos morais do Espiritismo

Na questão 629 de “O Livro dos Espíritos”, indaga Kardec: “Que definição se pode dar da moral?”. Resposta: “*A moral é a regra de bem proceder, isto é, de distinguir o bem do mal. Funda-se na observação da lei de Deus. O homem procede bem quando tudo faz pelo bem de todos porque então cumpre com a lei de Deus*”.

A Doutrina Espírita apresenta-se como um conjunto de verdades que, formando uma síntese, desembocam natural e inelutavelmente numa nova filosofia de vida. Não é exatamente isto que o homem busca como tábua de salvação ante os seus próprios desatinos?!

Por outro caminho, em outra linha de raciocínio, que podemos ou não aceitar na íntegra, o cientista e sacerdote católico Padre Teilhard de Chardin, no seu “O Fenômeno Humano”, faz esta mesma constatação através da lei da complexida-

de — consciência, que leva o homem, no processo evolutivo, a uma como que síntese da reflexão em busca de uma diretriz mais alta — o *ponto ômega*. Este ponto poderia ser o Cristo, ou o próprio Deus! Então, a flecha da evolução, como quer Chardin, inflete para cima e conduz o fenômeno humano para essa meta — convergência da verdadeira moral. É o que Jesus também nos ensinou: Sede perfeitos como perfeito é o vosso Pai que está nos céus!”

Tem a Doutrina Espírita uma contribuição para o homem, a fim de, neste momento de crise, nesta encruzilhada da história, dar-lhe uma bandeira que mereça sua luta, um ideal que se sobreponha a todos os mesquinhos valores formulados até agora?! Sim, indubitavelmente!!!

A começar pela obra inicial da Codificação, o livro fundamental da Filosofia Espírita — “O Livro dos Espíritos” —, cuja pergunta número um enfrenta a grande questão da metafísica — “Que é Deus?”. Ao que responde o Espírito de Verdade: “*Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas*”. Se não quisermos nos preocupar com as primeira e segunda partes desse compêndio básico, em face da predominância de indagações ligadas aos aspectos científico e filosófico, afirmaremos que as terceira e quarta partes do livro se situam estritamente no plano moral.

A terceira parte, que tem por título “*Das leis morais*”, leva ao estudo e à compreensão da *lei divina* ou *natural* e, depois, assinala um novo concei-

to da *lei de adoração*, que não é a adoração dos deuses, dos *baais* fenícios, dos sacrifícios humanos ou de animais e produtos da terra a uma divindade antropomórfica e apaixonada, mas a adoração como lei natural da vida porque nós partimos de Deus e para Deus retornamos.

Em seguida, a *lei do trabalho*, a que mais interfere com toda a problemática humana. Depois, as três *leis* que entram nas áreas da demografia, da economia e da sociologia — a *lei de reprodução*, a *lei de conservação* e a *lei de destruição*. Na seqüência examina a *lei do progresso*, a *lei de igualdade*, a *lei de liberdade*, a *lei de justiça*, de amor e de *caridade*. Sobre esta última, pronuncia-se o Codificador:

“O progresso da humanidade tem seu princípio na aplicação da lei de justiça, de amor e de caridade, lei que se funda na certeza do futuro”.

Finalmente, coloca Kardec como último capítulo dessa terceira parte de “O Livro dos Espíritos”, a *perfeição moral*, discutindo nossas virtudes e vícios; nossas paixões; o egoísmo humano, que ele considera a maior dentre as chagas da Humanidade; os caracteres do homem de bem; e ao final, cuida do que deveria ser a grande preocupação do homem — o conhecimento de si mesmo.

A leitura, o estudo, a meditação dessas *leis morais* representam um programa de vida. Todavia, como os valores éticos, que defluem da lei da justiça, de amor e de caridade têm que estar funda-

mentados na aceitação da vida futura, o Missionário da Terceira Revelação baseia-se na própria angústia do homem pela incerteza do porvir para, na quarta parte do citado livro cuidar das *esperanças e consolações*, capítulo que trata das *penas e gozos terrenos* e das *penas e gozos futuros* e discute, de um lado, as alegrias efêmeras e os sofrimentos contínuos da vida corporal e, de outro, a realidade da vida espiritual ou de além-túmulo, com os inevitáveis ajustes de consciência ou a felicidade dos que cumpriram a lei de Deus.

Nas “conclusões” desse magistral compêndio do pensamento espírita são resumidos em três os efeitos dos ensinamentos dos Espíritos: “o primeiro e mais geral consiste em desenvolver o sentimento religioso até naquele que, sem ser materialista, olha com absoluta indiferença para as questões espirituais”; “o segundo efeito, quase tão geral quanto o primeiro, é a resignação nas vicissitudes da vida”; “o terceiro efeito é o de estimular no homem a indulgência para com os defeitos alheios”. E enfatiza o Codificador: “O Espiritismo é forte porque assenta sobre a própria base da religião: Deus, a alma, as penas e as recompensas futuras...”.

Há perfeita unidade na obra codificada. O chamado *Pentateuco Kardequiano* não é apenas uma coleção de livros, mas sim um conjunto que se completa coerentemente e que tem suas raízes na Moral.

O segundo livro, editado em 1861 — “O Li-

vro dos Médiuns” — é o maior e o melhor compêndio de educação do homem no que concerne às suas relações com os Espíritos desencarnados. Ele, em si mesmo, já possui fundamentos éticos, haja vista que Kardec discute a problemática do intercâmbio entre vivos e mortos ou, entre mortos daqui e vivos de lá, sob prisma estritamente moral, criticando e dissecando todas as práticas mediúnicas paralelas, infelizes, que procuram o imediatismo do comércio com o mundo invisível, sem tirarem conseqüências que possam alevantar o ânimo dos encarnados e melhorar o teor vibratório dos desencarnados.

Pode-se dizer que há duas obras da Codificação que se fundamentam predominantemente no campo moral: “O Evangelho Segundo o Espiritismo” e “O Céu e o Inferno”. “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, terceiro da série, editado em 1864, esclarece, no próprio subtítulo, que contém “a explicação das máximas morais do Cristo em concordância com o Espiritismo e as suas aplicações às diversas circunstâncias da vida”. E, para reafirmar o caráter da Doutrina, quanto ao aspecto religioso alicerçado na razão, traz em seu frontispício a memorável sentença:

“Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade”.

Os ensinamentos do Cristo constituíram-se num avanço em relação à primeira Revelação porque, se

nos Dez Mandamentos estava inculpida a idéia do Deus único e delineado o princípio da justiça divina, a noção de vida futura não fôra ali explicitada, tanto que o povo judeu não se preocupava com o porvir da alma. Com a Segunda Revelação — A Boa Nova — Jesus trouxe-nos outra idéia de Deus — o Deus-Pai; a confraternização dos homens através do amor, com as leis do perdão e da caridade e, portanto, com os princípios da vida moral, tão bem definida, na Terceira Revelação, conforme vimos na questão 629 de “O Livro dos Espíritos”.

O Divino Amigo já nos acena com uma vida futura; é em nome dela que consegue transformar humildes pescadores em gigantes do Cristianismo. Pregando essa vida futura, Ele inicia o processo de reforma moral da Humanidade, que longe está de se concluir, por resistência nossa!

A conversão ao pensamento do Cristo, dos apóstolos e discípulos, assim como a sua renúncia aos bens e interesses materiais, não se fez pela simples força da palavra ou apenas pelo magnetismo do Mestre Nazareno. Tanto assim que na hora do testemunho Ele foi sozinho para a cruz, enquanto a maioria dos seus companheiros se desviara pelas sombras dos caminhos, temerosos de que pudessem ser tidos por seus seguidores. Basta citar como exemplo a negação de Pedro! O que correu sobremaneira para consolidar a fé daqueles homens e encorajá-los a todos os sacrifícios foi a certeza da vida futura, confirmada na aparição de

Jesus a Maria de Magdala, ao terceiro dia após o Calvário e, em seguida, aos discípulos na Estrada de Emaús e no Cenáculo de Jerusalém. Mas, acima de tudo, foi a explosão da mediunidade, no Dia de Pentecostes, que acendrou e consolidou nos discípulos a certeza da vida futura. E, a partir de então, nem as pedradas dos fanáticos da Sinagoga, nem as feras de Nero, conseguiram quebrantar a moral daqueles heróis do bem.

Pois é exatamente esta a solução espírita; é por essa razão que o Espiritismo está aí, nos livros da Codificação Kardequiana e outros que a complementam, para ser estudado, meditado e seguido nos seus ensinamentos, os quais dão ao homem a compreensão da sua realidade física e espiritual, convencendo-o da preexistência e sobrevivência da alma. Já nos referimos a “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, que é a obra por excelência da moral espírita e, portanto, do aspecto religioso da Doutrina. O Espiritismo — é preciso que se reafirme — não é uma religião no sentido comum e vulgar do termo, mas é a Religião, por impregnar o homem do espírito de religiosidade perante a própria vida, de respeito ao semelhante, de aceitação de Deus.

A obra “O Céu e o Inferno” discute uma das questões mais sérias e mais profundas das que concorreram para afastar-nos de Deus e, por conseguinte, para aumentar o “gap”, ou foço entre a moral humana e a moral divina — a justiça de Deus.

Pode-se afirmar que Deus é toda perfeição e o criador de tudo, sem que o homem reaja negativamente, porque ele percebe que as coisas foram criadas e, não sabendo como, admite que o sejam por uma inteligência superior. Todavia, quando se trata da justiça divina, modifica-se a atitude humana, em face da incompreensão acerca do seu funcionamento. Esperam-se para além da morte as recompensas e consolações, mas a justiça começa a ser aplicada do lado de cá, provocando reação e exigindo respostas imediatas!

Quando o homem sofre e lhe dizem: “Tenha paciência que Deus é misericordioso e bom!; quando o homem chora e o exortam: “Tenha paciência porque Deus é misericordioso e bom!; quando o homem vê seus entes queridos morrerem e lhe asseveram: “Tenha paciência porque Deus é misericordioso e bom!”, chega o momento em que ele se insurge e deblatera: “Fique Deus com a sua misericórdia e bondade; eu prefiro carregar sozinho a minha dor e a minha desgraça!” A Doutrina Espírita reconcilia o homem com Deus através principalmente desta obra do Codificador, publicada em 1865, que discute a justiça divina quer sob o prisma da teologia tradicional, quer dentro do novo fulcro de idéias que vêm da Falange da Verdade. Mostra-nos um Deus que não castiga; que não tem necessidade de perdoar — na forma do perdão que apaga simplesmente as faltas; de um Deus que é Pai compreensivo; de um Deus que é providência.

Ora, “a providência divina — define Kardec em “A Gênese” — é a solicitude de Deus para com as suas criaturas”. Pois Deus é solicitude. Além dessa reconciliação do homem com Deus, por via da compreensão de Sua Justiça, complementa “O Céu e o Inferno” o trabalho dos três livros anteriores da Codificação por meio de uma coletânea de comunicações mediúnicas de tão boa qualidade quanto a daquelas que hoje servem de ensinamento a todos nós, obtidas pela mediunidade gloriosa e fecunda do Chico Xavier e de outros médiuns confiáveis, do Brasil e do exterior. As entidades comunicantes são de diferentes categorias, compreendendo Espíritos felizes, em condições medianas, sofredores, suicidas, criminosos arrependidos, endurecidos ou sujeitos a expiações terrestres, apresentando com os mesmos enfoques reveladores da vida de além túmulo, das mensagens mediúnicas de nossos dias. E é bom que se diga isto, porque os menos avisados e os que se distanciaram do estudo de Kardec pensam que a inestimável produção psicográfica de Francisco Cândido Xavier seja uma inovação, quando, a verdade é que Emmanuel, André Luiz e outros Espíritos Amigos são os confirmadores de Kardec para o espírita e o não espírita hodiernos.

Tudo o que se disse a respeito da contribuição da Doutrina Espírita para a reforma moral do homem complementa-se na obra “A Gênese”, editada em 1868, na qual o Codificador nos reserva o último capítulo para demonstrar que são *chegados*

*os tempos preditos nas profecias, em que a Humanidade passará por grandes transformações. Uma nova geração surgirá na Terra, substituindo a que hoje tergiversa no mal e no egoísmo. “Em cada criança que nascer, em vez de um Espírito atrasado e inclinado ao mal, que antes nela encarnaria, virá um Espírito mais adiantado e *propenso ao bem*”.*

A vida futura não é um mero dogma de fé: é demonstrada pela fenomenologia mediúnica e aferida pela reflexão religiosa. Discute-a Kardec em toda a obra codificada, especificamente no capítulo segundo de “O Evangelho Segundo o Espiritismo” e nas suas anotações publicadas em 1890, vinte e um anos após sua morte, no livro que recebeu do editor Pierre Gaëtan Leymarie o título de “Obras Póstumas”. A crença e a certeza na vida futura constituem a base da renovação moral do homem moderno. “Sem a vida futura — escreve o Sábio de Lion — a moral não passa de mero constrangimento, de um código convencional, arbitrariamente imposto; nenhuma raiz teria ela no coração”. E conclui:

“Quando (o homem) vir o presente reagir sobre o futuro, pela força das coisas, e, sobretudo, quando compreender a reação do futuro sobre o presente; quando, em suma, verificar que o passado, o presente e o futuro se encadeiam por inflexível necessidade, como o ontem, o hoje e o amanhã na vida atual, oh! então, suas idéias mudarão com-

pletamente, porque ele verá na vida futura não só um fim, como também um meio; não um efeito distante, mas atual. Então, igualmente, essa crença exercerá sem dúvida, e por uma conseqüência toda natural, ação preponderante sobre o estado social e sobre a moralização da Humanidade”.

Se os Galileus e os Copérnicos, na Idade Média, tiveram que discutir, conforme afirma Rhine, se havia um sistema *geocêntrico* ou um *heliocêntrico*, hoje os nossos homens de ciência hão de averiguar se estamos num sistema *psicocêntrico* ou num sistema *cerebrocêntrico*. A Doutrina Espírita, sem dúvida nenhuma, já faz com que o pêndulo oscile para o lado do Espírito, enquanto aguarda que a Ciência continue pesquisando até chegar, inevitavelmente, a provar-lhe a existência. Ainda que ela use outros termos e até ignore ou despreze, por julgá-los sem maior significado no campo da experimentação acadêmica, os vocábulos e conceitos pertencentes ao Espiritismo.

O importante é que, quando a ciência chegar lá, não fique vazia de formulações, porque, se também o homem de repente descobrisse o Espírito e não soubesse o que fazer com ele, talvez tivesse um novo trauma moral, uma nova angústia a dominá-lo. Quando, portanto, a Ciência, com a câmara Kirlian, o fenômeno theta, e todo o esforço na busca do paranormal proclamar oficialmente a existência do Espírito, a Doutrina Espírita dirá aos cien-

tistas: "Vocês se perderam pelos desvios, quando o caminho já estava traçado há mais de um século!"

O Espiritismo foi aquela dádiva, aquele Consolador prometido, que não apenas abriu o caminho, mas colocou em suas margens as árvores que dão sombra, os pousos para o descanso do viajor exausto, a diretriz para os passos e o consolo para as horas de dificuldade. Basta seguir por essa trilha! É por tal razão que o Espírito de Luís de França, o São Luís do hagiológico católico, um dos componentes da Falange da Verdade, afirma, em mensagem publicada na "Revista Espírita", de maio de 1866, que "o Espiritismo é uma ciência essencialmente moral", aduzindo ser ele "a aplicação verdadeira dos princípios de moral ensinada por Jesus".

Um dos chavões colocados no julgamento do homem contemporâneo é que somos criaturas pragmáticas, utilitaristas; só pensamos no momento que passa; só queremos aquilo que está diante dos olhos; cumprimos à risca o provérbio — "mais vale um pássaro na mão do que dois voando!...". Pois bem, em nome desse pragmatismo, dessa vida utilitarista, eivada de egoísmo, o homem é capaz de renúncias e de desprendimento por acreditar no futuro, embora seja o futuro de seus dias na matéria. Exemplifiquemos.

Todo profissional contribui com uma parcela de sua renda ou salário para a previdência social, a fim de atender à assistência médica e formar o pe-

cúlio de sua aposentadoria. Se, no passado, o tributo previdenciário era pago a contra-gosto, hoje há um consenso geral dos benefícios decorrentes dessa obrigação. Todos contribuem de boa vontade, mesmo sem terem a segurança de continuarem vivos até a velhice, de forma a usufruírem os proventos de aposentados. Todavia, a experiência da lei dos grandes números, a análise dos fenômenos de massa — os mesmos fenômenos que concorreram para danificar nossa vida moral — indicam-nos que temos probabilidade de viver 60 ou 70 anos. Attingindo o declínio das energias físicas, quem nos dará o pecúlio para vivermos com decência? Estenderemos a mão à caridade pública? Não! Os oito por cento de contribuição sobre o salário, que representam um vestido a menos ou menos alguns quilos de gêneros para a alimentação da família, significam o sacrifício do bem-estar presente em favor da segurança na vida futura, só que a *vida futura no corpo de carne*. Tudo isto é feito de bom grado e com o livre consentimento de cada um. Se alguém indaga: “Por que você contribui, se não está doente e nem deve morrer nos próximos anos?!” — tem por resposta: “Não importa! Faço isto em favor da minha família, de meus filhos e da sociedade em que vivemos!”

Em nome dessa mesma crença reunimos um dia a família e dizemos: “Meus filhos! agora é ‘apertar o cinto’ porque o papai resolveu comprar um apartamento pelo Sistema Financeiro e uma par-

cela da renda familiar vai destinar-se ao pagamento do nosso teto!” Por este conforto, que às vezes é ilusório (quantas famílias são aniquiladas nos acidentes fatais ou nas catástrofes da natureza!) somos capazes de renunciar a viagens turísticas, melhor vestimenta e mesa farta! Deixamos de lançar à terra a semente da couve, para plantar a bolota do carvalho, com vistas ao abrigo de amanhã!

Vem a Doutrina Espírita e abre a perspectiva da vida futura, dizendo aos poupadores da moeda de César que não se trata de 40 ou 60 anos de existência, mas de um porvir verdadeiro, situado numa vida espiritual objetiva e organizada, em que os Espíritos, ou seja, as almas dos mortos, dispõem até de casa para morar, qual se dá, por exemplo, em “Nosso Lar”, segundo a descrição de André Luiz, através da psicografia de Francisco Cândido Xavier. Ali, naquela colônia espiritual, famílias desencarnadas, como a do enfermeiro Lísias, contam com moradia, adquirida com 30 mil bônus-hora, mercê do trabalho desinteressado, com amor, com justiça, com caridade.

Ora, se o homem pragmático e utilitarista é capaz de sacrifícios no que respeita à crença em mais dias e anos da sua vida humana, o que não fará ele quando, convencido da veracidade do fenômeno mediúnico, com a certeza de que a morte não existe, de que somos os grandes vitoriosos da imortalidade, o que não fará ele — repetimos — para modificar sua conduta moral e infletir na di-

reção da moral divina, aquela que é a grande meta, a grande força que nos atrai; que atraiu o homem da caverna à construção das primeiras regras de ética social, de disciplina e de higienização mental, levando-o gradativamente, através dos milênios, a edificar os valores da civilização e a trazer a humanidade ao estágio de progresso material e espiritual em que vivemos!

Confiando nessa capacidade da Doutrina Espírita de modificar o homem e o mundo, Allan Kardec assevera no Capítulo XVII de "O Evangelho Segundo o Espiritismo":

"Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más".

Certamente inspirado nesse fundamento kardequiano, o poeta Amaral Ornellas utiliza-se do lápis mediúnico de Chico Xavier para conclamar aos Espíritas:

Espíritas, irmãos! Enquanto a sombra densa,
Em torno escárnio à luz, envolve a gleba humana,
Ide e estendei na Terra o bem que vos irmana
Sem que a treva do mal vos desatine ou vença.



Se o ódio e a incompreensão, o fel, a injúria e a
[ofensa,
Perseguem-vos, bramindo, em triste caravana,
Abraçados à fé sublime e soberana,
Tende o dom de servir por vossa recompensa.

**Montanha acima, além de pântanos e escombros,
Ante o Cristo avançai, sustendo a cruz nos ombros,
Na exaltação do amor que ampara e regenera...**

— ● —

**Algemados à dor e à luta em toda parte,
Do fulgente clarão que vos cinge o estandarte
Nascerá para o mundo o Sol da nova era!**

— ● —

QUE A PAZ DO SENHOR PERMANEÇA COM TODOS!

Altivo Ferreira

PERGUNTAS FORMULADAS, POR ESCRITO,
AO CONFERENCISTA PROF. ALTIVO FERREIRA

1) Como a Doutrina Espírita vê o futuro moral da humanidade diante da conduta materialista do homem moderno?

Temos a impressão de que a parte final das nossas palavras teria respondido à pergunta, mas se ela foi formulada é porque, ou a nossa capacidade de comunicação não foi completa, ou porque o distinto perguntador deveria ter uma outra razão para formulá-la.

Com respaldo em Kardec, fizemos a colocação de que a certeza da vida futura vai modificar o comportamento moral do homem. Temos, em "Obras Postumas", uma afirmação nesse sentido do Codificador: "Sem a vida futura, a moral não passa de mero constrangimento, de um código convencional arbitrariamente imposto; nenhuma raiz teria ela no coração".

Procuramos mostrar a diferença entre a *moral propriamente dita*, que seria mais pessoal, mais íntima — a presença de Deus na nossa consciência — e a *moral convencional, a moral social*. Exis-

te também um outro tipo de moral, a que não nos reportamos diretamente — a *moral religiosa*. Esta moral religiosa é que Kardec coloca, no pensamento citado, como uma espécie de constrangimento. O indivíduo não tem certeza da vida futura, se vai realmente aproveitar-se de tudo aquilo que se lhe impõe como disciplina religiosa mas age seguindo a convenção, para estar bem com o meio social, para não sofrer as possíveis sanções com que lhe acenam para depois da morte e, acima de tudo, pelo temor de Deus. O temor de Deus foi uma das causas da angústia humana, como bem acentua o escritor e psicanalista patricio Gastão Pereira da Silva, em sua obra intitulada “Deus e a Angústia Humana”. Por temer a Deus, o homem se angustiava. Quando, através da Ciência e da Filosofia; julgou poder negar a Deus, também não mais sentiu obrigação de seguir-lhe a moral, ou melhor, a moral que era colocada como sendo de Deus, a moral dogmática, a moral religiosa. Então ficou sem freios em seu comportamento.

Acreditando na vida futura e aceitando Deus sob novo prisma, como é colocado pela Doutrina Espírita, as coisas se modificam. Aquilo que era constrangimento, passa a ser adesão e, em consequência, o indivíduo age por vontade própria e conforma sua vida, paulatinamente, com a verdadeira moral.

De que forma — pergunta-se — pode a Doutrina Espírita concorrer para modificar a conduta

da humanidade? Exatamente trazendo ao homem o convencimento da vida futura, que ele tem como objeto de crença, mas que, no campo científico e no plano da razão, lhe causa dúvidas atroz.

A certeza da vida futura, na forma demonstrada pelo Espiritismo, altera para melhor os padrões de comportamento do homem moderno. Começa ele a raciocinar sob a perspectiva do amanhã, da mesma forma que raciocinava em termos de hoje — o hoje da carne, da existência transitória e finita. Vai sendo trabalhado pela convicção na sobrevivência da alma, graças à comunicabilidade dos Espíritos.

A propósito, pedimos licença para fazer uma observação à margem do assunto. Já atentaram os confrades que acompanham a vida de Francisco Cândido Xavier para os estágios ou fases da sua mediunidade? Temos um Chico Xavier de Pedro Leopoldo: um Chico de que muitos espíritas têm saudade, porque é o Chico das obras de estudo e aprofundamento da Doutrina Espírita; um Chico que trouxe, através da sua faculdade mediúnica, a contribuição para consolidar o conhecimento, a convicção espírita, entre os espíritas. Depois, tivemos, já em Uberaba, o Chico da disseminação da mensagem mediúnica fundamentada no Evangelho e voltada para o grande público. Os espíritas receberam de escantilhão os benefícios dessa produção de além-túmulo, a qual culminou, a nosso ver, com

a comunicação de massa: o "Pinga-Fogo" e outros programas de televisão. Nos últimos anos, o Chico como que se especializou — se é que podemos usar este termo — na prova da sobrevivência da alma aos pais, irmãos, noivos, namorados e amigos de jovens desencarnados, que se comunicam para esclarecer as causas de sua morte prematura e testemunhar que continuam vivos. A juventude se-quirosa de compreender a vida e superar o negativismo de nossos dias é a grande beneficiária desse intercâmbio, que permite, aos amigos que ficaram na Terra, receber a palavra oral ou escrita dos companheiros mortos, no mesmo linguajar saboroso que utilizavam em sua conversação corrente, quando encarnados. É o chamamento que lhes chega para a realidade do Espírito, conclamando-os à crença racional na vida futura. Acreditamos que Francisco Cândido Xavier está atingindo, com esse trabalho, o ápice da sua missão, pois que prepara o homem-jovem de nossos dias para que venha a formular uma nova filosofia de vida e construir uma nova moral.

2) Se Deus não perdoa, nem castiga, por que Jesus, na prece "Pai Nosso" diz: "perdoai os nossos pecados"?

Quem estuda os Evangelhos verifica que Jesus não violentava as consciências e procurava comunicar-se no plano dos seus ouvintes, a fim de, valendo-se de suas crenças, trazer-lhes novos en-

sinamentos. No caso referido, atentemos para o versículo da "Oração Dominical": "Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores". O homem sempre quis o perdão de Deus de forma unilateral; se Deus nos perdoa, não temos mais com que nos preocupar. O perdão de Deus na acepção comum teria o efeito do apagador no quadro de giz: Deus passa o apagador do perdão e não há mais traço de nossa falta.

Mas, se Deus nos perdoar assim como nós perdoarmos aos nossos devedores, fica implícita, na referida oração, a lei fundamental da Doutrina Espírita, ou seja, a lei de causa e efeito. E, desde que a mesma funcione, a idéia do perdão de Deus, como remissão pura e simples do pecado, desaparece. Pecar seria atentar contra Deus. Ora, Deus é absoluto, nós somos relativos; assim, não o poderemos jamais atingir com nossas ofensas. Logo, não há pecado, no sentido que se atribui a esse termo, mas sim erro e desvio da lei. Esse desvio nos impõe o retorno ao equilíbrio. O retorno é doloroso; daí a dor. Quando retornamos à lei ficamos ajustados com Deus. É como se fôssemos perdoados.

O significado da Oração Dominical é este: que Deus faça por nós aquilo que fizemos ao nosso próximo. Se estivermos fazendo ao próximo exatamente o que quisermos para nós, encontramos-nos sob as bênçãos de Deus e sob o seu perdão.

3) A moral é regra de bem proceder. Que é bem proceder, pois este conceito varia conforme as estruturas dominantes em várias partes do mundo?

Segundo Will Durand, a moral é uma questão de latitude. Refere-se, sem dúvida, o autor da "História da Civilização", à moral social. Nós tratamos da moral divina que, como vimos na resposta à questão 629 de "O Livro dos Espíritos", "é a regra de bem proceder, isto é, de distinguir o bem do mal".

Os costumes são de ordem social e se tornam válidos, porque traduzem a média da conduta humana, merecendo a aceitação da sociedade onde vigoram; contudo, há valores mais altos, que constituem as nossas aspirações superiores e fazem parte da moral interior, fundamentada na observância da lei de Deus. Estes valores e aspirações concorrem para mudar os costumes, aproximando-os gradativamente da verdadeira moral — a moral divina.

No que respeita ao bem proceder, diremos que o homem procede bem quando tudo faz pelo bem de todos, porque então cumpre a lei de Deus. Só este procedimento está de acordo com a moral.

4) Na sua concepção, qual a função do homem espírita na sociedade atual?

Para o espírita seria muito cômodo que também o Espiritismo adotasse os eremitérios e os monastérios. Ficaríamos segregados da sociedade a

conversar com os Espíritos, procurando, com esse diálogo, ganhar o Reino do Céu. Os outros que se danassem. Mas acontece que a visão espírita da vida é a do engajamento. Não se pode viver afastado do próximo e indiferente à sua sorte.

A propósito, analisemos rapidamente a evolução do conceito de próximo através dos horizontes evolutivos. O homem primitivo via no seu companheiro de grupo alguém que se parecia com ele, sem contudo divisar qualquer vínculo moral ou obrigacional para com o mesmo. Esse era o horizonte do *semelhante*. O primeiro conceito de próximo apareceu com os Dez Mandamentos — a Primeira Revelação. Do 5.º ao 10.º mandamento, tudo se refere ao próximo: não mateis; não cometais adultério; não roubeis; não presteis testemunho falso contra o vosso próximo; não desejeis a mulher do vosso próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu asno, nem qualquer das coisas que lhe pertencam. Na concepção do Decálogo, o próximo é alguém que deverá ser respeitado nos seus direitos pessoais e patrimoniais.

Com o Evangelho de Jesus — a Segunda Revelação — surgiu novo conceito de próximo. Ele não é somente criatura de Deus, mas Seu filho. Portanto, o homem é irmão do homem e o amor ao próximo passa a ser a pedra angular do processo libertador do espírito. Daí resumir Jesus a lei e os profetas no mandamento-síntese: “Amai a Deus so-

bre todas as coisas e amai ao próximo como a vos mesmos”.

Com a Doutrina Espírita temos a Terceira Revelação e, também, a terceira dimensão de próximo. O próximo, agora, não é apenas nosso irmão, mas alguém que, mercê da lei de causa e efeito, guarda conosco estreita relação de débito e de crédito.

O próximo está confinado conosco no processo reencarnatório e só poderemos ascender ao Reino de Deus se o servirmos e o amarmos sem condições. O espírita tem, pois, que estar engajado na sociedade, participando de tudo e procurando dar o melhor de si mesmo.

Kardec, no capítulo 17 de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, tratando acerca dos “bons espíritas”, afirma: “Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más”. Então, no engajamento a que nos referimos, o espírita pode, primeiro, estar ao lado de todos sem se comprometer com todos, ou seja, com aqueles que não seguem a sua diretriz; segundo, estar junto, trabalhando com todos, mas sem usar os métodos de todos, porque a Doutrina Espírita nos fornece seus próprios métodos. Não precisamos por exemplo, de ombrear-nos com os que julgam necessária a violência para conseguir seus objetivos e nem com os que acham melhor simplesmente se omitir, para não assumirem responsabi-

lidade alguma. Temos de seguir a nossa trilha, sendo evangelhos vivos na conduta individual e social.

Leopoldo Machado, escritor e pregador espírita, afirmava, em meados da década de 40, que era preciso entrar na era do Espiritismo de vivos. Os centros espíritas, segundo ele, estavam fechados em suas quatro paredes, para a conversação com os Espíritos, enquanto os encarnados permaneciam à margem do diálogo. Seguindo o seu conselho, faz-se mister abrir o centro espírita, a fim de que o seu adepto vá para a rua, vá para a sociedade, praticar o diálogo das boas obras com seus companheiros de existência terrena.

Os espíritas temos uma mensagem a transmitir ao mundo e não precisamos ficar atrelados a idéias e ideologias que, mesmo bem intencionadas, foram concebidas dentro de uma visão caolha — a visão do homem existencial; a visão do homem que luta pelo pão cotidiano ou se consome nos prazeres da matéria, julgando que a vida nisso se resume. A nossa bandeira é a do Espírito e, sob esse pavilhão, colaboraremos na tarefa da reconstrução moral do homem.

5) Não sou espírita e gostaria de perguntar: a educação de nossos filhos é difícil cada dia mais. Tudo contribui contra. Trabalho mal remunerado, as greves e as dispensas de empregados, a desvalorização do dinheiro para compras, enfim, a desmoralização de tudo e de todos. O que fazer? Es-

tamos ou não no crepúsculo de uma civilização com essa decadência da moral, do sexo e da família?

Precisamos acreditar naquilo que realmente tem valor, ou seja, no homem como ser espiritual. Na distância do tempo, não sabemos se a nossa civilização é mais ou menos decadente do que a civilização romana da época dos primeiros cristãos. Nas origens, o lar romano, com seus deuses-lares, era austero e moralizado. Com a dissolução dos costumes, enquanto o lar romano se destruía e as paixões tomavam conta de tudo, os cristãos, perseguidos e humilhados, sem poderem dizer àquela sociedade corrompida qual era o seu caminho, recolheram-se às catacumbas. Ali principiaram a construção de uma sociedade melhor.

Também os espíritas, como cristãos modernos, precisamos realizar esse esforço moralizador. Levamos alguns pontos de vantagem sobre a sociedade romana e outros grupos sociais que degringolaram no decurso do tempo, porque a sociedade hodierna tem certos valores, em que acreditar, que não estavam, ainda, ao alcance daqueles povos. Um desses valores é a comprovação da vida futura. Hoje o homem procura a prova da sobrevivência e sente necessidade de nela acreditar.

Os "hippies" — para ficarmos com os jovens — arrumaram um Cristo Super-Star para se contrapor ao nosso Cristo, porque o viam desmentido e amesquinhado por nossa hipocrisia, uma vez que

esse Cristo não está na nossa moral, nem na nossa conduta diária: temos um modo de crer e outro de ser! Será que a juventude das décadas de 60 e 70 não procurou indicar, com o seu comportamento, que os moços precisam do Cristo, mas o querem superior ao da crença de seus pais?

Diante da perspectiva de destruição da humanidade por uma guerra termo-nuclear, o homem que anseia por sobreviver, ainda que nos monumentos e na memória de seus contemporâneos, busca desesperadamente a continuidade além da morte. E a Doutrina Espírita chega e afirma a esse homem angustiado: "Fique tranqüilo! A morte não existe. A vida prossegue no mundo dos Espíritos. São eles mesmos que o dizem e comprovam, através dos fenômenos mediúnicos".

Sim, estamos no crepúsculo de nossa civilização. Isto, contudo, não significa o fim da humanidade. O binômio morte-reencarnação promoverá a reciclagem dos Espíritos encarnados na Terra, os quais, alicerçados na certeza da vida futura, editarão uma nova moral, mais próxima da moral divina, que eliminará paulatinamente os desequilíbrios sociais, os desvios do sexo, a desagregação da família! Essa nova moral aplicar-se-á a todos os departamentos da conduta humana, porque se fundamentará na regra áurea do Evangelho: "Fazei aos homens tudo o que queiras que eles vos façam".

6) *Da maneira como foi colocada a propaganda, dá a impressão de que ela é culpada pelos*

hábitos e comportamento materialista do homem. Ela, sendo uma técnica ou uma arte, torna-se neutra. Quem deve ser responsabilizado, o homem que a conduz ou a técnica?

A propaganda, como técnica, é uma conquista do homem e, nessa condição, como bem acentua o ilustre confrade que nos honrou com a pergunta, é neutra. A própria ciência, no fundo, é moral, porque a ciência é de Deus, mas, como instrumento de pesquisa, é neutra. Ela trabalha com os valores, com as conotações, com os preconceitos, com as idéias do seu tempo e com as necessidades desse tempo.

A nossa observação sobre a propaganda resulta do fato de que realmente, através dela, modificamos nossos hábitos. Ela nos ajuda, sendo mesmo um veículo de educação do homem. Todavia, como a moral social, ela acarreta os prejuízos do mau uso que o egoísmo humano faz de sua estu-penda capacidade de comunicação.

Não somos contrários à propaganda e reconhecemos o importante papel que desempenha em nossas vidas. No próprio Evangelho encontramos Jesus em comunicação com as massas, realizando a propaganda da Boa Nova. Se Jesus não subisse ao monte para pregar as bem-aventuranças, não teria transmitido à multidão o seu programa de vida eterna, sintetizado no formoso Sermão da Montanha. Se não realizasse os chamados milagres,

passaria despercebido do povo. E, se Ele não escalasse o Monte Tabor para testificar, no fenômeno da transfiguração, que o Evangelho selava a realidade do mundo espiritual, faltar-nos-ia, hoje, respaldo desse autêntico ato de propaganda para dizer que a Doutrina Espírita, como Consolador Prometido, fundamenta seus ensinamentos no Evangelho.

7) O que se nota na escola é um descaso em ensinar àqueles que querem aprender. Como se explica isto espiritualmente?

É tudo função do que se fez do processo educativo. Se compulsarmos as estatísticas demográficas da O.N.U. é provável que cheguemos à espantosa constatação de que cerca de 95% dos habitantes da Terra estão ligados a alguma espécie de culto religioso, restando perto de 5% para os que realmente são materialistas. De onde se conclui que o homem, além de ser um animal gregário é, também, um animal religioso.

Ora, ser religioso é admitir o binômio Deus-alma, porque não há religião sem Deus e sem alma imortal. Todas as religiões nos acenam com alguma coisa além da morte. Eis aí o paradoxo ou a incoerência: somos uma humanidade que crê ou diz acreditar na sobrevivência da alma, mas que imprime ao processo educacional toda a visão caótica e imediatista da vida. Preparamos nossos filhos para vencerem na existência material e descuidamos da sua educação para a eternidade.

A Pedagogia e a Psicologia Educacional, mesmo quando espiritualistas, sofrem as limitações da crença tradicional de que a alma foi criada no momento da concepção, não trazendo, portanto, nenhuma bagagem de vidas anteriores.

Pestalozzi, mestre de Kardec e de certa forma precursor, tanto quanto Rousseau, da própria Doutrina Espírita, afirmava que “educação é o desenvolvimento harmônico das faculdades interiores do homem, visando a uma sabedoria humana mais pura”. Todavia, ainda que admitindo a existência dessas faculdades interiores, não avançou muito em suas formulações, porque seus conceitos morais e educacionais esbarravam numa visão unitária da vida humana. Coube ao seu discípulo Hippolyte Léon Denizard Rivail — Allan Kardec —, com o ensino da Falange da Verdade, romper o círculo e demonstrar que somos seres transexistenciais; que a criança situada no berço ou na escola de primeiras letras é um ente não apenas imortal — como as religiões o admitem — mas que viveu antes da presente existência e tem a sua própria bagagem intelecto-moral.

O conhecimento do perispírito é, talvez, ao lado da prova da sobrevivência da alma, uma das maiores, senão a maior contribuição do Espiritismo para modificar o processo educacional. É por isso que a visão espiritual da vida tem que ser palingsênica. Provando a vida futura, aceitando o Espírito na sua realidade íntima e o homem como sen-

do Espírito reencarnado, — mudamos nosso enfoque da vida e, por conseguinte, temos que mudar também a abordagem educacional. Tudo isso conflui para uma síntese: a idéia espírita em marcha há de modificar o homem, a começar pelo processo educacional, reformulando sua conduta moral.

8) No decorrer da palestra foi dito que aqueles que não acreditam em nada manifestam uma forma de fé. Essa crença é no nada ou em razão deles acreditarem nas leis naturais, nas leis físicas, químicas, etc.?

Seria nesse sentido. Consideramos a fé sob dois aspectos: a fé transcendente, de caráter espiritual e metafísico, e a fé como crença nos valores do homem e da sociedade.

Demos um exemplo. Há cientistas que se dizendo materialistas são capazes dos maiores sacrifícios e da mais completa renúncia, vivendo uma vida quase ascética na realização de suas pesquisas e descobertas, com o objetivo de servir à humanidade. Não têm crença religiosa e negam a realidade do Espírito, mas possuem uma fé interior que os impulsiona a agir desinteressadamente em benefício do próximo. Eles estão mais perto de Deus do que os crentes de todas as religiões que tentam negociar a própria salvação através das obras da caridade.

No campo estrito da fé, a satisfação íntima do cientista materialista, que concorre para o bem-

estar do homem, não é menor do que a nossa quando, em nome da fé, da religião, vamos levar alimento ao pobre ou estendemos a mão para ministrar o passe, ou ainda, servimos de instrumento para a comunicação mediúnica. Foi nesse sentido que colocamos a questão.

ANIMISMO E MEDIUNISMO

Dr. Alexandre Sech
25 de outubro de 1980

Senhoras e senhores, meus irmãos, muita paz!
Que é o homem? A esta indagação, várias correntes do pensamento respondem de maneira característica. Dizem uns que o homem é a resultante de um processo de natureza biológica, de evolução milenar e que, após a passagem por variadas experiências, alcança a condição humana, onde desenvolve um período de vida que se inicia no nascimento e se encerra na sua morte. Dizem alguns que é a mais perfeita das máquinas existentes na natureza. Para outros, é um conjunto de tecidos, células, em número astronômico, que se conjugam de maneira adequada, com vistas a objetivos precisos.

Desde os tempos mais antigos, porém, o pensamento tradicional religioso afirma que o homem é composto de uma *natureza espiritual* e de uma *natureza material ou física*. A natureza física corresponderia ao seu equipamento biológico, que daria passagem às manifestações inteligentes e sentimentais do *ser de natureza transcendental*, que seria o próprio *eu espiritual*.

Já se falou que tal colocação era habitual e adicionavam, os sábios da antiguidade, como por exemplo os Vedas, que, entre este *princípio de natureza espiritual* e o *corpo físico*, existia um *elemento intermediário* de natureza etérea. Este não cessava de viver no fenômeno da morte do corpo, carregando consigo, para os céus védicos, a resultante de todas as suas ações.

Para os egípcios, também o homem era um confuso complexo constituído de vários corpos, sendo que, de acordo com sua natureza, recebiam determinadas denominações: KÁ era um corpo energético que se relacionava mais diretamente com o chamado corpo físico e com ele também perecia; BÁ seria também um corpo energético, porém indestrutível após a morte física, ele acompanharia e revestiria a inteligência do espírito; e por último, o ser de natureza espiritual, chamado THOU, sede da inteligência e do afeto, essência do eu.

Este ensinamento egípcio, caracterizado por volta da 18.^a dinastia, já vem a dar uma visualização de como os antigos viam e entendiam o complexo humano e que mais tarde, a partir das teorias magnéticas de Franz Anton Mesmer, vêm receber o *aporte* da experimentalidade. De acordo com aqueles que possuem uma faculdade especial, diziam os magnetizadores, pode-se observar, em torno dos limites do corpo físico, uma substância evanescente, de natureza luminosa, de brilho variável de acordo com as situações de tempo e de emoção do próprio perceptível e do sujeito que está sendo examinado. Com a atuação das chamadas *forças magnéticas* sobre os chamados *sensitivos*, obtinham-se, na época do magnetismo, fenômenos extraordinários de exteriorização, visualizados por sensitivos, que eram capazes de alcançar um limite além dos limites habituais do nosso globo ocular.

Diziam os sensitivos, com o dom de ver pa-

ra além dos limites do corpo físico, que se destaca do corpo do sujeito, quando submetido a determinados influxos energéticos, uma verdadeira duplicata de natureza luminosa e colorida. Ela se exterioriza gradualmente, de um lado e de outro do corpo físico, para, a posteriori, fundir-se, dando condição para os chamados *videntes* observarem duas figuras em estado de desdobramento. No entanto apenas aqueles que possuíam uma faculdade “especial”, modernamente chamada *mediunidade*, eram capazes de fazer tal constatação, o que limitava por certo a verificação dentro de um sentido específico de exigência científica, experimental e laboratorial.

As pesquisas do brilhante e extraordinário William Crookes, na Inglaterra, com o célebre caso de materialização do espírito Katie King, pela médium Florence Cook, vêm trazer um marco de importância tão vital para a experimentação do chamado fenômeno da *materialização transitória*. Aquilo que anteriormente era apenas a resultante da observação de determinados indivíduos portadores da chamada faculdade *psi* para os estudiosos mais modernos da paranormalidade e da Psicotrônica e da Psicobiofísica, e que tão somente permitia ao observador sensitivo vislumbrar o fenômeno, agora, em face da materialização, passa a ser de constatação do grupo do qual fazem parte os experimentadores.

As fotografias transcendentais das formas

materializadas transitoriamente ou mesmo daquelas formas que alcançavam um estado de semi-materialização, que não chegavam a ferir a acuidade visual, mas que eram capazes de sensibilizar as chapas fotográficas, também constituíram um grande aporte de provas para a verificação concreta do chamado fenômeno de *desdobramento*. Contudo, ainda assim, aqueles que se fundamentam no posicionamento eminentemente materialista de que o psiquismo é tão somente um *epifenômeno* da matéria, portanto um fenômeno secundário ao funcionamento do corpo físico, de que o psiquismo é apenas a resultante fisiológica do funcionamento de todos os órgãos conjugados e direcionados pela unidade do organismo, ainda aí viam um fenômeno tão somente biológico, embora numa outra fase vibratória, numa outra fase de existência real, embora não habitual.

O avanço da ciência, todavia, desde o campo da Física, que abre verdadeiras veredas de luz para o conhecimento e a constatação da realidade do espírito, vem, dia a dia, destruindo todos os *bastiões* e todos aqueles obstáculos naturais que o materialismo mecanicista levantou às afirmações espiritualistas. Nunca se viu como hoje, uma ciência, considerada a ciência básica e fundamental, como a Física, a apenas lidar com conceitos, com teorias, com definições de difícil exame e constatação laboratorial, a não ser através de provas complicadíssimas, indiretas, demonstrar que a *matéria* não

é nada mais nada menos do que a grande *ilusão*, como já afiançavam os hindus e os brâmanes.

A matéria passa a ser, desde 1915, após a enunciação das teorias da relatividade por Albert Einstein, a se concretizar como sendo a energia coagulada temporariamente. Esta mesma energia, levada a um exame mais profundo, ganha do extraordinário sábio Einstein conotações como as de que ela é apenas formada de espaço curvo, que se curva *para a direita*, formando pequenos corpúsculos. Estes, de quando em vez, se transformam também em ondas, e quando o espaço é curvo *para a esquerda*, forma os campos, que são áreas onde os fenômenos físicos das micro-partículas ocorrem em nosso Universo.

Mais do que nunca, hoje a chamada ciência materialista perdeu toda a sua caracterização "material" propriamente dita porque, para sermos coerentes, ninguém que realmente acredite apenas na matéria poderá dizer-se *materialista*; pelo menos deverá ser *energeticista*, ou então mais profundamente, *espacialista*; nunca "materialista" no sentido de que a "matéria" tem uma construtividade real e que é formada de partículas indestrutíveis, os átomos.

Vivemos, assim, num Universo de ondas, de partículas, de subpartículas, de campo, de forças que constituem a realidade na qual existimos.

Para o Espiritismo, doutrina surgida no século passado, exatamente aos 18 dias do mês de abril

do ano de 1857, com o lançamento da pedra angular da doutrina, *O Livro dos Espíritos*, abre-se uma nova era para a compreensão do Universo, dos seres que habitam o Universo, das leis que regem os fenômenos de inter-relacionamento dos seres num mesmo plano e nos vários planos em que a natureza se dispõe.

Para o Espiritismo, o homem é um complexo de natureza biológica mas de essência transcendental, inteligente, cuja inteligência desempenha função de importância no processo do desenvolvimento moral.

Para o Espiritismo, não mais a afirmação de que o *espírito* existe, mas a realidade experimental de que o *espírito* é. Enquanto outros princípios, de natureza religiosa, filosófica, afirmam a existência do espírito, o Espiritismo, através do aspecto experimentalista, prova a existência e a independência do espírito do fenômeno biológico da vida física.

Diz a doutrina que o homem é composto de corpos, corpos estes cada um existindo dentro do seu limite característico de constituição. O *corpo físico*, como todos sabemos, constituído de matéria física a compor átomos, moléculas, células, tecidos, órgãos, aparelhos, enfim o nosso organismo incluindo um *corpo de natureza vital*, ou seja, um *corpo de natureza fluidica*, permanecendo adstrito ao corpo físico e que o mantém na sua vida vegetativa, em função da absorção de energias de natureza cósmica que alimentam as próprias células

deste corpo físico; um terceiro corpo, que seria um corpo intermediário, chamado *perispírito*, que subsistiria ao fenômeno da morte física, caracterizando morfologicamente o princípio essencial, inteligente e moral chamado *espírito*. Como se vê, o Espiritismo emparelha as suas colocações a respeito da constituição do homem com aquelas velhas e antigas idéias dos egípcios da 18.^a dinastia, que nos diziam que o homem se constituía do *corpo físico*, de *ká*, de *bá* e de *thou*. O Espiritismo nos diz que o homem é um complexo de natureza biológica e transcendental, material, energética, astral e inteligente, formado de *corpo físico*, um corpo ou *duplo de natureza vital*, que se dissolve com o corpo físico após o fenômeno da chamada morte biológica; o *perispírito*, que é o elemento intermediário, a ponte relacional entre dois universos vibracionais, o universo do espírito e o universo da matéria física; e a essência intelectual, a essência moral, a essência individualizada, ou seja, o *espírito*. (1)

(1) Conquanto o autor reconheça que, em "O Livro dos Médiuns", o assunto em questão esteja assim disposto: "O homem é formado de três componentes: 1.º) a alma, ou Espírito, princípio inteligente em que se encontra o senso moral; 2.º) o corpo, invólucro material e grosseiro de que é revestido temporariamente para o cumprimento de alguns desígnios providenciais; 3.º) o perispírito, invólucro fluidico, semimaterial, que serve de liame entre o espírito e o corpo".

Colocados estes conceitos iniciais, é preciso dizer-se que o Espiritismo, bem antes de qualquer movimento que procurou explicar o fenômeno da atuação das chamadas *entidades espirituais* sobre o homem, abriu campo para as pesquisas a respeito da faculdade essencial que tem o próprio homem de entrar em contacto com aspectos profundos do seu próprio psiquismo. Não é verdade que para o espírita tudo se traduz na manifestação de entidades desencarnadas; não é verdade para o Espiritismo, fundamentado nas obras básicas do Sr. Denizard Hippolyte Léon Rivail, conhecido pelo epíteto de Allan Kardec, que todos e quaisquer fenômenos de natureza psicológica e transcendental são devidos a entidades espirituais desencarnadas.

Bem antes de quaisquer correntes de pensamento, desde a Metapsíquica à Parapsicologia moderna, o Espiritismo sempre admitiu o fenômeno do *animismo*, ou seja, o fenômeno pelo qual as forças próprias da alma do indivíduo são suficientemente capazes de explicarem determinados fenômenos, como a telepatia e a clarividência; também a telecinesia, estes movimentos de objetos à distância, caracterizando os chamados fenômenos de natureza física, tudo isto sem necessariamente haver a interferência de seres do chamado plano espiritual. Só aqueles que realmente perustraram os volumes da codificação sabem que o Espiritismo aceita basicamente a tese de que existem determinados momentos em que o sensitivo entra em um transe es-

pecial e passa a vivenciar realidades do seu psiquismo mais profundo, não necessitando obrigatoriamente da intervenção dos chamados seres espirituais, para explicar fenômenos psíquicos.

Ernesto Bozzano, estudando esta tese, a do animismo e do espiritismo, já nos clareou o pensamento doutrinário aprofundando-nos que o animismo é um fenômeno que, devidamente estudado em profundidade, prova, por primeiro, a existência de um princípio de natureza transcendental, inerente ao homem e independente do corpo físico. A possibilidade de o homem poder se dicotomizar, apresentando uma parte inteligente e independente do seu corpo físico, podendo, por ele e por outros, se manifestar, provaria a possibilidade de o indivíduo se tornar intermediário de seres que vivem no plano espiritual.

Se no estado de desdobramento espiritual o ser se manifesta através de outrem, nada impede que quem intermedie um encarnado em desdobramento também possa fazê-lo com um ser que já tenha deixado a vida física através do fenômeno da morte. Através de sua tese, transformada em livro "Animismo ou Espiritismo", Ernesto Bozzano afirma que é através do estudo do *animismo* que chegamos à comprovação da possibilidade da existência do fenômeno espírita, ou seja, do fenômeno da interferência dos seres espirituais da nossa vida de relação, através de uma força, de uma faculdade chamada *mediunidade*.

Alexandre Aksakoff, cujo nome por si só já é uma garantia, também nos afiança, no seu livro "Animismo e Espiritismo", que as situações de transe dos sensitivos podem se categorizar em vários níveis. Pode o sensitivo, quando entra num estado especial de alteração de consciência, vivenciar fenômenos intrínsecos do seu psiquismo profundo, caracterizando o fenômeno que ele denomina de *personismo*.

Assim, nem todas as chamadas manifestações mediúnicas que se vêem alhures pelos centros que lidam com a mediunidade, sejam espíritas, sejam umbandistas, sejam quimbandistas, caracterizam um fenômeno mediúnico, mas tão somente um estado alterado da consciência em que o indivíduo busca, nos porões profundos do seu próprio psiquismo, material, formas de se comunicar que extrojeta no instante do chamado *transe*, fenômenos estes muito comuns, fenômenos estes que, muitas vezes, são confundidos com o fenômeno do mediunismo puro ou do chamado fenômeno espírita.

Dizia-nos Alexandre Aksakoff, que quando o estado alterado de consciência do médium se projeta para sua própria interioridade, caracteriza o *personismo* e quando essas energias se extrojetam e atuam sobre objetos e coisas inter-relacionando-se com outras pessoas também do nível dos chamados encarnados, estamos diante de um fenômeno *animico*, como o são os fenômenos de clarivi-

dência, da telepatia e da telecinesia. Mas, afixava o sábio russo, há uma gama importantíssima de fenômenos que ocorrem com a intervenção de seres, chamados desencarnados ou espíritos, que, atuando sobre essa faculdade de intermediação, se comunicam com o plano dos chamados vivos, caracterizando o *mediunismo*, ou o fenômeno espírita.

Este é encontrado, atualmente, na Psicobiofísica e na Parapsicologia moderna, mas na Parapsicologia verdadeiramente científica, não a que anda sendo vendida a granel nos chamados cursos de fim de semana, apenas para distribuição de certificados sem valor algum e cujo intuito é apenas transformar a seriedade do fenômeno paranormal em verdadeiras manifestações circenses de palco através da hipnotização e da magnetização de sensitivos que se encontram em condição perturbada. A Parapsicologia, ramo da ciência que procura estudar a realidade do ser na dimensão *psi*, nos ensina que há uma categoria de fenômenos, além dos fenômenos *psigama* e *psikapa* (os *psigama* equivalem aos fenômenos de natureza mediúnica *inteligente*, segundo a classificação dos espíritos na obra "O Livro dos Médiuns" do Sr. Allan Kardec, e os fenômenos *psikapa* correspondem aos chamados fenômenos de *efeitos físicos* desta mesma classificação neste mesmo livro) Estes outros são conglomerados dentro da denominação de fenômenos *psiteta*. Os primeiros, inteligentes, fenômenos *psigamas*; os segundos, de efeitos físicos, *psikapas*; os

terceiros, fenômenos obtidos em função da intervenção de entidades ditas dos mortos, ou dos chamados *condensados energéticos*, denominação dada pelos russos das correntes da Psicotrônica, são fenômenos muito característicos e que só mesmo a intervenções destas inteligências destacadas do corpo físico que se foi, pelo fenômeno da morte biológica, são susceptíveis de explicá-los.

Vemos portanto, que o Espiritismo não é uma Doutrina que faz afirmações gratuitas a respeito deste enigma tão milenar e complexo, que é o enigma da própria natureza do ser humano.

Hoje, calcado principalmente nas experimentações dos cientistas que não têm vinculação em absoluto com qualquer procedimento de natureza filosófica ou religiosa, o Espiritismo vai alcançando foros cada vez de maior respeitabilidade e autenticidade. Não são experimentadores espíritas o casal Kirlian, Semion Davidovitch e Cristina Crisnofovna Kirlian, não são espíritas eles, que descobriram na década de trinta, o chamado *efeito Kirlian* (2), tão discutido e muitas vezes negado pelos curtos e baldos de inteligência. O fenômeno que caracteriza o descobrimento do corpo energético primário que precede a existência do nosso corpo físico, que por sua vez, sendo secundário, apenas

(2) O efeito Kirlian não revela diretamente a presença do perispírito senão através das energias vitais que o impregnam.

se molda e responde aos estímulos daquele primeiro, o *corpo bioplásmico*, o corpo de natureza plasmática, o corpo energético, dê-se o nome que se queira dar. Mesmo porque a denominação nesta área é de somenos importância, já que nos interessa realmente é o substrato do fenômeno, embora muita gente se aprisione única e exclusivamente na terminologia técnica, que quanto mais complexa e confusa, dá uma falsa impressão de cultura e conhecimento. Certas pessoas, ditas de formação científica, de forma alguma aceitam o fenômeno espírita, mas se ele for explicado com o uso de uma terminologia técnico-científica, com termos de raízes gregas, com palavras pomposas e de difícil pronúncia, só porque tem uma aparência “mais profunda”, o aceitam imediatamente. Aliás, a própria Ciência, em certas áreas, é useira em tais técnicas, criando uma verdadeira cortina de fumaça sobre a causa fundamental dos fenômenos.

As experimentações russas do casal Kirlian vieram abrir perspectivas completamente novas para os conceitos biológicos tradicionais, porque chega-se à conclusão, em função das experimentações kirlianianas, de que a matéria segue apenas as estimulações que ocorrem em primeiro plano no chamado corpo bioplásmico. Este corpo bioplásmico é o que primeiro apresenta alterações de natureza patológica em qualquer processo disfuncional, para depois então verter, por um fenômeno de ligação vibratória, por um processo de ressonância vibrató-

ria, para a interioridade das células, ganhando as mitocôncrias, o condrossoma e toda estrutura do núcleo, alterando assim todo o endoquimísmo celular, trazendo em consequência as alterações de natureza fisiológica do corpo físico.

Vê-se, pois, que o Espiritismo, apesar de ser uma doutrina com mais de 123 anos de existência, é uma doutrina das mais atuais porque ela ainda é um desafio para o conhecimento de todos nós, mui especialmente daqueles que se dizem espíritas, daqueles que dizem seguir as orientações da codificação mas que têm tido tão pouca oportunidade de aprofundar este conhecimento através das leituras e do estudo sistematizado da obra kardequiana.

O fenômeno chamado *mediúnico*, para o Espiritismo, se caracteriza pela interferência, a nível consciencial, de uma consciência que se encontra num limite extra-físico, num mundo intimamente relacionado com o nosso, relação esta que se estabelece através do vínculo chamado mediunidade.

A mediunidade seria uma disposição peculiar, a princípio do nosso sistema nervoso central, que sofreria algumas modificações no seu funcionamento complicadíssimo. Alguns centros de natureza subcortical entrariam em processo de auto-mação, partes do cortex seriam inibidas pela influência magnética, fluidica, energética promovida pelas entidades, ou então por mecanismos que o próprio indivíduo desenvolve ao longo da sua evo-

ução milenar. Este estado de natureza fisiológica alterado daria, como consequência, um estado alterado de consciência, consoante às pesquisas atuais do norte-americano Dr. Tart. Tais estados de consciência alterados, indo desde a lucidez até ao estado inconsciente mais profundo, formariam múltiplas fases de um processo em que se enxertaria a presença de uma inteligência extra-física que, em se manifestando, daria condições de ser caracterizada como tal.

Claro está que em todo processo mediúnico, onde um ser de natureza transcendental atua sobre a mente do médium, a somação da inter-relação de influências entre essas duas mentes se traduz como a mensagem final. Em outras palavras, toda mensagem mediúnica promovida por uma entidade espiritual independente do médium, sofre consequentemente as caracterizações típicas da mente do próprio médium porque ela, a mensagem do chamado desencarnado, deve passar pelos filtros de natureza energética constitutivos do perispírito, ou seja, do corpo de natureza energética do médium. Todo conteúdo mneumônico, todo o conteúdo de memória que o espírito imortal guarda na sua intimidade serve como elemento controlador ou disparador do próprio processo de comunicação. Assim, ousaríamos afirmar que, em todo processo mediúnico há maior ou menor influência do instrumento mediúnico, ou do chamado *medianeiro*.

Quando dizemos *medianeiro*, nós estamos

nos referindo àquele indivíduo que se coloca na posição de intermediário, que medeia o plano físico com o plano espiritual. Não confundir com os “*médianeiros*”. Há uma diferença entre medianeiro e “*médianeiro*”. “*Médianeiros*”, com esta pronúncia característica do nortista, são justamente aqueles companheiros nossos do movimento espírita e alguns até médiuns, que fazem *média* com a sua mediunidade. Aqueles indivíduos que costumam utilizar suas faculdades para impressionar os incautos, para se auto-promoverem, para formarem os “*fãs clubes*” em seu derredor, logicamente em função das múltiplas manipulações de natureza psicológica em que são muito hábeis no seu trato. Portanto, dentro deste parênteses que fazemos, por favor não confundir medianeiros com “*médianeiros*”.

O fenômeno animico, consoante a doutrina espírita, seria um fenômeno tão autêntico e tão respeitável quanto o fenômeno mediúnico, porque o sensitivo ou o médium, entrando em transe, se exterioriza perispiriticamente. Esta condição está prevista em “O Livro dos Espíritos” e melhormente desenvolvida em “O Livro dos Médiuns”, quando os espíritos nos falam a respeito do chamado transe sonambólico, em que o médium, em estado de desdobramento, ganha uma condição de maior lucidez, penetrando assim em áreas psíquicas, vibratórias, num universo diferente do nosso e o seu próprio espírito se manifesta através do seu corpo, num fenômeno automático de desdobramento da sua cons-

ciência, conforme as observações de Charles Richet, de Pierre Janet e outros.

E há o *fenômeno da mistificação* que não podemos confundir com o animismo — que é um fenômeno natural, exponencial, importante e tão respeitável, repetimos, quanto o mediúnico, desde que realmente aceito como tal. Essa mistificação nada tem a ver com o animismo, nem tão pouco com o mediunismo. O fenômeno da mistificação seria aquele fenômeno que parece mediúnico, que tem tudo para ser mediúnico, que parece anímico, que tem tudo para ser anímico, mas não é.

O fenômeno tem todas as parecenças com o fenômeno de natureza mediúnica mas ele é um fenômeno de mistificação (3), é um fenômeno engendrado pela malícia ou pela ignorância do próprio indivíduo possuidor do recurso mediúnico, muitas vezes, para se auto-promover. Aí está o grande perigo da mediunidade em espíritos ainda não amadurecidos ou muito vaidosos, ou aqueles que ainda estão muito perdidos nos núcleos profundos do seu narcisismo. Seriam fenômenos arquitetados por eles próprios para parecerem mediúnicos, com o sentido de tirar proveito, proveito pessoal, proveito de grupo ou proveito até de instituições. A mistificação, portanto, não pode ser confundida com o animismo. Na mistificação há a intenção dolosa, há

(3) Neste caso pode também ser denominado de fraude.

a intenção de engodo, há a intenção de enganar e que tanto pode ser *consciente quanto inconsciente*, daí, segundo as orientações doutrinárias do Espiritismo, todo o médium deve se acautelar, através do estudo sistematizado da Doutrina e da conduta de natureza ética, para não se ver a braços com dificuldades desta ordem.

Dentro do campo da objetivação do fenômeno mediúnico, claro está que, para haver o fenômeno, deve existir a *faculdade mediúnica* e pensam alguns — os que não conhecem o Espiritismo têm todo o direito de assim pensar, mas aos espíritas não podemos lhes conferir este direito, — que os médiuns são pessoas privilegiadas, são pessoas que nasceram com um dom especial e que, portanto, estão apaniguadas pelos poderes espirituais superiores para realização de grandes tarefas. Diz o Sr. Allan Kardec, por orientação dos Espíritos Superiores, o Espírito da Verdade — um conjunto de entidades espirituais, — que *médium todos o somos, em potencial alguns, em condição rudimentar outros e em posição razoável os demais*. Faculdade esta que, provavelmente no futuro, dependendo da evolução moral do homem na sociedade, poderá ele utilizá-la com muito menos risco e com muito maior facilidade. Faculdade esta que é característica dos seres do plano espiritual que se comunicam através do pensamento, que vêm à distância, que se transportam à distância num átimo de tempo, porque têm o poder de volição e, através da força do

pensamento, deslocam o seu corpo sutil, ou chamado corpo perispiritual, de um lugar para outro no plano espiritual. Faculdade esta que é *inerente a qualquer um de nós e que nem sempre é desenvolvida de maneira coerente e de maneira correta.*

O Espiritismo, antes de qualquer outro movimento de natureza filosófica admissor do animismo, admite portanto que o espírito do próprio médium, em determinadas circunstâncias, é suficiente e capaz para a realização de fenômenos que parecem ser mediúnicos. E neste particular, é preciso que nós entendamos que só um conhecimento adequado, um estudo em profundidade, poderá aos poucos caracterizar os fenômenos automáticos de desdobramento do inconsciente daqueles outros fenômenos em que este inicial fenômeno se dá, mas adicionando-se a ele, há um encaixe, há uma interferência de uma inteligência diferente da do médium que altera completamente o curso, as características e a forma do seu pensamento, da sua maneira de ser, das características habituais com que ele costuma se apresentar, caracterizando o fenômeno mediúnico ou espírita.

Ainda como uma variante do fenômeno anímico, temos que considerar o fato de que o homem é fruto de sua evolução palingenética, através de múltiplos avatares, isto é, o homem de hoje é a resultante da somatória de suas múltiplas encarnações, guardando em seus arquivos profundos de memória perispiritual as vivências correspondentes

às personalidades e personagens variadas que já foi outrora.

Em um transe de dissociação automática, pode ocorrer que a mente do próprio "médium" mergulhe em departamentos de seu passado, revivendo situações e ocorrências, dando a impressão que está sob a influência de um desencarnado... Um fenômeno anímico com a aparência de mediúnico cuja diferenciação só poderá ser feita através de uma observação criteriosa, de um estudo aprofundado, de um conhecimento doutrinário do Espiritismo, que tem meios adequados para explicar tal fenomenologia. Para que isto aconteça, porém, é necessário a adoção de uma *atitude coerente nos centros espíritas*, onde devemos inverter um pouco a utilização do tempo dedicado à realização dos nossos trabalhos. Em vez de gastarmos tantas horas na realização de *trabalhos com luz apagada*, ou seja, na realização de trabalhos ditos práticos, investirmos mais em *trabalhos com luz acesa*, ou seja, trabalhos de estudo, de troca de idéias, de preparação, para que, quando realizássemos as sessões ditas mediúnicas, pudéssemos fazê-lo com a segurança necessária. Qualquer indivíduo consciente e respeitador da doutrina deve assim agir, evitando-se os espetáculos desagradáveis que ainda se vêem nas Casas Espíritas, sejam elas federadas ou não, espetáculos deprimentes que nada têm a ver com o Espiritismo, e que são frutos do despreparo e da ignorância doutrinária.

Aos que não são espíritas pode parecer estranho que estejamos a criticar o nosso próprio movimento, dizendo que muitos dos fenômenos que ocorrem em nossas Casas não são autenticamente espíritas, mas isto o fazemos exatamente por termos espírito crítico e com a segurança de quem milita neste meio há mais de três décadas, tendo observado, muitas vezes, *situações eminentemente de natureza neurótica serem diagnosticadas como mediunidade a desenvolver o mais rapidamente possível*. Infelizmente, em determinados centros que ostentam o nome espírita, basta que qualquer indivíduo se poste diante desses chamados “gurus” espíritas, os “médiums principais”, para que imediatamente venha o diagnóstico de mediunidade como sendo a causa perturbadora da situação emocional do indivíduo. O Espiritismo de verdade não assina estas atitudes e não compactua com estas colocações.

O Sr. Allan Kardec, em “O Livro dos Médiums”, por orientação dos Espíritos Superiores, já dizia que há apenas um método infalível para se saber se o indivíduo é ou não portador da faculdade mediúnica a nível de desenvolvimento, é *experimentando*. Mas que nenhuma experimentação deve ser feita sem o prévio conhecimento do assunto, *sem a preparação intelectual, moral, espiritual, emocional* para a realização de tais trabalhos, contrariando muito os tais chamados espíritas modernos que, com a preocupação de demonstrar a grandio-

sidade da Doutrina, influenciam de maneira sugestiva e negativa pessoas emocionalmente torturadas, pessoas emocionalmente desequilibradas, pespegando-lhes o rótulo de médiuns, quando não passam de *neuróticos*, quando não passam de perturbados das suas próprias emoções e da sua própria mente, pessoas que necessitam de um tratamento responsável e correto que as *próprias casas espíritas podem fazer* através dos trabalhos de fluidoterapia, de orientação doutrinária, de passes, de conselhos e principalmente do grande trabalho que o próprio interessado deve realizar, o trabalho de renovação moral, de modificação de costumes e postura diante das leis da vida.

O Espiritismo não concorda e não avaliza estes absurdos que correm por aí.

Diz-se que o Espiritismo realmente é uma doutrina da espiritualidade, muito séria e forte, porque, depois de 123 anos, "se os espíritas não conseguiram destruí-la ainda", é porque realmente ela tem uma estrutura de aço!!! Qualquer outro movimento, com a metade do tempo de existência do Espiritismo, já teria completamente se esboroadado em função de tantas deformidades que são ajuntadas ao processo do chamado movimento espírita.

Neste particular, convém salientar a diferença entre doutrina espírita e movimento espírita, sendo este último o conjunto de ações que realizam os que dizem seguir a doutrina, engajados ou não às instituições representativas, como centros, fede-

rções, casas de assistência social, etc. e doutrina espírita o conjunto de ensinamentos embasados na obra da codificação. Enquanto a doutrina é a resultante do trabalho conjugado da Espiritualidade, que inspirou a obra kardequiana, mais a inteligência do mestre lionês, que a soube filtrar com equilíbrio, o movimento é a somatória de atitudes que os espíritas de uma maneira global vão tomando no decorrer do tempo, concretizando os ideais da doutrina, dentro de suas limitações e pontos de vista pessoais. Desta forma, vemos com frequência, surgirem tendências no movimento espírita nem sempre condizentes com o verdadeiro espírito da doutrina, senão, seguindo o interesse de pessoas ou de grupos que se deixam embalar pelo personalismo envaidecedor, gerando situações particulares e especiais.

Nós, que temos a responsabilidade de ler, de estudar, de avaliar os ensinamentos da Doutrina, estamos sendo convocados, na hora atual, a prestar o nosso justo testemunho como espíritas, através da ação renovadora, naquilo que já existe no movimento espírita e não com a preocupação que nos parece destituída de muita base, de fundar e inaugurar cada vez mais, maior número de centros espíritas como se já não fossem suficientes os que já existem, e "cá pra nós", uma boa parte deles necessitando de uma estrutura mais firme e condizente com o espírito da Doutrina. Centros que são criados e mantidos apenas para sustentarem a vai-

dade pessoal dos seus dirigentes; centros que passam a maior parte do tempo servindo apenas de local para reuniões mediúnicas insonssas, inodoras e insípidas, de grupos particulares que nada têm a ver com a instituição e que estão a serviço do personalismo esterilizante de meia dúzia de "iniciados".

Alguns ufanistas vivem a apregoar que o movimento cresce sem parar, e numericamente temos que concordar que assim é, porém tal crescimento ocorre através de um fenômeno "sui generis": crescemos por divisão. Nem por adição, nem por multiplicação, mas sim por divisão, pois de um grupo relativamente numeroso, após aparecerem algumas divergências normais em qualquer agrupamento, estas logo se transformam em motivo de cisão, e de um grupo, em seguida, se formam três, cada um orientado por um "líder", de preferência "médium inconsciente", que passa à condição de "guru", da cabeça de quem passam a sair todas as orientações para o grupo nascituro, *embora no Espiritismo deva existir uma orientação, a orientação básica da Doutrina a partir da obra do Sr. Allan Kardec*. E se ficasse nisso, ainda tudo estaria bem, mas começam a se entredorvar, fazendo exatamente o jogo das trevas, introduzindo "novidades" na prática mediúnica, principalmente baseados nestas ou naquelas "comunicações" que os "guias" passam a transmitir. De um grupo, por falta de espírito de entendimento, tolerância e humildade, vemos nas-

cer três facções novas no movimento. Mas como pode, perguntarão alguns, "guias espirituais" darem orientações díspares e chocantes entre si, criando assim um clima de dissensão? Antes de mais nada, levemos em consideração o que já dissemos acerca do mediunismo (onde há verdadeiramente uma manifestação espiritual de um desencarnado), do animismo (onde a alma do próprio médium, em estado alterado de consciência, se manifesta) e da própria mistificação, em que o "médium" dolosamente transmite suas idéias e intenções em forma de comunicação para lhe dar maior peso de autoridade e aceitação... E ainda levemos em consideração que *nem todos os espíritos comunicantes são espíritas*...

Estamos sendo convocados agora a realizar um trabalho de reflexão sobre o que temos feito *do* Espiritismo, *com o* Espiritismo e *no* Espiritismo, porque temos certeza que ele, por nós, já fez muito. Ele por nós, já nos levantou de situações morais penosas, difíceis; de situações críticas existenciais e do pensamento; já nos deu condição de termos esta felicidade que é a segurança de saber que *se é imortal*; que a vida não cessa no táfulo, que continuamos como somos, graças a Deus, no plano espiritual; que não iremos nem para o inferno nem tampouco para o paraíso, nem ficaremos à meia viagem enroscados no purgatório tradicional; que teremos a condição de avançar evolutivamente cada vez mais a partir do próprio esforço, sem

a intervenção de terceiros de quem dependemos e que nos possam apadrinhar, sem a interferência de “sacerdotes” que possam liberar a nossa alma para vivermos celestialmente, porque no Espiritismo *não há sacerdotes*. Isto é, oficialmente não há, e nem deve haver sacerdotes caracterizados, mas de uns tempos a esta parte, vimos notando, subrepticiamente, o desenvolvimento de atitudes puramente sacerdotais, interesseiras, até por parte de companheiros responsáveis na participação do movimento, indivíduos que procuram sacerdotizar a sua atuação para melhor controlar os grupos que em torno de si se vão aglutinando na formação de grupos fanatizados, que caracteriza os movimentos em torno de mitos populares fabricados pelo interesse de promoção e vendas... Nesse momento tão grave que estamos vivendo, a pureza da Doutrina necessita do respaldo da pureza do movimento. Este, para se popularizar, não necessita de concessões verdadeiramente carnavalescas à guiza de captar maiores simpatias nas camadas populares, quando a sacerdotização hierarquizada tenta se introduzir como uma teia de trevas a serviço da vaidade pessoal, quando a literatura espírita dita mediúnica se inflaciona com uma grande quantidade de obras repetitivas, sem originalidade alguma, frutos por certo de um processo anímico de remastigação mental, quando há riscos do movimento se igreijificar institucionalmente em nome de uma representação que o Espiritismo não precisa ter e

nunca deverá ter em nome do poder temporal. É hora de todos nós acordarmos para a realidade e sermos *espíritos*: simples, humildes, despidos de títulos, de comendas, de brasões, de honrarias humanas que sempre são dispensáveis, atentos, alertas, humanos, alegres, trabalhadores, cumpridores dos deveres, isentos de segundas intenções...

Não repetirmos mais as experiências que estão fundamentalmente estruturadas no nosso inconsciente como resultado das nossas múltiplas vivências nos séculos passados, nos séculos mais recuados, onde palmilhamos nos caminhos absconços da Igreja tradicionalista, na Idade Média, no seio dos reinados dos poderosos onde fomentamos, em nome do fanatismo e do amor ao poder, guerras intermináveis, de dez, vinte e trinta anos.

Nenhum de nós, que hoje estamos emparelhados na atividade espírita, deixamos de passar pelas atividades religiosas históricas do catolicismo romano ou da igreja reformada, daí cuidarmos para não repetir as experiências malogradas do tradicionalismo religioso carunchoso e milenar, nem as guerras intestinas das múltiplas correntes reformistas que se formaram a partir do entusiasmo renovador. Devemos, agora, tão somente, sermos mais honestos conosco mesmos, sermos mais autênticos conosco mesmos, começando pelo princípio, ou seja, pelo conhecimento através do estudo, daquilo que dizemos seguir, o *Espiritismo*. Não usar o Espiritismo para a nossa promoção pessoal, nem pa-

ra solucionar nossos desvios comportamentais narcisistas; *não usar* a mediunidade como fonte de negócios com a desculpa de divulgação doutrinária; *não usar* o movimento espírita como trampolim das nossas vaidades pessoais, porque o Espiritismo é uma verdadeira lente de aumento que irá nos clarificando a visão de mundo que cada um deve ter, uma visão de mundo introspectiva, e uma visão de mundo de fora em que possamos nos colocar dentro da realidade Universal, sentindo como somos herdeiros de Deus, como somos herdeiros do princípio criador, fundamentados no sentimento mais sublime, puro e único, do qual todos os demais derivam, o *amor*, e a partir deste nível de consciência, caminharmos unidos, sem medo, para a realização, para a concretização das nossas verdadeiras tarefas, que são as de rompermos com o nosso passado ominoso e abriremos perspectivas para o nosso futuro de iluminação e de paz.

Muita paz ao coração de todos!

Alexandre Sech

PERGUNTAS FORMULADAS, POR ESCRITO,
AO CONFERENCISTA DR. ALEXANDRE SECH

1) Desenvolvimento mediúnico é tratamento de desobsessão? Até que ponto uma obsessão pode ser prejudicada por um desenvolvimento prematuro?

Embora seja uma prática muito comum, acreditamos não ser a melhor solução, pois são dois fenômenos distintos, cada um requerendo tratamento especial. A obsessão é uma situação que necessita tratamento adequado e complexo, com atendimento especial que alcança até a família do obsediado geralmente envolvida no processo. O desenvolvimento mediúnico exige um sem número de atitudes, a começar pelo estudo e conhecimento do Espiritismo e da mediunidade em particular a fim de se evitar envolvimento perigosos. Um estado de obsessão poderá se complicar e aprofundar mais ainda com um desenvolvimento mediúnico prematuro e mal feito, tanto quanto um desenvolvimento mediúnico prematuro e mal feito pode levar à obsessão.

2) No tratamento das neuroses, até que ponto o animismo seria benéfico?

Desde que no tratamento de uma neurose seja identificado um processo anímico, é muito necessário que esta situação seja devidamente clarificada, para que uma coisa não seja tomada pela outra. Para tanto, é preciso que o terapeuta tenha conhecimento da fenomenologia paranormal a fim de que não interprete tudo como patológico, e que seja um profissional esclarecido para não aceitar como paranormal o que é evidentemente neurótico.

3) Qual a diferença entre fundo mediúnico e mediunidade?

Diz-se que “fundo mediúnico” seria a característica de uma perturbação transitória, causada por entidades espirituais, que atuam sobre o encarnado através de sua mediunidade insipiente. Tratada a perturbação, sua mediunidade não demonstra sinais de uma continuidade no desenvolvimento. Volta a ser uma potencialidade e não uma faculdade que exija cuidados especiais. O seu portador, porém, deve manter uma atitude de equilíbrio emocional, para não se ver novamente envolvido pelas energias negativas das entidades perturbadoras.

Mediunidade é uma faculdade comum a toda criatura humana, encontrando-se em vários níveis, desde o potencial até o ostensivo, e sempre que mostre sinais evidentes de sua presença, necessita de cuidados especiais, como: conhecimento através do estudo; desenvolvimento através de treinamentos práticos bem orientados, seguros, esclarecidos, evitando-se desde o princípio a aceitação de fantasias

mirabolantes, tão comuns onde a ausência de estudo doutrinário espírita se faz constante.

Mediunidade é canal de ligação entre o mundo espiritual e o material, o transcendental e o físico, o dos espíritos (como criaturas humanas liberadas do corpo físico pelo fenômeno da “morte biológica”) e o dos homens (como espíritos transitariamente ligados ao corpo físico pelo fenômeno da “vida biológica”).

4) *Como o médium poderá ter certeza de não estar mistificando desde que se considere realmente honesto?*

O médium realmente honesto, e não o que se considera realmente honesto, desenvolve mecanismos profundos de natureza psicológica que lhe conferem condições de ter certeza de não estar mistificando. É um estado de consciência tranquila a característica do médium honesto, mas que sempre está atento no sentido de não iludir e nem deixar-se iludir, isto é, é alguém que sempre está se aprimorando nos cuidados precisos para o bom desempenho de suas tarefas, resguardando-se na humildade, na singeleza, na simplicidade, afastando-se de todas as situações que o coloquem em posição vantajosa, de relevo, de auto-promoção pessoal...

O médium que é honesto, ao contrário do que se considera, a si mesmo, como honesto — indicativo de sua preocupação consigo mesmo — o verdadeiramente honesto traz tanta honestidade em suas mínimas ações e não se preocupa em repre-

sentar e evidenciar a todo passo a sua *honestidade*. Dela não fala, sobre ela não vive a tecer comentários e nem vive a se defender contra possíveis ataques “à sua honestidade”... aliás, pode ser considerado como elemento indicativo de mistificação a *preocupação do médium em evidenciar a sua “honestidade”*.

5) *Haveria uma possibilidade de sabermos, quando da comunicação mediúnica, até que ponto está sendo usada a faculdade do próprio médium e comunicação real do espírito?*

Em toda comunicação espírita está sendo usada a faculdade mediúnica do intermediário, podendo esta interferir mais ou menos no conteúdo e na roupagem da comunicação. Como sabermos onde entra e até onde vai a atuação do médium é um problema que exige, para a sua solução, um conhecimento acerca dos perfis da entidade comunicante e do intermediário, da maneira típica de pensar, de focalizar, de dizer, de um e de outro.

Quando uma entidade comunicante assina a comunicação, se esta for psicográfica, ou se revela, se for psicofônica, é porque quer ser reconhecida e identificada, tendo a obrigação pois de fornecer elementos de identificação e não apenas e simplesmente dar o seu nome. Desta forma, quando uma comunicação espírita é moldada com dados de identificação, como estilo, maneira de ser, de pensar, de focalizar, de dizer, o seu estudo, a sua análise possibilita saber exatamente o que é da en-

tidade espiritual comunicante e o que é do médium, desde que também ele seja conhecido para ser avaliado.

6) *Seria mistificação o fato de um espírito, em uma comunicação autêntica, passar-se pelo que não é?*

Sim. Seria mistificação quanto à autoria e não quanto ao fenômeno.

O fenômeno mediúnico é autêntico pois há médium e entidade comunicante mas a entidade se faz passar por alguém que ela não é. Ilude assim os circunstantes, dizendo ser quem não é. Não é um fenômeno tão raro assim, exigindo de todos nós um pouco de senso de crítica, evidenciando-o quando ele surge, para evitarmos que tantos sejam enganados...

7) *Como podemos entender o animismo doloso e por que esse animismo intervém na mediunidade natural?*

Para entendermos bem esta questão, recordemos que existem três categorias de fenômenos: 1.º) Fenômeno mediúnico ou espírita — ocorrência em que uma consciência desencarnada atua através de um médium que lhe serve de intermediário; 2.º) Fenômeno anímico — quando a ocorrência se situa em outro nível de consciência do próprio sensitivo, não havendo interferência de qualquer entidade desencarnada; 3.º) Fenômeno de mistificação — ocorrência com aparência de mediúnica ou anímica mas produzida pela intenção de iludir ou enganar.

A primeira vista, é realmente muito difícil se estabelecer uma diferenciação, porém com o tempo, com a experiência e uma maior convivência com a intimidade do médium ou do pretense médium, fica fácil caracterizar o fenômeno da mediunidade, da personificação ou o da mistificação.

Geralmente o fenômeno anímico e o fenômeno da mistificação aparecem como substitutos do fenômeno espírita ou mediúnico, ausente temporariamente.

8) *Gostaria que o senhor dissesse se na linha de umbanda, os pretos velhos, os caboclos, os baianos, etc., são considerados como misticismo, ou será que em uma dessas reuniões haverá presença de entidades menos evoluídas?*

Acreditamos que nas reuniões ditas mediúnicas das linhas de Umbanda, onde participam pretos velhos, caboclos e indígenas, muitos são os fenômenos de personificação, ou seja, fenômenos nitidamente anímicos, fenômenos de auto-projeção e de auto-sugestão; também aí aparecem fenômenos de mistificação, embora aconteçam fenômenos mediúnicos autênticos. Dizer-se que são entidades menos evoluídas implica em estabelecer algum critério, algum parâmetro no qual se fundamenta a idéia de evolução. São menos evoluídos em que? Em cultura? Em virtudes? Em progresso espiritual? Só porque promovem alguns fenômenos inabituais que fogem dos limites do chamado conhecimento acadêmico devem ser considerados evoluídos? Ou

serão menos evoluídos porque através desses fenômenos interferem em assuntos nitidamente pessoais, particulares, domésticos? São múltiplas as variáveis que devem ser levadas em consideração e ficam pois a critério de cada um que os interprete.

9) Sendo mistificação um ato doloso, como pode ser ela inconsciente? Neste caso mistificação inconsciente não seria animismo?

Nada impede que um ato doloso seja inconsciente, pois a intenção dolosa pode estar revestida de uma série de mecanismos reativos neuróticos, em que conscientemente, forçado pela necessidade de encobrir a intenção mistificadora, o suposto “médium” desenvolva características de “mediunidade” que ele mesmo procura impingir, através de relatos mirabolantes, de fenômenos extraordinários acontecidos com ele, de exaltação própria, tudo muito bem embalado em atitudes de suposta humildade, que no fundo tem a finalidade de auto-evidenciação, de auto-promoção, forçando a que todos nele reconheçam um verdadeiro médium ou um médium verdadeiro, faltando no entanto aquele “que” especial que caracteriza as pessoas espontâneas, naturais, despidas de qualquer artificialismo ou falsidade.

Quanto à mecânica do fenômeno, tanto o fenômeno mediúnico quanto o anímico podem ser mistificações quanto à finalidade, ao objetivo, às intenções...

Para melhor entendermos esta questão, para fins didáticos de diferenciação, usemos os seguintes termos: *médium* — para o portador da faculdade de intermediar com o plano espiritual com o auxílio dos espíritos; *sensitivo* — para o portador da faculdade de poder atuar em níveis alterados de consciência, entrando em contacto com outras dimensões do universo exterior, deles extraindo fenômenos inabituais, fora dos parâmetros do chamado conhecimento acadêmico científico; *mistificador* — para o indivíduo que consciente ou inconscientemente tem a intenção de passar por aquilo que verdadeira e espontaneamente não é. Entendamos que as três situações podem estar reunidas em uma só pessoa e nela atuarem em condições diversas. É apenas uma questão de atenta observação, mas para tanto é preciso retirar-se as vendas da idolatria pessoal com que temos vestido companheiros de ideal que laboram na mediunidade.

10) Mistificação consciente é fácil de entender, mas como caracterizar, identificar, exemplificar a mistificação inconsciente e como direciá-la do animismo?

Parece-nos que já abordamos o assunto na pergunta anterior, restando, para clarificar mais o assunto, darmos um exemplo.

Suponhamos uma médium de excelentes recursos psicofônicos, que trabalha no campo da desobsessão alcançando resultados alentadores, mas

cuja atuação não lhe dá tanta evidência quanto outra que labora no campo da oratória e que possui um nível de reconhecimento muito maior. Instigada pelos admiradores mais próximos, alentada pelo desejo de ser mais conhecida e respeitada, começa a se aventurar no campo da oratória recebendo o elogio dos circunstantes. Todavia, observadores mais percucientes, notam que as peças oratórias da médium psicofônica nada mais são do que cópias ou pastiches da oradora original e procuram clarificar a questão aconselhando-a permanecer na sua atividade inicial na qual sempre se houve bem. Ferida em seu orgulho pessoal e espicaçada em sua vaidade narcisista, a médium psicofônica se recusa a permanecer no anonimato pois deseja alcançar, para atender seus problemas emocionais da origem humilde e dificultosa, uma situação em que seja colocada em evidência e aplaudida pelas multidões. É feito então um esclarecimento público sobre a questão, valendo como motivo para a médium psicofônica colocar-se na condição de vítima. Lança-se ela então, agora com uma motivação mais forte ainda, no campo da oratória, para apagar a imagem de pastichadora e com um denodo impressionante continua suas atividades no campo da desobsessão e se dedica também às atividades da oratória onde vai ganhando a cada dia um número maior de admiradores, mas nada produzindo de original, nada criando, senão apenas dando outra roupagem para as peças produzidas pela outra, a original.

Em um caso suposto como o que acabamos de apresentar, evidenciamos um mecanismo de natureza anímica preenchendo os “vazios mediúnicos”, e como conseqüência da situação emocional familiar, como compensação dos complexos de inferioridade, uma necessidade de competir com quem está em plano de sucesso e evidência, principalmente depois de ter sido publicamente acusada de pastichadora das peças oratórias originais. Ouve as palestras da outra mais de uma vez, remastiga-as e as reformula dando-lhes outra roupagem, num fenômeno típico de busca de identificação com o seu modelo. Mecanismos de natureza inconsciente, automáticos, fora do controle da vontade no instante de sua erupção, mas acalentados anteriormente pela necessidade de “provar” sua faculdade mediúnica, caracterizam o animismo, ou a personificação. E quando isto tudo não funciona ainda, há o jeito de introduzir falsificações, inicialmente conscientes, mas que, pela repetição, se tornam automáticas e inconscientes, caracterizando o fenômeno da mistificação. Como se vê, é preciso conhecer o médium e os mecanismos da mediunidade para se poder diferenciar os fenômenos mediúnicos, anímicos, de mistificação e fraude.

11) Exercícios espirituais orientais, tais como a meditação, ajudam o desenvolvimento da mediunidade?

Tudo o que faz o indivíduo desenvolver a

tranquilidade, o equilíbrio, a confiança, ajuda o desenvolvimento da mediunidade.

12) Atingindo as culminâncias da evolução, o animismo substituiria o mediunismo?

São dois fenômenos diferentes e um não é menor que outro, portanto não vemos possibilidade de o animismo substituir a mediunidade. Como a evolução é interminável, sempre teremos alguém que esteja em outro nível e superior ao nosso, servindo a mediunidade como meio de comunicação. Admitindo, porém, que a evolução atinja sua culminância com a identificação, com o Princípio Criador, sem o espírito perder sua individualidade, ao espírito restaria a faculdade do animismo como meio de comunicação.

13) De um modo geral, mediunidade significa provação ou expiação, logo, dor, sofrimento. Eu perguntaria: animismo, que traduz fenômenos decorrentes de energia própria, seria uma conquista espiritual de quem é capaz de os exercitar?

Não acreditamos que a mediunidade de um modo geral signifique sofrimento e dor. Tanto quanto o animismo, a mediunidade é um mecanismo psíquico que possibilita ao espírito comunicar-se com seres de níveis vibratórios diversos. Animismo e mediunidade portanto são mecanismos que denotam desenvolvimento psíquico.

14) É aconselhável descartarmos de jóias, relógios e anéis durante os trabalhos mediúnicos?

A "qualidade" dos passes decresce quando utilizamos tais objetos?

Há certas práticas que se vão instituindo em nosso meio como frutos da ignorância doutrinária e da necessidade mítica e ritualista que caracterizam os espíritos primários. Os objetos de metal, conquanto tenham em torno de si seus campos vibratórios particulares, não impedem que a mente humana os domine e sobre eles se sobreponha. É mais folclórica do que necessária a atitude teatral de se despojar de tais objetos para a aplicação de passes ou participação em eventos mediúnicos. Se assim não fosse, não poderíamos entender como poderiam participar de atividades práticas companheiros possuidores de obturações dentárias de material nobre e portadores de placas de platina em sua ossatura...

A mente humana tem potenciais ainda desconhecidos e incomensuráveis. Tal história nos faz lembrar a parábola do Evangelho em que a preocupação farisaica é tamanha que se filtra um mosquito e acaba-se engolindo um camelo.

15) A captação do caráter de uma pessoa, sem conhecê-la, é um fenômeno anímico?

Basicamente tal percepção se deve a mecanismos anímicos que todos nós possuímos e nem sempre temos sabido utilizar, ou muitas vezes os confundimos com a mediunidade.

16) Qual a diferença entre mediunismo e mediunidade? Como podemos distinguir mistificação mediúnica de uma mensagem mediúnica autêntica?

O mediunismo seria a potencialidade e a mediunidade a potência educada. Na segunda parte de "O Livro dos Médiuns" há um capítulo que trata do assunto e, em resumo, dá valor ao estilo, à forma, ao conteúdo, à lógica enfim. A mensagem mediúnica autêntica resume simplicidade, clareza, objetividade, profundidade, beleza e não é apenas a continuação das idéias pretenciosas do médium, nem tampouco revela as suas segundas intenções...

17) Como devemos entender o perispírito, como um elemento energético, ou seja, o protoplasma nas nossas forças biológicas?

O perispírito é um corpo de natureza energética que serve de modelo estruturador biológico, estando portanto ligado intimamente às forças vitais que impregnam o protoplasma das células do nosso corpo.

18) Qual a sua opinião sobre os "mártires", isto é, os que cultivam o sofrimento e a dor como método único de evolução?

Os que cultivam intencionalmente o sofrimento e a dor como método único de evolução não são mártires e sim masoquistas. Pessoas doentes e portadoras de desvios comportamentais. É atitude sábia, correspondendo ao instinto de conservação, evi-

tar-se a dor e o sofrimento evitáveis, suportando-os com resignação quando se tornam inevitáveis, mas jamais buscá-los como única forma de evolução.

19) Gostaria de saber mais a respeito do relacionamento do Espiritismo com o caráter moral. Por favor dê um exemplo.

Para um perfeito esclarecimento da questão recomendamos a leitura do livro de Allan Kardec "O Evangelho Segundo o Espiritismo", que se propõe a restaurar a base religiosa na área do conhecimento humano, como fundamental para a evolução da humanidade. Por se fundamentar no Evangelho de Jesus, o Espiritismo objetiva a elevação do homem ao plano superior através do desenvolvimento e exercício de suas virtudes espirituais. Uma pessoa que promova o mal, atingindo seu semelhante de maneira intencional, desencadeia um processo através da lei de causa e efeito em que se torna devedor, necessitando anular os efeitos do mal pela prática do bem, ao mesmo indivíduo ou a outro qualquer, nesta ou em uma próxima encarnação.

20) Na comunicação mediúnica sempre há a interferência do animismo do médium? Mesmo que ele esteja em estado completo de inconsciência?

Mediunidade e animismo são fenômenos distintos, ambos decorrentes do funcionamento de mecanismos mentais. Em toda comunicação mediúni-

ca caracterizada pela ação da mente de um espírito desencarnado sobre a do médium, tendo como resultante a mensagem, seja escrita ou falada, o elemento intermediário que funciona como filtro, a mente do médium, sempre interfere, mesmo que o fenômeno seja de natureza inconsciente, porque a ação ocorre de perispírito para perispírito.

21) Que é Telecinesia?

É um fenômeno de ação da mente sobre objetos materiais mudando-lhes temporariamente o seu estado de inércia. É a movimentação de objetos materiais pela ação da mente.

22) Pelo que entendi da sua palestra, o animismo é subjetivo e o mediunismo depende de uma comunicação que o médium recebe dos espíritos, portanto os dois são limitrofes. Pergunto: como podemos distinguir (nesta fronteira) o limite entre o animismo e a mediunidade?

Embora sendo dois fenômenos distintos, sua manifestação é aparentemente idêntica. Em ambos, no transe, há alterações marcadas de natureza neuro-vegetativa, como tremores generalizados finos de extremidade (não confundir com as agitações próprias dos fenômenos histéricos), sudorese, vasoconstricção periférica, hipotermia, taquicardia, hiperpnéia, etc. O que diferencia um fenômeno do outro é a sensação que o próprio médium ou sensitivo aprende a identificar, a maneira e forma da

mensagem, a linguagem e o estilo, o conteúdo e o objetivo da comunicação, bem como o conhecimento que se tenha, prévio, do médium ou do sensitivo, das suas idéias, dos seus projetos, dos seus sonhos, dos seus ideais, de seus objetivos... e da entidade comunicante. Realmente o trabalho de distinção é bastante sutil e minucioso em certos casos e simples e fácil nos que saltam à vista, bastando ter olhos para ver...

23) Qual sua orientação para que o Espiritismo não se multiplique por divisões, se os próprios líderes espíritas são os mais intransigentes e intolerantes?

A nossa orientação é a de que vivamos o Espiritismo com mais intensidade e menos interesses secundários. Que as chamadas lideranças sejam alcançadas natural e espontaneamente, mas nunca impostas e preparadas artificialmente. Que os verdadeiros líderes se conscientizem de seu papel útil e transitório, sabendo os limites de seu território e de sua ação, evitando se autopromoverem de maneira patológica, trocando os valores espirituais pelos galardões da terra...

24) Como e quando o espírito recém-desencarnado perde o perispírito, chegando a se sentir apenas uma consciência pensante e individual?

O espírito recém-desencarnado não perde o perispírito, sentindo-se uma consciência pensante e individual. O espírito se vai desfazendo de seu pe-

rispírito à medida que evolui. Ele se desagrega inteiramente quando o espírito alcança os limites máximos de pureza e de evolução espiritual, através da multiplicidade das suas reencarnações.

25) Foi-nos falado sobre o nível de consciência. Gostaria que o senhor nos esclarecesse a respeito do processo de aceleração de tal nível de consciência.

Os vários níveis de consciência se dinamizam e aceleram com medidas como: estudo, conhecimento, meditação, ação no bem, disciplina, tranquilidade, etc.

26) De acordo com sua palestra, os profetas eram médiuns. Se eram, que tipo de mediunidade possuíam?

Os profetas, de uma maneira geral, possuíam todos os tipos de mediunidade, desde as de efeito inteligente, entre as quais a psicofonia, psicografia, até as de efeito físico, como a materialização.

27) Como se desvencilhar do animismo e como ele pode nos prejudicar nas sessões práticas?

Não vemos porque devemos nos desvencilhar do animismo, como se ele fosse um fantasma. Devemos é saber que ele é comum, tem características próprias; aceitá-lo como um mecanismo psíquico normal embora inabitual; estudá-lo convenientemente, a fim de que, por falta de preparo e estudo, não seja confundido com mediunidade. Assim feito, não haverá prejuízo em nossas sessões práticas.

28) O que é sensitivo? É o mesmo que médium?

Usamos o termo sensitivo para os portadores de animismo e o termo médium para os portadores de mediunidade, conquanto muitos usem ambos os termos indistintamente.

29) Devemos submeter à aprovação dos mentores espirituais pelos "médiuns principais" a eleição de diretorias?

Era só o que faltava acontecer. Tamanho absurdo é impossível de imaginar nos dias atuais, embora tenhamos sido informados que ainda recentemente tal absurdidade tenha acontecido alhures onde um médium "sugeriu" a seus amigos, que estavam pleiteando participar de uma Casa Espírita, lhe fornecerem uma lista tríplice, onde constasse o nome da pessoa já previamente escolhida, para que o mentor do dito médium o confirmasse, o que realmente aconteceu. Diante do ocorrido, com suposta ação do mundo espiritual escolhendo o que já estava combinado, todos se congratularam... Felizmente tais exemplos são exceções pois, na maior parte das nossas Casas Espíritas, os elementos que as compõem são suficientemente conscientes e responsáveis para assumirem a responsabilidade da escolha, não fugindo das conseqüências de tal escolha por expedientes e subterfúgios infantis quanto o de submeterem ações de nossa alçada para que o mundo espiritual opine. Embora à primeira vista

possa parecer uma atitude de respeito para com o mundo espiritual, submeter a ele escolhas que devem ser assumidas por nós, no fundo tal atitude só demonstra o fanatismo e a fascinação que dominam certas mentes.

30) O senhor acha que no nosso processo evolutivo, nossa percepção irá se aprimorando, até que todos nós seremos capazes de ter desenvolvida a mediunidade? E o nosso organismo irá se tornando mais sutil?

Como não. A mediunidade é também evolutiva e à medida que o espírito se distancia do ponto inicial de sua evolução, sutaliza, perdendo gradativamente seus envoltórios mais densos.

31) Sabemos que a linguagem dos espíritos, no plano espiritual, é o pensamento. Existem espíritos desencarnados de diversos países e de outros mundos habitados. Ao desencarnar, lembram-se de várias línguas em razão de terem reencarnado em vários países e podem se comunicar com os encarnados através delas. E os que estão em outros planetas, inferiores e superiores à Terra?

Parece-nos que deva existir um fenômeno de adaptação e de equivalência de sinais significantes das idéias e pensamentos, podendo haver a intermediação de espíritos desencarnados próprios do nosso ambiente da Terra, que serviriam como intérpretes.